

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP

Cynara Teixeira Ribeiro

**Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas?
Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na
contemporaneidade**

Mestrado em Psicologia Social

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP

Cynara Teixeira Ribeiro

**Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas?
Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na
contemporaneidade**

Mestrado em Psicologia Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho.

SÃO PAULO

2008

BANCA EXAMINADORA

Agradecimentos

Ao meu querido pai, Hildeberto Ribeiro, quem primeiro despertou em mim, através do seu desejo e exemplo, o interesse pelo conhecimento acadêmico, agradeço por todo o indispensável apoio dado à realização deste projeto;

À minha querida mãe, Maria José Teixeira, quem também, através do seu exemplo e amor, me apontou um caminho e me ajudou a trilhá-lo, mostrando-me a importância de eu não ceder do meu desejo;

À minha querida irmã, Cybele Teixeira Ribeiro, por todo apoio e incentivo que foi capaz de me dar, ainda que à distância;

Ao meu querido Klaus, aquele que me ensina o que as palavras não dão conta de dizer, por todo inigualável companheirismo, compreensão e determinação, os quais foram ainda mais cruciais ao longo desta caminhada;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida;

Ao Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho, pela confiança em mim depositada desde o início, pelo incentivo dado ao trabalho e pela valorosa acolhida e contribuições às minhas questões e angústias;

Ao Prof. Dr. Oscar Cesarotto e à Profa. Dra. Michele Roman Faria, pela gentil aceitação ao convite para participar das minhas bancas de qualificação e de defesa e pelas valiosíssimas contribuições nelas compartilhadas;

Aos professores com quem tive contato no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que ofereceram sua leitura e contribuições preciosas a este trabalho, em especial à Profa. Dra. Miriam Debieux Rosa;

À Marlene, secretária do Programa de Psicologia Social, pelos inúmeros auxílios com as questões burocráticas e administrativas indispensáveis ao andamento do mestrado;

À equipe da Divisão de Intervenção e Prevenção do Departamento de Investigações sobre Narcóticos de São Paulo (DENARC/SP), em especial a Sônia, Marize e Carla;

A todos os sujeitos que aceitaram participar desta minha pesquisa, dos quais Maurício e Miro são alguns representantes;

À Profa. Dra. Elizabeth Saporiti e aos demais participantes do Seminário Psicanálise e Toxicomania do Fórum de Psicanálise do Campo Lacaniano de São Paulo, os quais, cada um a sua maneira, me ajudaram a conseguir avançar neste trabalho;

À Profa. Dra. Ana Laura Prates Pacheco, que me apresentou o Prof. Dr. Fernando Teixeira Grossi, o qual, por sua vez, me recebeu gentilmente no Centro Mineiro de Toxicomania, me disponibilizando textos que de outra forma seriam inacessíveis e me fornecendo importantes indicações de leitura;

Ao Prof. Dr. Fernando Megale, por compartilhar comigo suas idéias e conhecimentos preciosos, indispensáveis tanto para a minha formação como para este trabalho;

Ao Christian Dunker, pelo suporte oferecido através da minha análise pessoal, sem a qual este trabalho certamente não teria sido possível;

Aos amigos do Núcleo de Psicanálise e Sociedade e demais colegas da Pós-Graduação da PUC/SP, pela ótima convivência, incentivos e contribuições sempre tão importantes;

Aos amigos e professores da minha querida cidade Natal, em especial a Profa. Ms. Suely Holanda, Profa. Dra. Cynthia Medeiros e Profa. Dra. Rosângela Francischini, essenciais para que eu tenha podido chegar até aqui;

Às maravilhosas amigas Cíntia Lobato, Vivian Lobato e Sacha Lima, companheiras de vida em uma cidade estrangeira, que ajudaram a tornar a vida em São Paulo menos árdua;

Enfim, a todos cujos nomes não caberiam aqui, mas que certamente sabem da importância que têm neste caminho que estou trilhando...

Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade

Cynara Teixeira Ribeiro

Resumo

Universal e milenar é a prática humana de consumir drogas. Tentando desvendar as razões do efeito de fascinação provocado por essas substâncias nos seres humanos, muitos saberes se dedicam a estudar a sua utilização. Dentre esses, a psicanálise se diferencia por abordar o uso de drogas como uma resposta possível do sujeito ao mal-estar existente na civilização. De acordo com tal perspectiva, a maior visibilidade desse uso na contemporaneidade está relacionada ao advento da ciência e à profusão da ideologia liberal, as quais inauguraram uma nova modalidade daquilo que Lacan denominou de *discurso*: o *discurso do capitalista*, que se caracteriza por representar o imperativo de um gozo auto-centrado, em contraposição ao estabelecimento dos laços sociais. Nesse sentido, tomando essa modalidade de discurso como orientadora do agir na atualidade, se pretende investigar como esta se relaciona ao alarmante uso de drogas na contemporaneidade. Porém, para mais além disso, nos perguntamos também: como esse discurso incide sobre cada sujeito singular e que influência tem sobre a forma como cada um se relaciona com as drogas? E, nesse sentido, o quê delimita a diferença entre a condição mórbida que tem sido largamente denominada de ‘toxicomanias’ e a prática que se configura como o simples uso de drogas? Para pensar tais questões, serão analisadas duas entrevistas com sujeitos que fizeram uso de drogas, questionando se tais usos podem chegar a configurá-los como o que se designa de ‘toxicômanos’. Pretende-se que os achados proporcionados por essa pesquisa venham a propiciar uma melhoria no tratamento tanto dos chamados ‘toxicômanos’ quanto dos demais usuários de drogas, bem como possam fazer avançar a psicanálise enquanto campo de saber.

Palavras-chave: uso de drogas; ‘toxicomanias’; discurso do capitalista; psicanálise lacaniana; sociedade contemporânea.

Abstract

Universal and millenary is the human practice of consuming drugs. To understand the reasons of the fascination effect incited for these drugs in the human beings, a lot of learnings go in for studying their utilization. Among them, the psychoanalysis differentiates from the others for accosting the use of drugs as a possible answer of the fellow to unwell-being extant in the civilization. According to this perspective, the highest visibility of this use in the contemporariness is related to the advent of science and the profusion of the liberal ideology, which inaugurate a new way of that Lacan named of *address: the address of capitalist* characterizes for representing the imperative of an enjoyment self-centered, in opposition the establishment of the social links. In a sense, taking this form of address as guidance for acting at the present time, aims at going into how this way associates to the alarming use of drugs at contemporariness. However, furthermore, we also ask: how this address occurs on each single fellow and that influence has on the form as each one is related with the drugs? In this sense, which delimitate the difference between the morbid condition that has amply been named of 'drug addictions' and the practice of simple use of drugs? To think suchlike questions, they will be analyzed two interviews with fellows that used drugs, interrogating if such uses may to shape according to what assign of 'drug addicts'. With the results of this research, it aim at offering improvement in the treatment both of drug addicts and other users of drugs, as well as, making breakthrough in the psychoanalysis while field of knowing.

Keywords: Use of drugs; 'drug addictions'; address of capitalist; lacanian psychoanalysis; contemporary society.

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1 – Uso de substâncias tóxicas: história, modalidades e efeitos na subjetividade e no laço social	18
Formas de uso de substâncias tóxicas ao longo da história	19
Capítulo 2 – A visão da psicanálise acerca da utilização de substâncias tóxicas	28
A <i>Unterdrückung</i> freudiana	28
A função da droga na perspectiva lacaniana	38
Alguns desdobramentos das contribuições freudo-lacanianas a respeito do uso de drogas	48
Capítulo 3 – Contextualizando a pesquisa	57
O problema de pesquisa	57
A questão do método	63
Capítulo 4 – A pesquisa	66
Da <i>casa</i> à <i>rua</i> , da <i>rua</i> a <i>casa</i> : o caso Maurício	66
“Faça o que eu falo, não faça o que eu faço”... Ou ‘nem ouça o que eu falo, mas faça o que eu faço’: o caso Miro	76
Dialogando com os casos	86
Capítulo 5 – O momento de concluir	99
Referências Bibliográficas	105

Digo sempre a verdade: não toda,
porque dizê-la toda não se consegue.
Dizê-la toda é impossível,
materialmente: faltam as palavras.
É justamente por esse impossível
que a verdade provém do Real.

Jacques Lacan
Televisão

Introdução

A cada dia, somos testemunhas da grande visibilidade alcançada pelo fenômeno do uso de drogas na nossa sociedade ocidental capitalista contemporânea. Médicos, educadores, assistentes sociais e psicólogos são quase que diariamente convocados pela mídia para tratar desta temática, de forma que o consumo de drogas é hoje considerado, ao mesmo tempo, um problema de saúde mental e de segurança pública.

É bem verdade que a utilização de substâncias consideradas tóxicas consiste em uma prática milenar, realizada por diferentes povos e culturas. Mas também é igualmente verdadeiro que, nos dias atuais, este fenômeno é parte integrante da lógica capitalista de mercado que, utilizando-se de avanços científicos e tecnológicos, promove a industrialização, bem como a distribuição e venda de tais substâncias, de forma a gerar lucros gigantescos aos grupos que se encarregam desse comércio, que, apesar de ilegal, não deixa em nada a dever aos demais. Sabe-se inclusive que tais ‘mercadorias’ são vendidas tanto em portas de colégios e de grandes *shoppings centers* como nos morros das favelas – o que nos autoriza a dizer que se trata de um produto aparentemente ‘democrático’.

No interior do campo da psicanálise, o recurso às drogas é entendido como uma resposta possível do sujeito ao mal-estar que é inerente tanto ao processo de formação das sociedades e culturas como também à própria constituição psíquica do ser humano. Pelo menos, Sigmund Freud assim o disse no texto “O mal-estar na civilização”, de 1930. Para o criador da psicanálise, o desenvolvimento das civilizações, bem como do psiquismo, impõem sacrifícios à sexualidade e agressividade constituintes do humano e, dessa maneira, a vida torna-se “árdua demais”. A fim de suportar tais sacrifícios, temos que lançar mão do que Freud chamou de “medidas paliativas”, que, de acordo com esse texto freudiano, podem ser de três tipos: os derivativos poderosos, as satisfações substitutivas e as substâncias tóxicas.

Para Freud, destes, o método mais “interessante” de evitar o sofrimento são as substâncias tóxicas, por agirem diretamente sobre a química do corpo humano e, assim, tornar os homens insensíveis à própria desgraça. Pois, segundo ele, “todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado” (Freud, S., 1930/1996, p. 85). Nesse sentido, certas substâncias tóxicas “quando presentes no sangue ou tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando tanto, também as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis” (Ibid, p. 86).

Apesar de em todo o seu texto considerar o recurso às drogas de uma forma geral, em alguns momentos Freud refere-se a esse fenômeno utilizando o termo *intoxicação* e, em outros trechos, fala em *intoxicação crônica*. O primeiro termo é apresentado no texto como um meio de buscar a felicidade e realizar o programa do princípio do prazer e o último como um “consolo” para o homem que fracassa em alcançar tal finalidade pelo caminho da neurose. Nessa perspectiva, o adjetivo “crônico” usado por Freud parece caracterizar uma determinada forma de satisfação obtida a partir de uma específica utilização do tóxico e estabelecer uma distinção em relação às demais. Mas pode-se, de fato, afirmar que na contemporaneidade existem modalidades distintas de relação do sujeito com as drogas?

A posição que vamos defender neste trabalho é que sim, pois o consumo de drogas em uma ‘balada’ por grupos que querem simplesmente obter uma forma de diversão *a mais* nos parece ser diferente daquele de um sujeito que, por mais que se esforce e tenha sua vida arruinada por tal prática, não consegue dela prescindir. A partir dessa perspectiva, mesmo para aquele que decide pelo recurso às substâncias tóxicas como uma maneira de suportar o mal-estar inerente à civilização e ao psiquismo humano, restaria ainda uma outra possibilidade de *escolha*: drogar-se ou intoxicar-se cronicamente.

A respeito do fenômeno da intoxicação, Freud chamou a atenção para dois conceitos que considerava indispensáveis para a sua compreensão: narcisismo e libido objetal. No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914, ele afirmou a existência de uma libido adequada ao eu (narcísica) e de uma outra ligada aos objetos (objetal), que apresentam, entre si, uma relação inversamente proporcional, ou seja, quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A idéia apresentada nesse texto é que todo ser humano é constituído de um narcisismo primário, através do qual eleger a si mesmo como objeto sexual, que pode, em um segundo momento, promover a vinculação da libido às pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção, isto é, sua mãe ou quem quer que a substitua. As pessoas que adotam como modelo “não sua mãe, mas seus próprios eus”, procurando a si mesmas como objeto amoroso, “exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado ‘narcisista’” (Freud, S., 1914/1996, p.94).

De acordo com alguns autores, na contemporaneidade, há uma proliferação de relações que se podem denominar de ‘narcísicas’. Para o psicanalista Nelson da Silva Júnior (2003), por exemplo, a virtualização dos objetos de satisfação na contemporaneidade desvia significativamente o vetor da satisfação libidinal para o interior do sujeito, o que equivale a um deslocamento do investimento objetal da libido para o investimento narcísico. Tendo isso em vista, para nós, fica a questão: no caso do recurso às drogas na contemporaneidade, trata-

se de uma escolha de objeto narcisista? E, se for, isso é igualmente válido tanto para a intoxicação crônica, chamada pelo discurso social e médico de ‘toxicomanias’, como para as demais formas de uso?...

Em sua análise sobre o recurso aos tóxicos, Freud também destacou a oposição entre a rigidez da própria escolha de objeto na satisfação tóxica e sua plasticidade na satisfação erótica. Isso porque, se na satisfação tóxica só há um objeto capaz de satisfazer a pulsão, na relação do amante com o objeto sexual, este último é incapaz de proporcionar ao primeiro uma satisfação completa, pois representa apenas um dos substitutos, em meio a uma série infinita, do objeto originário. Nas palavras de Freud (1912/1996), o bebedor não tem nenhuma necessidade de mudar frequentemente de bebida, porque se assim o fizesse, logo se cansaria desta outra, como se fosse a mesma e, assim, é alguém que rompe com a plasticidade característica da relação da pulsão com o objeto e se lança no que, na perspectiva freudiana, foi nomeado de “casamento feliz” com a garrafa.

No entanto, se na atualidade alguns autores propõem as drogas como mais um objeto de consumo, comparável aos demais *gadgets* produzidos pela ciência, como pensar essa relação de fidelidade ao produto, já que o consumo capitalista caracteriza-se justamente pela insatisfação a médio prazo do consumidor com o objeto, o que faz com que o sujeito queira sempre outro produto, já que o comprado em pouco tempo torna-se obsoleto? Sendo assim, é interessante perguntar-se se todo e qualquer uso de substâncias tóxicas na contemporaneidade apresenta essa fidelidade descrita por Freud para caracterizar o “casamento feliz” entre o bebedor e o vinho, ou se tal afirmação apenas diz respeito a uma modalidade específica que é denominada por alguns como ‘toxicomanias’? E se tal fidelidade apenas disser respeito ao dito ‘toxicômano’, somente o sujeito que não se enquadre nessa denominação seria comparável ao ideal de consumidor contemporâneo?...

Se Freud usou o termo casamento para caracterizar a fidelidade ao produto do bebedor ao vinho, Jacques Lacan, por sua vez, utilizou, posteriormente, este mesmo termo para caracterizar a infidelidade de determinados sujeitos para com o falo. Para este psicanalista francês, não há outra definição da droga que esta: é o que permite ao sujeito romper o casamento com o gozo fálico (ou o pequeno-xixi). Mas, ainda assim, fica a questão: será que em todo consumo de drogas há uma ruptura do sujeito com o gozo fálico? A modalidade de gozo obtido com as drogas poderia ser, então, um indicativo da posição do sujeito em relação a esses objetos tóxicos?

Aparentemente diferentes dos ditos ‘toxicômanos’ seriam os ‘usuários’. Curiosamente, ‘usuário’ é um termo que designa aquele que faz uso e, assim, se aproxima semanticamente da

palavra ‘consumidor’. Vamos trazer aqui, apenas a título de ilustração, o exemplo de alguns participantes de comunidades do *Orkut* que fazem uma espécie de apologia ao uso de drogas. Usuários declarados de drogas consideradas ilícitas, eles mostram que além das drogas, gozam com diversos outros objetos: baladas, sexo, modificações corporais etc. Explicitamente, estas pessoas compartilham da crença de que são “modernas” – o que, de forma irônica, é ratificado por participantes de outras comunidades nomeadas “sou careta, não uso drogas”, “diga não aos modernismos, diga não às drogas” etc. Não estariam, estes sim, “os modernos”, inseridos no ideal capitalista? Não se poderia pensar que é para esses sujeitos que as drogas comparecem como um *gadjet*?

Nos depoimentos no *Orkut* desses usuários declarados de drogas há uma nítida exibição do prazer obtido por eles através das várias substâncias de que fazem uso. Enquanto nos considerados ‘toxicômanos’ parece haver também, no mais das vezes, alguma dimensão de sofrimento insuportável, em tais usuários parece haver apenas prazer – apesar de desconfiarmos de que não é bem assim! Nos encontros com as drogas descritos por eles, não parece haver espaço para a falta, só para a completude: eles ‘elegem’ o melhor encontro, mas declaram que todos (ou quase todos) são ótimos, não há nenhuma referência à abstinência ou a qualquer coisa do tipo. Se as drogas podem fazer cessar os efeitos da castração, nesses usuários, parece haver, de fato, uma *ilusão* de controle que vai na contracorrente do termo ‘dependente’. Aliás, a própria existência no *Orkut* de um espaço em que esses usuários compartilham suas experiências com as drogas já parece indicar algo da instauração de um laço social a partir destas substâncias, o que certamente não condiz com o que alguns autores e psicanalistas afirmam acerca das chamadas ‘toxicomanias’.

Nas Civilizações Antigas, as substâncias com propriedades semelhantes às que têm as drogas hoje eram denominadas de *phármakon*, termo que recobria o campo semântico do medicamentoso e do venenoso. Será que também na atualidade se pode pensar nessa dupla acepção das drogas? E se sim, para quem as drogas seriam um veneno e para quem as drogas seriam um remédio? É possível pensar que nas ditas ‘toxicomanias’ o *phármakon* aparece em sua dimensão de veneno enquanto que nos considerados ‘usuários’ compareceria como remédio para a dor de viver? Talvez isso pudesse explicar o porquê de alguns sujeitos considerados ‘toxicômanos’ procurarem tratamento, enquanto os denominados ‘usuários’ muito dificilmente o fazem...

Nesse sentido, “torna-se, então, necessário poder situar-se, precisamente, o lugar que a droga ocupa no modo particular de satisfação de um sujeito determinado” (Santiago, J., 2001, p. 110). Em outras palavras, é de suma importância ter ferramentas teóricas que possibilitem,

a nós, psicanalistas, diferenciarmos as várias formas de uso de drogas, para que, assim, possamos fazer um uso mais cuidadoso e criterioso desse termo ('toxicomania') que, segundo Lacan (1966), tem sido usado de uma maneira puramente policial.

De fato, diversos saberes estabelecem uma diferenciação entre as variadas "modalidades" de relação com a droga: a medicina, a psiquiatria clássica, as ciências sociais etc. No entanto, a psicanálise diferencia-se desses saberes por acreditar que os critérios capazes de diferenciar os usuários e formas de uso existentes pautam-se não na frequência do uso ou na quantidade utilizada, mas na relação que cada sujeito singular estabelece com a(s) substância(s) tóxica(s).

Isso porque, para a psicanálise freudo-lacaniana, o conceito de sujeito é empregado com um sentido muito peculiar. Um sentido que difere completamente da forma como ele é concebido por outros campos de saber, nos quais se considera haver uma equivalência entre sujeito e indivíduo. Etimologicamente falando, indivíduo significa alguém que é uno, indivisível e que, portanto, coincide consigo mesmo. Nada mais destoante do que se entende como sujeito em psicanálise, pois este é concebido como marcado, desde a sua constituição, por uma divisão que o acompanhará por toda a vida e que se manifestará independentemente de sua vontade.

De acordo com Luís Cláudio Figueiredo (2000), a noção de indivíduo se constituiu no período histórico que se convencionou chamar de Idade Moderna, especificamente a partir do surgimento da Ciência Moderna, que teve como marco o enunciado do filósofo francês René Descartes¹: "Penso, logo sou", que deu origem ao sujeito do pensamento. Por sua vez, a concepção de sujeito em psicanálise, cuja construção foi iniciada por Freud e continuada por muitos outros psicanalistas – dos quais iremos nos deter em Lacan – ao mesmo tempo se aproxima e se diferencia da máxima cartesiana: aproxima-se porque o sujeito da psicanálise também é um sujeito de pensamento e distingue-se porque esse pensamento é *inconsciente* (Garcia-Roza, 2000).

Nesse sentido, podemos pensar que a psicanálise de certa forma subverteu o sujeito cartesiano, pois este, "na medida em que é sujeito de pensamento, significa auto-consciência e mestria. O sujeito de pensamento, como pensamento inconsciente, significa o sujeito como escravo, não mestre" (Soler, C., 1997, p.55). Escravo de um saber não sabido, um saber que ao mesmo tempo se revela e se esconde: o saber do inconsciente.

¹ Descartes é considerado um dos principais responsáveis pela instauração da Ciência Moderna e pela noção de subjetividade que se desenvolveu a partir daí. No entanto, a subjetividade cartesiana é referente ao sujeito do pensamento racional, visto que este filósofo considerava essa forma de pensamento como condição de ser, de existir.

Na perspectiva psicanalítica, o momento inaugural da fundação do sujeito não coincide, de forma alguma, com o nascimento de um filhote de humano. Nesse sentido, o processo de subjetivação não pode ser concebido como um dado natural ou biológico, mas, pelo contrário, como resultado da carência instintiva que caracteriza a espécie humana e a faz dependente do Outro. É tanto que, para se constituir como sujeito, o bebê precisa ser tomado pelo outro como “sua majestade o bebê”, tal como Freud articulou em seu já citado texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” e passar pelo estágio do espelho e pelas operações de alienação e separação, descritas por Lacan respectivamente nos textos “O estágio do espelho como formador da função do eu”, de 1949, e “Seminário XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, de 1964².

É justamente esta noção de sujeito, tal como iniciada por Freud e desenvolvida por Lacan, que nos possibilita falar em diferentes encontros possíveis com o mesmo objeto, dentre eles, o ‘objeto droga’. Mas, que diferentes fatores subjetivos estão em jogo em cada um desses encontros? E, se existem diferentes encontros do sujeito com o tóxico, se pode dizer que ‘a droga’ é um mesmo objeto ou em cada uma desses encontros ela ocupa o lugar de um objeto específico? Que influência isso teria para o tratamento de sujeitos ditos ‘toxicômanos’ e aqueles que se apresentam como apenas ‘usuários’ (se é que estes últimos chegam a demandar algum tipo de tratamento)? Que repercussões a consideração de que há diferentes formas de se relacionar com as drogas poderia ter para as legislações existentes sobre as substâncias tóxicas? Estas são algumas das perguntas que devem nortear os estudos a serem desenvolvidos nesse campo e as quais tentaremos, ao longo deste trabalho, responder minimamente.

Com esse intuito, apresentaremos a seguir, como o primeiro capítulo deste estudo, um levantamento bibliográfico que se propõe a situar o fenômeno do uso de substâncias tóxicas ao longo da história, passando pelo uso de plantas, ervas e raízes com propriedades entorpecentes desde os povos primitivos até as civilizações antigas, os povos medievais, os da Idade Moderna, chegando aos dias atuais, denominados de contemporaneidade.

No segundo capítulo, por sua vez, iremos proceder uma investigação teórica acerca do estudo do uso de substâncias tóxicas no interior do campo da psicanálise, partindo das investigações pré-psicanalíticas de Freud, juntamente com o seu médico e amigo Wilhem Fliess, até as elaborações mais acabadas deste pensador sobre o assunto, no já citado “O mal-

² Para um estudo mais aprofundado da constituição do sujeito em Freud e Lacan, recomendamos o livro “Constituição do sujeito e estrutura familiar – o complexo de Édipo de Freud a Lacan”, da psicanalista Michele Roman Faria, e “O olhar do engano: autismo e Outro primordial” (2000), da psicanalista Lia Ribeiro Fernandes.

estar na civilização”. Na seqüência, vamos analisar como o tema aparece na obra de Lacan, extraíndo daí as contribuições mais importantes para pensarmos a nossa questão. Finalizando o capítulo teórico, escolheremos alguns autores psicanalistas, seguidores de Freud e de Lacan, que, nos dias de hoje, se dedicam a pensar o tema do uso de drogas, mostrando algumas das profundas controvérsias teóricas e clínicas que ainda existem a respeito do tema e como nos posicionamos em relação a elas.

No capítulo seguinte, o terceiro, faremos uma contextualização da pesquisa propriamente dita, delimitando tanto o problema de pesquisa a ser investigado, no que diz respeito à diferenciação entre as formas contemporâneas do uso de drogas na psicanálise e em outros campos do saber, como também explicitando a peculiaridade do método psicanalítico de fazer pesquisa. Para tanto, reuniremos os posicionamentos de alguns psicanalistas a respeito destas questões, visto que, tanto no que tange a diferenciação entre as modalidades de uso de drogas como no que toca ao fazer pesquisa em psicanálise, não há unanimidade.

O quarto capítulo será dedicado à parte prática, propriamente dita, desta investigação que estamos desenvolvendo. Nessa perspectiva, serão analisadas duas entrevistas realizadas com sujeitos, ambos de sexo masculino, que afirmaram ter feito uso de drogas consideradas “ilícitas” ou “ilegais”. As entrevistas serão analisadas tanto uma a uma como em conjunto, ou seja, primeiramente será relatado e analisado a história de cada sujeito, nos moldes de uma análise de caso, e, posteriormente, estas falas serão (re)tomadas em conjunto, para que sejam analisados determinados aspectos considerados relevantes. O intuito dessas análises será o de avaliar que elementos podem ser indicativos de um gozo que alguns autores caracterizam como ‘toxicômano’ ou não. Logicamente, não se trata de ‘diagnosticar’ os sujeitos em questão, mas sim de pensar como, a partir de suas vivências, suas falas, seus atos (ou atuações), podemos extrair contribuições para as questões que nos propomos a investigar: há diferenças entre as formas de uso de drogas?; se sim, quais?

É importante salientar que, apesar da escuta a esses sujeitos entrevistados ter sido orientada pela psicanálise, as questões que foram colocadas para eles foram amplas e apenas apareceram de forma pontual, visto que foi priorizada a fala sob associação livre. Desse modo, buscou-se não enviesar essas entrevistas, o que seria passível de acontecer caso esses sujeitos fossem confrontados com questões propriamente psicanalíticas, que buscassem apenas confirmar ou refutar a teoria.

Por fim, no último capítulo, terá chegado o momento de concluir este trabalho e apresentar as considerações que foram possíveis apreender e elaborar acerca do nosso problema e questão de pesquisa. Certamente, isso não significará conclusões fechadas, fixas,

imutáveis, mas sim formatações que continuarão a nos fazer trabalhar: pesquisar, estudar, pensar, atender... Em uma gradação infinita, interminável, pois, como já nos disse Lacan (1974/1993), na citação que usamos como epígrafe desta dissertação, é impossível dizer tudo, pois as palavras não dão conta...

1. Uso de substâncias tóxicas: história, modalidades e efeitos na subjetividade e no laço social

Desde os primórdios da civilização, diversas foram as sociedades e culturas em que o uso de certas substâncias, dotadas de propriedades estimulantes, sedativas ou extasiantes, capazes de promover alterações no que é concebido como sendo os estados de consciência dos seres humanos, foi um recurso dotado de importância social e subjetiva. Prova disso é que, ao longo da história, tais substâncias foram muitas vezes consumidas pelos mais diferentes motivos: como parte integrante de rituais socialmente construídos e legitimados, para amenizar dores, fomentar a capacidade física e psicológica nos fronts de batalha, proporcionar bem-estar subjetivo e até mesmo matar inimigos ou provocar a própria morte, entre outros.

Apesar desse consumo tão disseminado historicamente, é possível perceber que nos diferentes contextos sócio-culturais em que esteve inserida, a utilização de plantas, ervas, raízes ou mesmo de substâncias produzidas pela análise e pela síntese química estiveram revestidas de efeitos de sentido diversos. Tal fato se justifica porque o que delimita o sentido de uma prática em um determinado momento e lugar não é pura e simplesmente a sua realidade objetiva, mas sim e principalmente as relações subjetivas e sociais que um dado grupo estabelece com a mesma.

Consonantes com tal afirmação, pesquisas etnológicas constataram que diferentes povos, ao fazerem uso das mesmas substâncias tóxicas, obtiveram delas efeitos psíquicos opostos. Um exemplo disso foi o estudo realizado pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1970) que constatou que tanto os povos siberianos como as populações vikings costumavam fazer uso da *Amanita muscaria* e que, no entanto, enquanto os primeiros obtinham desta substância um transe pacífico e agradável, os segundos manifestavam, após o consumo da mesma, uma fúria violenta. De forma semelhante, de acordo com Eduardo Furtado Leite (2005), também os Waraos e os Guajiros, ambos povos indígenas das Américas, obtinham, a partir do uso do tabaco, efeitos psíquicos diversos.

Sendo assim, nos propomos a realizar um breve passeio pela história no intuito de explicitar algumas das peculiaridades existentes na utilização de certas substâncias tóxicas em diferentes sociedades e culturas, enfatizando como as relações sociais nelas existentes eram determinantes do caráter ora religioso, ora medicinal, ora lúdico, ora político e econômico que tais substâncias assumiram em contextos específicos. Além disso,

pretendemos analisar também o consumo de drogas existente na nossa sociedade contemporânea, explicitando as suas especificidades em relação ao uso de substâncias tóxicas feito em outros contextos sócio-histórico-culturais.

1.1. Formas de uso de substâncias tóxicas ao longo da história

Já nos tempos mais remotos, os seres humanos dispunham de um saber a respeito das propriedades singulares de diversas plantas alucinógenas. Tanto nas sociedades arcaicas como nas comunidades indígenas, cuja organização se dava essencialmente de acordo com as forças da natureza e dos deuses delas representantes, o uso de substâncias tóxicas, tais como a papoula, a coca e o cogumelo, se dava de forma articulada à realização de certos rituais de caráter mítico³.

Com esses rituais, os povos primitivos pretendiam cumprir com as regras e cerimônias necessárias ao culto das entidades míticas em que acreditavam para, dessa forma, obter a harmonia entre si, com os deuses e com a natureza. Em tais práticas, o xamã, sacerdote ou outro representante da espiritualidade tribal considerava que, através da música, da dança ou do uso de certas substâncias tóxicas, estabelecia-se uma ligação entre a tribo e o mundo habitado pelos seres sobrenaturais. De modo que o próprio representante chegava, por vezes, a incorporar alguma entidade divina ou mesmo receber os poderes mágicos característicos da mesma.

Nesse contexto, a substância tóxica, de forma semelhante à música e à dança, é tida como um saber sobre a natureza, uma sabedoria que proporciona uma ligação com o divino e que é capaz de afastar as desgraças e de apaziguar a dor. Assim, o recurso ao tóxico nas sociedades míticas é dotado de um significado compartilhado e suscetível de receber um conteúdo suplementar à ação propriamente desempenhada pela substância. Ou seja, em tais contextos sócio-culturais, não é a substância que é percebida como dotada de poderes alucinógenos, mas sim o ritual que é encarado como possibilitador de experiências transcendentais. O tóxico é, portanto, entendido como complementar ao transe e não como condição para ele.

³ De acordo com Maria Amália Andery et al. (1988), o mito é “uma narrativa que pretende explicar, através de forças ou seres considerados superiores aos humanos, a origem, seja de uma realidade completa como o cosmos, seja de partes desta realidade; pretende também explicar efeitos provocados pela inferência desses seres ou forças. Tal narrativa não é questionada, ela é objeto de crença, de fé; nessa medida, se refere à religião, ao místico. [...] apresenta uma espécie de comunicação, de um sentimento coletivo; é transmitido através de gerações como forma de explicar o mundo, explicação que não é objeto de crítica ou discussão, ele une e canaliza as emoções coletivas, tranquilizando o homem num mundo que o ameaça” (p.22-23).

Desse modo, o uso de substâncias tóxicas no interior destas sociedades é permeado de um sentido religioso, espiritual ou místico, que, por isso mesmo, proporciona o estabelecimento dos laços sociais, já que é em torno dos mitos e dos rituais a eles subjacentes que essas sociedades se estruturam e que os seus integrantes se reconhecem como semelhantes, transmitindo às gerações futuras o sentimento de coletividade e as relações de parentesco.

Por sua vez, nas sociedades antigas, o uso de substâncias hoje consideradas tóxicas destinou-se a fins diversos: podiam conduzir à cura, à diversão e até mesmo à morte. Daí tais substâncias terem sido denominadas pelos gregos pelo termo *phármakon*, o qual pode significar simultaneamente droga curativa, remédio e veneno, apresentando, assim, um sentido amplo, que recobre o campo semântico do salutar, do medicamentoso e do venenoso.

Além de curar, divertir e matar, o *phármakon* era considerado na Grécia Antiga como um modo de ampliar a consciência dos iniciados e de alguns intelectuais e, assim, conduzi-los a um mais elevado estado de conhecimento e a uma maior aproximação com a verdade. Essa perspectiva foi amplamente difundida por muitos filósofos, os quais faziam reuniões, regadas principalmente a vinho, para discutir questões sobre a vida e a natureza, sobre o amor e o sexo. Além disso, existem alguns textos⁴ escritos no período da Antiguidade em que o uso do *phármakon* aparece associado à conquista de sabedoria e de poder.

Nesse sentido, na civilização grega, o *phármakon* estava associado ora ao conhecimento, ora à diversão, ora à guerra, visto que ao mesmo tempo em que podia salvar os aliados, apaziguando-lhes a dor, podia também matar os inimigos, através de uma dose letal. Em tal contexto, poder-se-ia pensar que as substâncias tóxicas eram utilizadas de forma mais articulada às questões propriamente humanas, porém não podemos esquecer que imaginariamente esta prática estava relacionada ao poder divino, visto que, nas sociedades antigas, acreditava-se que eram os deuses que, em última instância, regulavam a vida dos homens, pois aqueles, como seres perfeitos e sábios que eram, é que poderiam revelar a estes a Verdade e conduzi-los ao Bem. Como um célebre exemplo da relação entre o recurso ao *phármakon* e a crença em entidades divinas nesse período histórico, podemos citar os cultos báquicos⁵.

Porém, os gregos consideravam que da mesma forma que o bom uso do *phármakon* era

⁴ Homero (séc. IX a.C./1996). *Odisséia*; Homero (séc. IX a. C/ 1996). *Iliada*; Platão (385-370 a.C./2003). *Fédro: diálogo sobre a alma e morte de Sócrates*.

⁵ Na civilização grega, Baco era o Deus do Vinho, considerado promotor da civilização, legislador e amante da paz. Em homenagem a ele, eram realizados os cultos báquicos, durante os quais costumava-se beber muito vinho e os homens, possuídos de delírio, profetizavam, entre fanáticas contorções.

consagrado pelos deuses com o desvelamento do conhecimento e da Verdade, o excesso poderia levar a uma das quatro formas de loucura⁶ descritas por Platão: a embriaguez, também chamada de loucura de Dionísio (Carneiro, 2006). Dessa maneira, enquanto, por um lado, o uso moderado do tóxico favorecia o estabelecimento dos laços sociais entre os antigos, por outro lado, o seu excesso era encarado como conduzindo à solidão e à desrazão da loucura.

Já com a passagem para a Idade Média, por ocasião das invasões dos povos bárbaros à boa parte do território europeu, e com o advento do Cristianismo, a religião católica passou a desempenhar papel fundamental na regulação dos costumes e da vida em sociedade do povo medieval. Nesse contexto, a distinção feita pelos antigos entre o bom uso e o consumo excessivo enfraqueceu-se, a utilização de substâncias tóxicas passou a ser proibida devido à crença Cristã na aceitação do sofrimento como prova de resignação frente aos desígnios divinos e os tóxicos passaram a ser vistos como produtos imorais e fontes de pecado.

A economia moral medieval condenava a usura, o luxo e o consumo dos prazeres e, nesse contexto, o êxtase obtido através de certas substâncias passou a ser associado com um comportamento hedonista e pecaminoso, sendo, portanto, considerado condenável. Outro argumento em voga na censura aos tóxicos era o da ética cristã medieval da proporcionalidade necessária entre o esforço e a recompensa, segundo a qual não poderia haver bens ou prazeres desproporcionais ao suor derramado para a sua obtenção. Tal lógica não condizia ao prazer sem esforço propiciado pelo consumo de substâncias tóxicas e, portanto, este último consistia em um objeto de condenação moral pela mentalidade medieval.

Já na Idade Moderna, quando os grupos humanos deixaram os feudos e voltaram a se organizar em cidades, de acordo com as atividades especializadas que passaram a exercer, começou a existir a necessidade do comércio, já que as pessoas não produziam mais todos os bens de que necessitavam, bem como da circulação de moedas, o que caracterizou o surgimento do Modo de Produção Capitalista.

Nesse contexto, as substâncias tóxicas desempenharam um papel relevante tanto do ponto de vista cultural e social como nos âmbitos político e econômico. Isso porque, com a alteração da doutrina da economia moral medieval para a economia capitalista, tanto o consumo como o lucro passaram a ser amplamente valorizados, o que impulsionou o

⁶ Para Platão, são quatro as formas de loucuras existentes, cada uma das quais provocada por um deus: o amor (proveniente de Eros), a loucura profética (proveniente da Pitonisa), a poesia (proveniente das Musas) e a embriaguez (proveniente de Dionísio).

crescimento da atividade comercial, especialmente pela via marítima, de muitos produtos com propriedades consideradas aditivas⁷, que passaram a circular livremente entre os continentes, fazendo com que sua demanda e consumo aumentassem, bem como os lucros provenientes da sua venda. Foi assim que a palavra droga, oriunda do termo holandês *droog*, que designa os produtos secos do ultramar, surgiu.

Nesse sentido, podemos concluir que tais substâncias, denominadas de *droog*, desempenharam um papel especialmente relevante na expansão do capitalismo, pois foi principalmente através da acumulação do capital proveniente do comércio marítimo destas mercadorias que o modo de produção capitalista ganhou força e se alastrou pelos continentes. Como exemplo mais contundente dessa associação é possível citar a importância do comércio do ópio na China para o enriquecimento da Inglaterra⁸ e, conseqüentemente, para a posterior industrialização deste país.

A partir de determinado momento, a sociedade capitalista passou a demandar um desenvolvimento técnico e científico que potencializasse as trocas comerciais e maximizasse a produção industrial, o que propiciou o surgimento da Ciência Moderna, a qual visava uma forma de conhecimento estritamente racional⁹ e o domínio do homem sobre a natureza. A partir daí, o conhecimento desvinculou-se do misticismo e da religião, os quais forneciam as explicações sobre o mundo nos momentos históricos anteriores, e passou a ser norteado pela preocupação central com as relações entre homem e natureza e pela busca de um saber prático, que pudesse servir ao homem, em contraposição ao saber considerado “contemplativo” da Idade Média.

Desde então, começou a delinear-se uma relação estreita entre o modo de produção capitalista e a ciência moderna – no sentido de o primeiro poder utilizar-se dos

⁷ Como exemplos, o historiador Henrique Carneiro (2005) cita: álcool, tabaco, café, chocolate, mate, guaraná, ópio, cânhamo, entre outras especiarias oriundas especialmente das Índias.

⁸ Esse é um episódio histórico muito interessante e que mostra como o Modo de Produção Capitalista interferiu e interfere nas formas de consumo de substâncias consideradas tóxicas. Isso porque, antes da existência do comércio inglês do ópio na China, os chineses já faziam uso milenar dessa substância, sem que isso estivesse convertido em um problema social e/ou subjetivo. Porém, a partir da comercialização inglesa desta substância, desencadeou-se um consumo de ópio desenfreado e que provocou sérios problemas sociais, culturais, políticos e econômicos na China. Para uma leitura mais aprofundada sobre esse fato histórico, recomendamos a leitura do livro “Das fumêries ao narcotráfico”, de Edson Passeti (1991).

⁹ De acordo com Andery et al. (1988), o conhecimento racional “se opõe ao mítico, pois é um conhecimento sobre o qual se problematiza e não simplesmente se crê; [...] a explicação é demonstrada através da discussão, da exposição clara de argumentos e não apenas relatada, revelada oralmente; um conhecimento que busca uma intersubjetividade e não é mero fruto de um sentimento coletivo; um conhecimento em que se busca explicar e não encontrar modelos exemplares da realidade; um conhecimento que possibilita um movimento crítico [...]; um conhecimento onde as explicações deixam de ser frutos da ação de seres sobrenaturais e divinos, que agem a despeito do próprio homem, para se tornarem explicações baseadas em mecanismos imanentes à natureza ou ao próprio homem em sua ação sobre a natureza, ou seja, explicações que são fruto da sociedade e possibilitam ao homem participar ativamente no governo de seu destino” (p.23).

conhecimentos produzidos pelo segundo para desenvolver-se cada vez mais – a qual, é importante salientar, permanece até os dias de hoje. Esse contexto histórico representou, assim, a transição de uma sociedade de poder, que caracterizou a Antiguidade e o período Medieval, para uma sociedade de saber, que passaria a dominar a partir de então¹⁰ (Foucault, 1975/2002). Foi nesse momento que o uso de substâncias consideradas tóxicas deixou de ser considerado condenável e o seu valor medicinal passou a ser legitimado, de modo que o recurso aos psicoativos, especialmente com finalidades médicas, foi retomado.

No intuito de fomentar a prescrição médica de determinadas substâncias tóxicas, a medicina, especialmente pelo viés da psiquiatria e da farmacologia, dedicou-se, principalmente a partir do final do Século XVIII, a classificar as diferentes reações provocadas pelas drogas no organismo humano. A partir de então, determinados produtos vegetais tidos como drogas passaram a ser valorizados como fonte de energia, vigor e de equilíbrio dos humores e temperamentos. Como exemplos disso, podemos citar o ópio, que, originário da papoula, era recomendado como analgésico, antitussígeno e antidiarréico, e a maconha, receitada como sedativo geral e para a cura específica de reumatismos, neuroses, insônia, dores de cabeça, diarréias, convulsões, anorexias e na terapia do tétano e da cólera (Carneiro, 2006).

A disseminação de tal prática médica e a ampla disponibilidade de tais produtos em drogarias por todo o mundo fez despertar o interesse da população em geral pelo consumo dessas substâncias, o que acabou por revelar a capacidade das mesmas em causar dependência física e psicológica. A partir daí, a medicina começou a se interessar pelo estudo das várias formas de dependência de substâncias psicoativas e passou a tratá-las como um distúrbio do ato impulsivo, equivalendo-as, assim, às diversas outras manifestações de mania¹¹, o que deu origem ao termo ‘toxicomania’¹² para designar a utilização mórbida de substâncias tóxicas.

¹⁰ Segundo Foucault, o saber também constitui uma forma de poder, porém, esse poder proporcionado pelo saber diferencia-se do poder soberano que predominou nas sociedades antiga e medieval por ser exercido de modo mais sutil e amparado pela técnica – não apenas pelo uso da força física.

¹¹ A categoria nosológica denominada “mania” foi descrita no Século XVII pelo médico francês Philippe Pinel, considerado pioneiro no tratamento das doenças mentais. Pouco tempo depois, o também médico francês Jean-Étienne Esquirol, discípulo de Pinel, criou a categoria “monomanias” para caracterizar as manias em que não havia ocorrência de delírio. Nessa época, passou-se a classificar como monomania todo tipo de ato mórbido (incendiar: piromania; roubar: cleptomania; se drogar: toxicomania etc.) (Inem, 1999).

¹² Esse termo, utilizado desde 1880, provém do grego *toxicon* (veneno no qual as flechas eram embebidas; mania; loucura). Porém, atualmente, o seu uso, bem como da palavra ‘toxicômano’, não é consensual. Alguns autores têm preferido usar as denominações (*fármaco*)*dependência*, *adição*, *transtorno por uso de substâncias psicoativas* etc. No entanto, a escolha de utilizar essa denominação nesse trabalho é decorrente do seu uso amplamente disseminado na abordagem teórica que me embasa: a psicanálise freudo-lacaniana. Mas isso não nos impede de questionar a pertinência da utilização desse termo (‘toxicomanias’) – o que será feito adiante.

Com o advento da Revolução Francesa e a conseqüente instauração da ideologia liberal¹³ que originou a contemporaneidade, houve uma mudança no próprio modo de funcionamento do sistema capitalista moderno: a passagem do capitalismo de produção para o capitalismo de consumo, o que desencadeou mudanças no modo de relação dos sujeitos com os objetos produzidos pela lógica do capital. Isso porque, enquanto o capitalismo de produção pautava-se na ética protestante ascética da acumulação do capital, tal qual descrita por Max Weber (1920/1998), e o concomitante afastamento de todo o gozo da vida, o capitalismo de consumo erigiu-se, por sua vez, em uma ética do direito a gozar de todos os bens, em um ideal hedonista por excelência, que impulsionou o consumo cada vez maior de bens e de objetos.

De acordo com o sociólogo americano Daniel Bell (1978), “o maior instrumento de destruição da ética protestante foi a invenção do crédito. Antes, para comprar era necessário primeiramente economizar. Mas com um cartão de crédito nós podemos satisfazer imediatamente nossos desejos” (p. 31, tradução livre). Desse modo, a passagem do capitalismo de produção para o capitalismo de consumo engendrou uma mudança na própria estrutura da sociedade: passou-se de uma sociedade da satisfação administrada, cuja liberalização controlada realçava a satisfação obtida com aquilo que a sociedade oferecia em detrimento do que era reprimido pela mesma, a uma sociedade da insatisfação administrada, na qual a própria insatisfação tornou-se mercadoria, impulsionando a lógica metonímica do consumo que rege a economia de mercado (Débord, 1967/1997; Safatle, 2005).

Essa sociedade de consumo também é caracterizada por alguns autores como uma sociedade fundamentalmente narcísica, que prima pela obtenção do prazer a qualquer custo, priorizando o sucesso individual e a auto-suficiência em detrimento da dimensão social e política (Lasch, 1983). Apesar das controvérsias¹⁴ levantadas por essa forma de abordagem da contemporaneidade, o termo “cultura do narcisismo” é utilizado ainda hoje por diversos estudiosos para referir-se ao momento sócio-cultural atual e para caracterizar as relações que os indivíduos estabelecem entre si e com os objetos ao seu redor – dentre eles, as drogas.

¹³ De acordo com Roberto Bianchetti (2001), o termo *liberalismo* é utilizado em três sentidos: como concepção do mundo ou filosofia centrada no indivíduo; como teoria política que se preocupa com as origens e natureza do poder; e como teoria econômica organizada sobre as leis do mercado e que fundamenta as relações de produção capitalista. Este termo é utilizado aqui no sentido da terceira acepção, mas não deixa de ter relações com as demais, pois fundamenta a lógica tanto da sociedade como da política e economia capitalistas, defendendo o princípio da igualdade entre os homens e da liberdade de todos para, assim, fazer apologia da livre concorrência na busca do sucesso individual. Atualmente tal doutrina foi redimensionada e é chamada de neoliberalismo.

¹⁴ A respeito dessa controvérsia, ver Otávio de Souza e Jurandir Freire Costa no livro “Clínica do Social: Ensaios” (1991). Mais adiante, mostraremos o porquê de não concordarmos com tal perspectiva, especialmente no que diz respeito à consideração de que a escolha pelas drogas é uma escolha narcísica.

Tanto é que, no contexto contemporâneo, o consumo elevado de substâncias tóxicas é associado ao fato de estas proporcionarem a obtenção rápida e fácil de prazer, bem como o afastamento das dores físicas e psicológicas, o que é condizente com a lógica hedonista que se propõe a reger a nossa sociedade.

Em detrimento de tal explosão no uso dessas substâncias, no início do século XX, os Estados Unidos da América passaram a requerer o desenvolvimento de uma legislação internacional proibicionista do consumo destas mercadorias, a partir da construção de arcabouços legais que vedavam o livre acesso a produtos tais como a cocaína e o ópio, os quais, a partir desse momento, começaram a ser classificados de “drogas ilícitas” (Rodrigues, 2004). Segundo a juíza Maria Lúcia Karam (1998), as primeiras drogas a serem qualificadas de ilícitas foram as que eram produzidas nas antigas colônias e comercializadas pelos países centrais. De acordo com essa autora, a distinção estabelecida entre drogas lícitas e drogas ilícitas obedeceu a critérios econômicos, haja vista que tanto as substâncias legalizadas como as ilegalizadas são suscetíveis de causar dependência e diversos outros males aos seres humanos. Além disso, para ela, a partir da instauração da ilegalidade, houve uma expansão dos mercados consumidores desse tipo de drogas, o que é coerente com a lógica da criação de demandas artificiais característica da economia capitalista. Em suas palavras,

O quadro hoje existente na produção e comercialização das drogas ilícitas em boa parte reproduz o que se desenrolara nos Estados Unidos da América, na época da proibição do álcool (1920-1932), em que tal mercado, tornado ilegal, abriu oportunidades de enriquecimento aos recém-chegados imigrantes italianos, que já encontraram as atividades do mercado lícito reservadas a outros grupos sociais (Karam, M. L., 1998, p. 254).

Nesse sentido, podemos depreender que a ilegalidade atual de determinadas substâncias psicoativas fomenta tanto, por um lado, o consumo das mesmas¹⁵, como, por outro, o desenvolvimento de um mercado amplo e lucrativo que se destina exclusivamente a negociar o que é proibido pela lei: o tráfico internacional de drogas. Esse comércio, apesar de ilegal,

¹⁵ A esse respeito, um autor considerado especialista na questão das drogas, Antonio Escohotado (1997), argumenta que: “sem dúvida, a influência que a aceitação ou a rejeição de uma droga exerce sobre o modo de consumi-la pode ser tão decisivo como suas propriedades farmacológicas. Assim, enquanto o café esteve proibido na Rússia era freqüente que os usuários o bebessem aos litros e entrassem em estados de grande excitação. [...] O uso de drogas depende do que elas oferecem química e biologicamente, e também do que representam como *pretextos* para minorias e maiorias. São substâncias determinadas, mas os modelos de administração dependem muito do que se pensa sobre elas em cada tempo e lugar. Concretamente, as condições de acesso ao consumo são tão decisivas como aquilo que é consumido” (p. 28-29).

está inteiramente inserido na lógica de funcionamento do sistema capitalista, visando, portanto, a reprodução do capital e a geração do maior lucro possível. Assim, se do ponto de vista da lei do Código Penal, as drogas denominadas de ilícitas podem ser consideradas marginais (por encontrarem-se à margem dessa lei), no que diz respeito ao sistema capitalista, elas não são, de modo algum, marginais, muito pelo contrário, encontram-se totalmente inseridas na lógica de mercado. Acerca disso, Pacheco Filho (1998-1999) nos fornece dados alarmantes e que comprovam essa inserção. De acordo com ele:

Já em 1988, a Organização das Nações Unidas informava que o volume anual do comércio internacional de drogas chegava a 300 bilhões de dólares e representava 10% de todo comércio mundial. De modo que não existe nenhum negócio no planeta que ofereça taxas de lucro a ele comparáveis: da matéria-prima até o produto final, vendido em uma capital de um país industrializado, o preço da cocaína pode aumentar em 100 vezes e o da heroína em até 1000 vezes (Ibid, p. 134).

A partir dessas informações, podemos concluir que a distinção *arbitrária* entre as drogas legais e ilegais só faz fomentar tanto o consumo como o lucro capitalista. Pois, bem como o comércio internacional de drogas ilícitas, a venda de drogas lícitas (chamadas de remédios) também movimentam cifras bilionárias: em 2003, esse comércio chegava a movimentar 600 bilhões de dólares – cifra que atualmente com certeza é bem maior.

Dessa forma, é possível afirmar que em nossa sociedade capitalista contemporânea, as drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, assumem definitivamente a condição de objeto de consumo, sendo alçada, portanto, à categoria de consumível tanto quanto qualquer outro produto do mercado. A nosso ver, essa é a especificidade do consumo de substâncias tóxicas na nossa sociedade atual e tal especificidade traz toda uma série de conseqüências na relação que os sujeitos passam a estabelecer com o tóxico: tais sujeitos são consumidores tanto quanto quaisquer outros e tal relação só passa a ser considerada um problema quando não encontra-se mais totalmente inserida na lógica do consumo e produção, passando, a partir de então, a causar riscos para o próprio sistema.

Porém, nossa perspectiva de trabalho é a de que o fenômeno chamado de ‘toxicomanias’, diferentemente do uso casual ou ocasional de drogas, pode revelar uma relação específica do sujeito com o objeto droga e com a própria lógica subjacente ao sistema capitalista, sendo talvez por isso que cada vez mais existem drogas lícitas destinadas a

combater os ‘vícios’ e as ‘dependências’ geradas pelo consumo desenfreado de drogas denominadas ilícitas.

É justamente acerca das diferenças entre os fenômenos considerados ‘toxicômanos’ e as variadas outras formas de uso de drogas existentes na contemporaneidade que iremos discorrer ao longo de todo esse trabalho, chamando atenção tanto para os aspectos subjetivos como sociais (para nós, indissociáveis) envolvidos nessa distinção. A esse respeito, a psicanálise, na vertente das contribuições deixadas por Sigmund Freud e Jacques Lacan, tem grandes contribuições a oferecer...

2. A visão da psicanálise acerca da utilização de substâncias tóxicas

No intuito de desvendar as razões do fascínio exercido pelas variadas substâncias tóxicas nos seres humanos nos mais diferentes momentos e contextos sócio-históricos, vários foram os saberes que, especialmente a partir do século XIX, se dedicaram a estudar o tema do consumo de substâncias psicoativas. Dentre estes saberes, iremos destacar neste trabalho o percurso feito pela psicanálise nesse estudo, pois, desde o seu fundador, Sigmund Freud, e da releitura deste realizada por Jacques Lacan, até as formulações dos psicanalistas atuais que se dedicam a pesquisar o tema, muitas foram as elaborações fornecidas por esse campo do saber a respeito do que tem sido chamado de ‘toxicomanias’ e das demais formas de uso de drogas em geral. Atualmente, tais considerações apresentam grandes avanços, tanto teóricos quanto práticos, e é acerca delas que iremos discorrer neste capítulo, explicitando os conceitos e construções nelas implicados, bem como as questões que permanecem interrogadas nessa área de saber.

2.1. A *Unterdrückung* freudiana

Antes mesmo de Sigmund Freud fundar a psicanálise, a preocupação com a questão dos efeitos provocados pelas substâncias tóxicas nos seres humanos, a *Unterdrückung*¹⁶, já estava presente em sua obra¹⁷. Isso porque, ainda enquanto médico neurologista, Freud empreendeu vários estudos para investigar a ação da cocaína no organismo humano. Nessa época, porém, seus interesses aproximavam-se da fisiologia médica e eram orientados pelo ideal de cientificidade próprio do século XIX. Apesar disso, os escritos freudianos deste período já mostram claramente que o ponto de partida de suas investigações teve direção diversa à posição defendida pela psiquiatria em voga, segundo a qual a cocaína causava alguma espécie de lesão funcional. Prova disso é que, durante algum tempo, Freud não só fez uso dessa substância como também a recomendou a amigos e àquela que, nesse período, era a sua noiva e que posteriormente se tornaria sua esposa.

¹⁶ O termo alemão *Unterdrückung* significa supressão tóxica e foi utilizado por Freud para referir-se aos efeitos oriundos das práticas de intoxicação.

¹⁷ Para uma leitura mais aprofundada acerca dos estudos empreendidos por Freud em relação às aplicações da cocaína, recomendamos a leitura do livro “Um *affair* freudiano: os escritos de Freud sobre a cocaína”, do psicanalista Oscar Cesarotto, o qual apresenta de forma muito interessante esse percurso realizado pelo fundador da psicanálise.

Em um primeiro momento de seus estudos, Freud apoiou-se na teoria termodinâmica de Helmholtz¹⁸ para propor o valor energético da cocaína. Nesse período, sua hipótese era a de que um organismo que absorve uma quantidade, mesmo que pequena, de cocaína é capaz de acumular uma maior reserva de força vital, provavelmente por conseguir se arranjar com um metabolismo mais reduzido. De acordo com essa perspectiva, a cocaína seria capaz de possibilitar ao organismo a realização de uma quantidade maior de trabalho com um menor dispêndio de energia, promovendo, assim, um efeito econômico de poupança.

Conforme avançou em seus estudos, no entanto, Freud descartou essa hipótese e propôs, de forma absolutamente inovadora para a sua época, os efeitos da cocaína como sendo diferentes para cada pessoa – o que o possibilitou concluir que a ação dessa substância é indireta, efetuada por meio de uma melhora na condição de bem-estar do ser humano. Nesse momento, influenciado pelas idéias de Wilhem Fliess¹⁹, Freud passou a defender uma *hipótese substancialista da libido*, segundo a qual os efeitos provocados por esta substância sexual são semelhantes aos ocasionados pela ingestão da cocaína: para ele, ambas seriam capazes de produzir o efeito econômico de poupança de energia citado acima.

Para o psicanalista Jésus Santiago (2001), essa *hipótese substancialista da libido*, defendida primeiramente por Fliess e posteriormente por Freud, exerceu grande influência para o surgimento da psicanálise: foi a partir da concepção da libido como uma substância que intoxica o organismo que as neuroses foram primeiramente pensadas, como sendo o resultado dessa intoxicação.

Ainda no contexto pré-psicanalítico das correspondências intensas com Fliess, Freud propôs uma outra relação entre as substâncias tóxicas e a sexualidade humana: na carta de 22 de dezembro de 1897, ele escreveu que tivera “a descoberta intuitiva de que a masturbação é o grande hábito, o ‘vício primário’, e de que é apenas como substitutos e sucedâneos dela que

¹⁸ Hermann Von Helmholtz foi um médico e físico alemão do século XIX que propunha que a energia de um corpo tende a se conservar em termos quantitativos a menos que haja a adição de algo que seja capaz de fornecê-la.

¹⁹ Wilhem Fliess foi um médico otorrinolaringologista alemão que era amigo pessoal de Freud e com quem este se correspondeu durante anos (1887-1904), dando origem ao que é conhecido atualmente como “a auto-análise de Freud”. Fliess considerava que a substância sexual (ou libido) viaja pelo corpo humano entre o nariz e o sexo, passando por vários outros órgãos que ela faz, alternadamente, inchar e murchar. Essas hipóteses fliessianas estão bem desenvolvidas em seus textos “O Nariz e a Sexualidade Feminina” e “O Nariz e o Sexo”, os quais foram comentados por Freud no rascunho I, J (o primeiro) e K (o segundo) de suas correspondências para Fliess. Nas palavras de Freud: “em anexo, estou devolvendo os casos clínicos relativos a nariz e sexo. Não preciso dizer-lhe que concordo inteiramente com sua intenção. [...]. Suas hipóteses químico-sexuais realmente me fascinaram. Espero que tenha êxito” (Freud *in* Masson, 1986, p.151); “as substâncias olfativas (...) são produtos da degradação do metabolismo sexual; elas agiriam como estímulos para ambos os órgãos” (Ibid, p.162); “sempre entendi os processos da neurose de angústia, bem como das neuroses em geral, como uma intoxicação, e muitas vezes pensei também na semelhança entre os sintomas da neurose de angústia e da doença de Basedow [ou bócio exoftálmico]” (Ibid, p.181).

os outros vícios – o álcool, a morfina, o fumo e coisas parecidas – passam a existir” (Freud *in* Masson, 1986, p.288). Essa perspectiva foi posteriormente reafirmada por Freud, em diferentes momentos de sua obra, como nos textos psicanalíticos “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898), “Contribuições a um debate sobre a masturbação” (1912) e “Dostoievski e o parricídio” (1928), nos quais ele permaneceu associando certos hábitos considerados compulsivos (beber, fumar, jogar, etc.) com a prática fervorosa das atividades masturbatórias durante a mais tenra infância.

A partir da fundação da psicanálise, porém, Freud foi gradativamente se distanciando da fisiologia e abandonando as considerações sobre a base tóxica do metabolismo químico da sexualidade, passando a enfatizar, em relação aos tóxicos, o papel desempenhado na economia psíquica dos seres humanos. É certo que, durante um longo período, ele fez não mais que escassas alusões ao uso de substâncias tóxicas, no entanto consideramos que estas são bastante elucidativas do percurso teórico trilhado por ele na tentativa de compreender o recurso ao tóxico efetuado por alguns seres humanos.

Conforme ficará claro a seguir, nesse percurso, Freud sempre privilegiou a relação entre as drogas e a sexualidade humana, tendo chegado, inclusive, a afirmar textualmente que o vício só se instala quando há uma falta de satisfação sexual. Em suas próprias palavras:

Nem todos que têm a oportunidade de tomar morfina, cocaína, hidrato de coral, e assim por diante, por algum tempo, adquiriram dessa forma um vício. Uma pesquisa mais minuciosa mostra usualmente que esses narcóticos pretendem servir direta ou indiretamente como substituto para uma falta de satisfação sexual; e, quando a vida sexual normal não pode mais ser restabelecida, podemos prever, com certeza, uma recaída (Freud, S., 1898/1996, p. 262, grifos nossos).

Já no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, Freud relacionou o recurso às substâncias tóxicas com o hábito que pode ser observado em algumas crianças de “chupar” o dedo polegar. Segundo ele, esse ato faz parte da sexualidade infantil e as crianças extraem dele uma satisfação auto-erótica que, obviamente, será de grande importância para elas por possuírem uma significação erógena. Nessa fase de sua teorização, Freud afirmou que “persistindo essa significação, tais crianças, uma vez adultas, serão ávidas apreciadoras do beijo, tenderão a beijos perversos ou, se forem homens, terão um poderoso motivo para beber e fumar” (Freud, S., 1905/1996, p. 171-172). Nessa consideração, ele deixou clara a relação que acreditava existir entre os atos de beber, fumar etc. e uma fixação da satisfação na

oralidade e na sua zona erógena correspondente, a boca, bem como uma relação entre esses comportamentos adictos e o auto-erotismo²⁰. Mas essa concepção freudiana não prosseguiu inalterada por muito tempo...

No texto em que relatou o caso clínico de Dora, “Fragmento da análise de um caso de histeria (o caso Dora)”, também de 1905, Freud voltou a comparar as substâncias tóxicas às substâncias sexuais de ação excitante (a libido), o que o levou a reafirmar a existência de semelhanças entre o uso de tóxicos e as psiconeuroses, em particular a histeria. De acordo com ele, “dentre todos os quadros patológicos de que tomamos conhecimento na clínica, as intoxicações e a abstinência quando do uso crônico de certos venenos são os que mais se aproximam das autênticas psiconeuroses” (Freud, S., 1905/1996, p. 109). Assim, Freud estabeleceu, nesse ponto de sua obra, uma analogia forte e clara entre o fenômeno da toxicomania e o campo das neuroses.

Em um outro texto de 1905, “Tratamento psíquico (ou anímico)”, em que discorreu sobre a prática da hipnose, Freud avançou ainda mais em sua teorização e situou as dependências, hábitos ou adicções não na relação do humano com uma substância privilegiada, mas no âmbito de um vínculo semelhante ao que se estabelece entre um hipnotizador e um hipnotizado. Para ele, a relação hipnótica deve ser entendida como uma “formação de multidão de dois”, em que o *eu* se abandona a um objeto único, em uma relação de confiança e doação que só pode ser observada em certas relações amorosas, nas quais o *eu* desloca uma parte considerável da libido que está investida em si para o objeto, para o ser amado. Nessa perspectiva, ele afirmou que a compreensão da dependência *não* se situa na substância da qual o sujeito torna-se dependente, mas sim na relação que ele desenvolve com um objeto, que pode ser o tóxico, o hipnotizador, o objeto amoroso ou algum outro, ou ainda na forma como cada um desses objetos permite ao sujeito se relacionar com os outros ao seu redor. Posteriormente, porém, Freud irá tomar uma outra posição ao considerar a relação entre o objeto tóxico e o objeto amoroso... Acompanhemos seu percurso.

No texto “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, ainda de 1905, Freud explicou o mecanismo econômico pelo qual a produção do dito espirituoso pode provocar um efeito prazeroso: na perspectiva freudiana, os chistes e tudo mais que desencadeie uma *supressão momentânea do recalque* promovem um alívio do desgaste da energia por este despendida bem como das pressões exercidas pela razão crítica. Relaciona-os, assim, ao princípio do

²⁰ Nesse trecho de seu texto, Freud referiu também que o recalque das lembranças prazerosas causadas pela sucção do dedo pode produzir *sintomas histéricos* tais como distúrbios alimentares, constrição na garganta e vômitos. Donde podemos aferir a relação proposta por ele entre as adicções e a histeria.

prazer. Pois o prazer produz-se indiretamente pela supressão momentânea do desprazer, já que, ao suprimir as forças inibidoras, as fontes de prazer tornam-se novamente acessíveis.

No texto metapsicológico “Luto e melancolia” (1917/1996), Freud voltou a referir-se a esse “efeito econômico” para falar da embriaguez alcoólica: para ele, um dos motivos do prazer dela oriundo é o “dispêndio de recalque obtido por meios tóxicos” (p. 259). Apesar desta aparente analogia, feita por Freud, entre o chiste e a embriaguez alcoólica, é válido nos perguntarmos se eles são da mesma ordem, pois, enquanto o chiste é um mecanismo que traz à tona o sujeito do inconsciente, o tóxico, por sua vez, parece suspendê-lo, ainda que momentaneamente... Deixemos, por enquanto, essa questão em suspenso – pois a retomaremos adiante.

Já no texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera amorosa (contribuições à psicologia do amor II)”, de 1912, Freud voltou a fazer uma analogia entre o objeto tóxico e o objeto amoroso. Nessa ocasião, ele utilizou a metáfora “casamento feliz” para caracterizar a relação do bebedor com o vinho. Porém, ao mesmo tempo em que aproximou esses dois objetos, como outrora já havia feito, ele inovou ao estabelecer uma distinção entre eles, pautando-se, para isso, na relação de objeto que um sujeito pode desenvolver com ambos: enquanto a relação com o tóxico apresenta a peculiaridade de uma fixidez no objeto, na satisfação erótica, essa escolha é caracterizada justamente por uma plasticidade. Nas palavras do próprio Freud:

Alguém já ouviu falar de que o beberrão seja obrigado a trocar constantemente de bebida, porque logo enjoa de beber a mesma coisa? Ao contrário, o hábito constantemente reforça o vínculo que prende o homem à espécie de vinho que bebe. Alguém já ouviu falar de um beberrão que precise ir a um país em que o vinho seja mais caro ou em que seja proibido beber, de modo que, erguendo tais obstáculos, ele possa aumentar a satisfação decrescente que obtém? De maneira nenhuma. Se atentarmos para o que dizem os grandes alcoólatras [...] a respeito de sua relação com o vinho, ela aparece como a mais harmoniosa possível, um modelo de casamento feliz. Por que a relação do amante com seu objeto sexual será tão profundamente diferente? (Freud, S., 1912/1996, p.193-194).

Essa afirmação freudiana de que o álcool pode vir a se tornar o objeto fixo da pulsão gerando um modelo de casamento feliz merece ser pensada com cuidado. O álcool ou a droga

podem se tornar o objeto da pulsão, contrariando a máxima de que a pulsão é sem objeto²¹? Além disso, em que medida podemos mesmo afirmar que a relação entre o bebedor e o vinho seja um “casamento feliz”? Pois sem dúvida ela engendra uma forma de satisfação bastante paradoxal, já que não raro essas pessoas declaram uma parcela considerável de sofrimento e não há porque duvidar disso. O autor estaria referindo-se talvez à ilusão momentânea de felicidade e completude que o tóxico fornece e que acaba tão rápido quanto este se vai?...

Freud lançou as bases para a compreensão desse aparente paradoxo em 1920, quando escreveu o texto “Além do princípio do prazer”, no qual elaborou o conceito de pulsão de morte. A partir daí, ele passou a afirmar a existência de uma falha primordial e inerente da satisfação devido à constatação de o sistema psíquico humano não ser regido somente pelo imperativo de felicidade ditado pelo programa do prazer, mas também por uma nocividade que impele o sujeito a buscar a pacificação de todas as tensões – o que, em última instância, só pode ser encontrada com a morte. Esse texto instaurou de forma definitiva uma disjunção entre o sujeito da psicanálise, que é o sujeito do inconsciente, no qual prazer e desprazer são entidades contínuas, e a ordem biológica do ser vivo, que é regida pela lógica da adaptação e da homeostase. A partir desse momento, Freud passou a entender a utilização das drogas unicamente no plano da economia libidinal do sujeito.

O conceito de pulsão de morte é considerado de forma quase unânime pelos estudiosos da psicanálise como sendo de suma importância para se pensar a(s) relação(ões) que um sujeito estabelece com a droga. De fato, é muito evidente a dialética existente entre pulsão de vida e pulsão de morte nos fenômenos chamados de ‘toxicomanias’: se provisoriamente a droga assegura ao considerado ‘toxicômano’ um estado de prazer, por outro lado, a sua utilização revela “uma tentativa por parte do sujeito da abolição da existência, a busca de um desaparecimento transitório, momentâneo, uma pequena morte, uma *narcose* do desejo” (Inem, C. L., 2006, p.299, grifos nossos). O termo “narcose” significa um sono que é produzido artificialmente, reversível, mas não facilmente. É interessante observar que a palavra “narcóticos”, sua derivada, é ainda hoje amplamente empregada para designar pessoas que fazem uso de algumas substâncias tóxicas. Assim, perguntamo-nos: o quê, de fato, as drogas fazem adormecer?

De acordo com a psicanalista Sônia Alberti, o próprio Freud²², ao aludir à intoxicação,

²¹ O psicanalista Décio Gurfinkel, em seu livro “A pulsão e seu objeto droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania” defende que, naquilo que ele chama de “toxicomania”, a droga torna-se o objeto da pulsão.

²² De acordo com Alberti, Freud fez referência à intoxicação como sendo uma narcose da neurose no seu texto “Der fetischismus” (1927), que foi publicado em português pela Edição Standard Brasileira das Obras Completas

referiu-a como uma narcose, não do desejo, mas da neurose, considerando, contudo, que “talvez aquele que não sofre de neurose tampouco necessite de uma intoxicação que a narcotize” (Freud, 1927/1972, traduzido por Alberti, S., 2003, p.51). Podemos então parafraseá-lo e afirmar que aquele que não sofre com os impasses do seu desejo também não precisa de um tóxico que o narcotize?...

No texto “O mal-estar na civilização”, Freud falou mais detidamente sobre a função do tóxico e propôs o recurso a ele como uma solução, ainda que precária e instável, que o sujeito encontra para lidar com o mal-estar do desejo. Na perspectiva freudiana, tanto a cultura como o desenvolvimento psíquico individual impõem sacrifícios à sexualidade e à agressividade inerentes aos seres humanos. Assim, a civilização seria responsável pelo exercício de uma repressão nociva sobre o sujeito da mesma forma que o aparelho psíquico deste seria responsável pelo exercício do recalque originário.

Para Freud, antes da instauração do supereu, o desenvolvimento da civilização e o desenvolvimento psíquico individual são conflitantes entre si, pois enquanto o primeiro, para se realizar, exige uma renúncia às pulsões sexuais e agressivas que satisfazem o homem (caso contrário estes se matariam entre si), o segundo é pautado no princípio do prazer segundo o qual o homem deve buscar o prazer, através da satisfação das pulsões, e evitar o desprazer, que seria oriundo justamente da renúncia a elas.

Segundo Freud, a pressão feita pela civilização para que os seres humanos renunciem às suas fontes de prazer é bem representada pelo mandamento “ama a teu próximo como a ti mesmo”. No entanto, este é impossível ao homem. O que pode ser depreendido do próprio fato de ter se tornado um mandamento: se não fosse contrário ao que há de mais humano, de demasiadamente humano, não seria necessário ser veiculado como mandamento, ninguém iria não fazê-lo... Porém, contrariando tal evidência, a civilização age sobre o homem visando torná-lo um ser moral. A consequência disso é que as pulsões agressivas e destrutivas, impossibilitadas de dirigirem-se ao mundo exterior (sociedade), passam a ser direcionadas ao mundo interior (eu) através da formação do supereu. Após o estabelecimento dessa instância interditora, psiquismo e civilização passam a convergir, exigindo ao *eu* que abdique à realização pulsional.

Na perspectiva freudiana, o mal-estar do ser humano é decorrente de ele não conseguir cumprir com todas as exigências da civilização e em detrimento disso lhe é exigido pagar um preço: uma perda de felicidade decorrente de um forte sentimento de culpa. A vida, então,

de Freud com o título “Fetichismo” (1927/1996). Porém, nessa tradução do texto freudiano, não encontramos a citada referência, provavelmente devido ao fato de tal frase ter sido omitida na versão em português.

passa a ser “árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis” (Freud, S., 1930/1996, p. 83) e, para suportá-la, precisamos recorrer ao que ele designou de medidas paliativas²³: os derivativos poderosos, representados pela atividade científica; as satisfações substitutivas, que têm como exemplo a arte; a sublimação das pulsões, através das fontes de trabalho psíquico e intelectual; o apego a ilusões ou fantasias oriundas da imaginação; a aniquilação dos próprios desejos, por meio de práticas de ascese espiritual; a rejeição da realidade, tal como acontece na loucura; os delírios de massa, que têm como principal exemplo as religiões; os relacionamentos afetivos, que tornam o amor o centro de tudo; e as *substâncias tóxicas* (Freud, 1930/1996).

Para Freud, o método escolhido é particular a cada sujeito e

(...) todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua *escolha*. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente a sua disposição para alterar o mundo a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, *sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo*, independentemente das circunstâncias externas (Ibid, p. 91, grifos nossos).

A partir daí, podemos depreender que, na perspectiva freudiana, o recurso ao tóxico é considerado como uma *escolha* específica e singular do sujeito. Mas que, como toda escolha, será orientada pela constituição psíquica de cada um. Apesar dessa colocação, Freud considerou que, dentre as medidas paliativas que mencionou, a mais “interessante” para evitar o sofrimento são as substâncias tóxicas, que influenciam nosso corpo e alteram sua química, tornando-nos insensíveis à nossa desgraça. Pois, segundo ele, os veículos intoxicantes provocam não só

a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (Ibid, p.86).

²³ A respeito dos exemplos de medidas paliativas que citou em seu texto, Freud salientou que não pretendia ter feito “uma enumeração completa dos métodos pelos quais os homens se esforçam para conseguir a felicidade e manter afastado o sofrimento” (Freud, S., 1930/1996, p.132), mas apenas sistematizou alguns exemplos.

Desse modo, Freud destacou o fato de as substâncias tóxicas serem capazes de promover um redirecionamento da libido investida nos objetos para o *eu*, ressaltando assim a importância de se pensar a problemática das práticas de intoxicação de forma articulada aos conceitos de narcisismo e de libido objetal. Foi com esse intuito que ele lançou a seguinte questão: “o que significa para a economia da libido ser essencialmente auto-dependente como no caso da intoxicação?” (Ibid, p. 93). Em outras palavras, considerando a proposição freudiana segundo a qual ao longo do desenvolvimento sexual humano a libido se desloca do *eu* (no auto-erotismo e no narcisismo) para os objetos (no amor objetal) e posteriormente fica se deslocando entre estes e o *eu*, é possível pensar que a intoxicação promove um total retorno da libido ao *eu*?...

Freud já havia nos alertado que no deslocamento da libido entre *eu* e objeto, poderia haver, por um lado, um superinvestimento no objeto em detrimento de um esvaziamento do fluxo libidinal do *eu*, tal como é possível observar de forma clara em alguns casos de paixão amorosa (Freud, 1914/1996) e, por outro lado, uma retirada da libido do mundo externo e seu total retorno ao eu, processo chamado de narcisismo secundário, como ele bem observou na análise que fez da psicose de Schreber²⁴. Nesse sentido, considerar que a intoxicação implica em uma total retirada da libido dos objetos poderia sugerir uma aproximação entre o uso de substâncias tóxicas e a psicose – idéia com a qual não compartilhamos em absoluto. Assim sendo, em que medida podemos pensar haver na intoxicação um desinvestimento dos objetos? Certamente não seria da mesma ordem do desinvestimento que ocorre na psicose, mas, então, o que os diferenciaria?...

Ainda no texto “O mal-estar na civilização”, é possível, a nosso ver, perceber que ao referir-se ao uso de substâncias tóxicas Freud fez uma diferenciação, ainda que sutil, entre o “emprego de veículos intoxicantes” e a prática da “intoxicação crônica”: enquanto o primeiro é apresentado por ele como mais um método “na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça (...) tão altamente apreciado (...) que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido” (Freud, S., 1930/1996, p. 86), o segundo é referido como um último consolo, juntamente com a psicose, para “o homem que, em anos posteriores, vê sua busca de felicidade resultar em nada” (Ibid, p. 92).

Ou seja, enquanto a intoxicação é, na perspectiva freudiana, “um tipo de defesa contra o sofrimento” que “procura dominar as fontes internas de nossas necessidades” (Ibid, p. 86), a

²⁴ O caso do alemão Daniel Paul Schreber é considerado um dos cinco mais relevantes de Freud e publicado com o título “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)” (Freud, 1911/1996).

intoxicação *crônica* é uma “forma extrema disso” que ocasiona “o aniquilamento das pulsões. (...). Caso obtenha êxito, o indivíduo, é verdade, abandona também todas as outras atividades: sacrifica a sua vida e, por outra via, mais uma vez atinge apenas a felicidade da quietude” (Ibid, p. 86-87). Dessa maneira, essas “duas” práticas são consideradas caminhos diferentes tomados pelo sujeito na tentativa de alcançar a tão almejada felicidade. Nesse sentido, para nós, não seria possível pensar que *o movimento da libido* é o mesmo em todo e qualquer uso que se faz de substâncias tóxicas. Sendo assim, poderíamos pensar que a retirada da libido dos objetos seria exclusividade da intoxicação crônica, visto que Freud a coloca lado a lado com “desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose” (Ibid, p. 93)?...

Concordamos com a perspectiva apresentada pelo psicanalista Jesús Santiago (2001) segundo a qual, para Freud, o fenômeno do consumo de drogas, abusivo ou não,

(...) não determina, por si mesmo, o valor patológico da prática das drogas. O qualificativo de crônico, que ele emprega, não pode ser deduzido da natureza interna do próprio método de intoxicação utilizado pelo toxicômano, mas remete-se, sim, às condições particulares que dão o direito de se falar em valor nocivo e até devastador da solução que a droga perfaz para certos sujeitos (p.109-110).

De fato, conforme ressaltado em capítulo anterior, a categoria chamada de ‘toxicomanias’ é historicamente bem recente, enquanto que o uso de substâncias tóxicas consiste em uma prática milenar – donde se pode depreender que o fenômeno denominado de ‘toxicomanias’ é muito mais que a simples utilização de tóxicos, tal como afirma Santiago.

Atualmente, o recurso aos diversos tipos de drogas alcançou grande visibilidade, o que testemunha que os seres humanos têm se valido amplamente deste método para lidar de forma menos sofrida com as diversas formas de mal-estar existentes na cultura. Mas, conforme assinalou Freud, há diferentes maneiras de lançar mão desse recurso e, nesse sentido, é interessante nos perguntarmos se há diferenças entre o que é concebido como fenômenos ‘toxicomaniacos’ e as demais formas de uso de drogas e, em caso afirmativo, o quê as delimita. Do mesmo modo, é também válido questionarmos em que medida é possível articular o crescimento desse(s) fenômeno(s) às características sociais e culturais da atualidade. A esse respeito, a teoria lacaniana tem grandes avanços a oferecer... Vamos a ela então!

2.2. A função da droga na perspectiva lacaniana

A partir das contribuições deixadas por Sigmund Freud a respeito da questão do uso de drogas pelos seres humanos, os psicanalistas pós-freudistas passaram a estudar essa problemática no âmbito da relação de objeto. Na perspectiva por eles defendida as drogas tornam-se, para alguns sujeitos, um objeto parcial da pulsão, sendo responsável por uma função desgenitalizadora²⁵, já que aquele que dela faz uso não consegue alcançar o objeto genital. Foi através dessa teorização que a chamada ‘*toxicomania*’ surgiu como uma categoria clínica autônoma no pós-freudismo, diferentemente do que o fizera Freud, que não fez em seus textos, como pudemos observar, nenhuma elaboração relativa à especificidade ‘*toxicomaniaca*’ enquanto fato clínico dotado de autonomia nosográfica.

O psicanalista francês Jacques Lacan, porém, em seu retorno a Freud, rompeu com a perspectiva do pós-freudismo e ao longo de seu ensino propôs as drogas como estando fora do âmbito das relações de objeto e da regressão da libido. Para pensar a prática do recurso às substâncias tóxicas, privilegiou o conceito de *gozo* cunhado por ele próprio a partir da concepção freudiana de pulsão de vida e pulsão de morte. As referências na obra lacaniana à temática da intoxicação não são muitas, mas elucidam, de forma muito clara, a evolução de sua posição a respeito desse tema.

A primeira consideração de Lacan sobre a categoria que tem sido chamada de ‘*toxicomanias*’ se deu em seu texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, de 1938, no qual ele enfatizou a importância que a família assume, em nossa cultura, para a formação dos *complexos* – sendo estes aí entendidos como organizadores do desenvolvimento psíquico, oriundos da suplência simbólica estruturante que a ordem social faz à carência instintiva inerente ao filhote do humano. Nesse texto, Lacan considerou como sendo três os complexos existentes no indivíduo: o complexo do desmame, o complexo da intrusão e o complexo de Édipo. Para o nosso objetivo neste trabalho, vamos considerar aqui apenas o complexo de desmame, visto que Lacan o associou ao que Freud havia chamado de pulsão de morte.

O complexo de desmame é considerado por Lacan nesse texto como sendo o mais primitivo do desenvolvimento psíquico, o fundador dos sentimentos mais arcaicos e mais estáveis que unem o indivíduo à família e que deixa no psiquismo humano o traço

²⁵ Por função desgenitalizadora os pós-freudianos entendiam um reforço dos aspectos perversos e pré-genitais da sexualidade sob a égide de uma regressão libidinal aos estágios pré-genitais da libido. A esse respeito, ver Santiago, J. (2001, p. 114-139) e Gianesi, A. P. L. (2002, p. 44-46).

permanente da relação biológica que ele interrompe. Na perspectiva lacaniana, a relação de amamentação que une criança e mãe explica que a imago desta se atenha às profundezas do psiquismo daquela e que sua sublimação seja particularmente difícil. Difícil porém necessária, pois é somente a partir dela que a criança pode estabelecer novas relações com o grupo social. Na medida em que resiste a essas exigências novas, a imago torna-se fator de morte.

Acerca disso, Lacan afirmou:

que a tendência à morte seja vivida pelo homem como objeto de um apetite, esta é uma realidade que a análise faz aparecer em todos os níveis do psiquismo (...). Essa tendência psíquica à morte, sob a forma original que lhe dá o desmame, revela-se em suicídios muito especiais que se caracterizam como “não-violentos”, ao mesmo tempo em que aí aparece a forma oral do complexo: greve de fome na anorexia mental, envenenamento lento de certas *toxicomanias* pela boca, regime de fome das neuroses gástricas. A análise desses casos mostra que, em seu abandono à morte, o sujeito procura reencontrar a imago da mãe (Lacan, J., 1938/1985, p. 28-29, grifos nossos).

Nessa perspectiva, o fenômeno denominado de ‘toxicomanias’ foi considerado nesse momento por Lacan como um retorno, ainda que parcial, ao período em que o sujeito, ainda indiferenciado, estava totalmente fundido à imago materna, tal como se supõe acontecer durante a amamentação²⁶. Nesse sentido, esse psicanalista reconheceu, nesse texto, tanto o benefício prático – o prazer oriundo da fusão do bebê com a sua mãe – como as ruínas sem proporção – resistência às novas exigências necessárias ao progresso da personalidade e dificuldade em estabelecer novas relações com o grupo social – que esse “retorno” pela via da intoxicação comporta. Talvez possamos considerar que nessa afirmação já estava o germe de suas considerações posteriores sobre as chamadas ‘toxicomanias’, visto que posteriormente, com a formulação do conceito de *gozo*, Lacan irá agregar prazer e pulsão de morte como sendo duas faces do mesmo, abandonando também a crença na evolução da libido por fases (oral, anal etc.).

No texto “Formulações sobre a causalidade psíquica”, de 1946, Lacan voltou a se referir à “tendência suicida” que caracteriza o sujeito humano, relacionando-a ao narcisismo e afirmando que esta é experimentada desde o *trauma do nascimento*, repercutindo,

²⁶ Posteriormente, no Seminário XI, “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Lacan (1964/1998) irá referir-se a esse momento de fusão do bebê com a sua mãe como o momento da operação de alienação, antes que tenha incidência a operação de separação – esta última, apesar de não ser destino de todo falante, é a que conduz à estrutura neurótica.

posteriormente, no *trauma do desmame*. Ele justificou a relação que estabeleceu entre pulsão de morte e narcisismo afirmando que, na mitologia, Narciso exprime essencialmente uma “tendência suicida”, que se constitui na relação com um olhar. Também o sujeito se constitui em relação a um olhar, mas um olhar que é do Outro, um olhar que o aliena e que, assim como o olhar de Narciso, o faz crer que é o que ele efetivamente não é.

Na perspectiva lacaniana, esse processo marca uma discordância primordial entre o *eu* e o ser e toda resolução dessa discordância passa “por uma coincidência ilusória da realidade com o ideal” em “que as condições orgânicas da intoxicação, por exemplo, podem desempenhar seu papel”, qual seja, o de promover uma “miragem das aparências” (Lacan, J., 1946/1998, p. 188). Essa consideração de Lacan sobre as drogas e as práticas de intoxicação concebe-as como um complemento de ser à falta-a-ser própria do falante (*parlêtre* = *pas l’être*)²⁷.

Na leitura do psicanalista Jésus Santiago (2001), esse ponto de vista lacaniano sobre a intoxicação se explica por que

(...) quando a alienação da falta-a-ser não mais é suficiente para satisfazer o sujeito, o recurso a esse complemento imaginário da intoxicação pode significar essa busca da unidade do eu em sua exigência de liberdade. A imposição ao eu desse componente ilusório da intoxicação produz-se (...) na tentativa de unilateralizar a divisão do sujeito, atenuando, assim, as incidências do Outro sobre ele (p. 155).

No Seminário II, “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, Lacan (1954/1985), dedicando-se mais uma vez a pensar a função do *eu*, afirmou que a relação que o sujeito desenvolve com os objetos consiste, na verdade, em uma relação dupla que o *eu* estabelece consigo mesmo. Os objetos terão, por isso, “um caráter fundamentalmente antropomórfico, podemos até dizer egomórfico. É nesta percepção que é evocada para o homem, a todo instante, sua unidade ideal, que, como tal, nunca é atingida e que a todo instante lhe escapa” (p. 211).

Desde esse momento está presente na obra lacaniana a idéia de que o *eu* busca nos objetos uma complementaridade, que dificilmente pode ser alcançada, já que o objeto

nunca é definitivamente o *derradeiro objeto*, a não ser em certas *experiências*

²⁷ Em francês, *parlêtre* significa falante, porém, Lacan utilizou-se da homofonia desse termo com a expressão *pas l’être*, que quer dizer falta-a-ser, para afirmar que todo falante é um falta-a-ser na medida em que sua inserção na linguagem tem por efeito uma perda de gozo.

excepcionais. Mas este se apresenta, então, como um objeto do qual o homem está irremediavelmente separado (...) – *objeto que por essência o destrói, o angustia, que não pode alcançar, no qual não pode verdadeiramente encontrar sua reconciliação, sua aderência ao mundo, sua complementaridade perfeita no plano do desejo* (Idem, grifos nossos).

Ainda de acordo com Lacan, essas *experiências excepcionais* só podem acontecer no plano de uma relação imaginária, que “se dá numa espécie de *você ou eu* entre o sujeito e o objeto. Ou seja – *Se for você, não sou. Se for eu, é você que não é*” (Ibid, p. 214). A partir de tais considerações, podemos pensar a intoxicação como uma dessas *experiências excepcionais*? As drogas podem vir a ser esse *objeto derradeiro* que destrói e angustia o homem? Quando isso acontece? Ou, em outras palavras, em que formas de relação entre o sujeito e as drogas poderíamos dizer, com Lacan, que onde a droga comparece, o sujeito desaparece?...

Foi no Seminário VII, “A ética da psicanálise”, que Lacan dedicou-se pela primeira vez a falar mais detidamente do conceito de *gozo*. Apesar de nesse livro ele não ter feito nenhuma alusão explícita à questão do uso de drogas, pode-se considerá-lo fundamental para pensar a problemática do fenômeno chamado de ‘toxicomanias’, pois nele Lacan trata do gozo como sendo algo mortífero²⁸ e que conduz, em última instância, à morte, aproximando-o da pulsão de morte. Porém, ele destacou que é precisamente isso que o sujeito busca, donde a afirmação de que ele “não procura, forçosamente, um objeto que lhe traga o bem” (Lacan, J., 1959/1995, p. 131). Esse objeto que o sujeito busca, mas que não o conduz forçosamente ao bem, tem nas drogas um exemplo representativo, o que faz das substâncias tóxicas um suplemento de gozo, uma espécie de faz-gozar moderno.

Nessa perspectiva, concordamos com a posição de Santiago (2001), segundo a qual o interesse de Lacan em “privilegiar a questão do gozo não reside na construção de uma fenomenologia dos efeitos da droga, mas (...) ambiciona demonstrar que tais efeitos são, na verdade requisitados pelo sujeito” (p. 147). Requisitados principalmente porque consistem em um modo de resposta possível do *parlêtre* ao insuportável de sua existência, ao mal-estar que afeta todo humano em sua dor de viver. Assim sendo, podemos pensar no gozo mortífero como uma espécie de aposta: se o sujeito sofre com a vida, pode então gozar da morte (com

²⁸ É importante deixar claro que posteriormente Lacan deixou de tratar o gozo em sua vertente puramente mortífera e passou a referir-se a ele como sendo também algo indispensável à própria vida, elaborando uma diferenciação entre as formas de gozo disponíveis ao sujeito. Tal posicionamento lacaniano encontra-se bastante claro no Seminário XX: “Mais ainda” (1973/1985) e no Seminário XXII: “RSI”. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

as drogas)...

No texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan (1960/1998) referiu-se mais uma vez ao efeito de ascese provocado pelas substâncias tóxicas. Em sua concepção, “quer se trate dos estados de entusiasmo em Platão, dos graus do *samadhi* no budismo, ou do *Erlebnis*, experiência vivida do alucinógeno” (p. 809), o que está em jogo é um “estado do conhecimento”, que, como tal, difere radicalmente do saber visado pela psicanálise. Isso porque o que a psicanálise visa é interrogar o inconsciente “até que ele dê uma resposta que não seja da ordem do *êxtase* nem do abatimento, mas, antes, que ‘diga por que’” (Ibid, p. 810, grifos nossos), fazendo emergir, assim, a divisão subjetiva e não tamponando-a, como parece ser o mecanismo de ação das drogas.

No Seminário XI, “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, podemos encontrar uma passagem em que Lacan usa o termo alemão *Unterdrückung*, utilizado por Freud para referir-se à satisfação tóxica, para falar justamente de um mecanismo que ele nomeia de “passagem por baixo” do material recalcado e que consiste, segundo ele, em uma forma de escapar à função da censura e, assim, manifestar o que permanecia inconsciente. Para exemplificar tal mecanismo, Lacan retomou o que Freud havia chamado de esquecimento, de tropeço de memória, especificamente na demonstração freudiana feita a partir da palavra Signorelli²⁹.

É interessante pensar a escolha feita por Lacan do termo *Unterdrückung* para falar justamente de esquecimento: o que a droga faz esquecer? A partir dessa passagem do texto lacaniano, podemos pensar que ela permite ao sujeito uma ilusão de “passagem por baixo” precisamente do que Freud denominara de recalque, da operação que é testemunha de sua divisão: através desse “esquecimento” momentâneo, o sujeito pensa ter novamente acesso às fontes de prazer outrora recalçadas, à ilusão de unidade que pudera ter antes da clivagem de seu *eu*.

A divisão subjetiva é justamente o que caracteriza o sujeito da psicanálise, o sujeito do inconsciente e que, de acordo com Lacan (1966/1998) no texto “A ciência e a verdade”, só foi possível a partir do surgimento da Ciência Moderna. O que é sem dúvida paradoxal, visto que tal ciência tenta justamente suturar a divisão do sujeito, sem, no entanto, consegui-lo. Fato que Lacan se dedicou a pensar nos anos finais de seu ensino, destacando as formas pelas

²⁹ O esquecimento do nome próprio Signorelli foi relatado por Freud (1898/1996) no texto “O mecanismo psíquico do esquecimento”.

quais o discurso³⁰ científico tenta tamponar a divisão do sujeito.

No Seminário XVII, “O avesso da psicanálise”, por exemplo, ao discutir as formas de gozo no mundo atravessado pelo discurso da ciência, Lacan (1969-1970/1992) afirmou que “a característica de nossa ciência não é ter introduzido um melhor e mais amplo conhecimento do mundo, mas sim ter feito surgir no mundo *coisas* que de forma alguma existiam no plano de nossa percepção” (p. 150, grifos nossos).

A essas *coisas* forjadas pela ciência³¹, ele chamou de *gadgets* – termo inglês que caracteriza invenções sem grande utilidade, mas que têm um efeito de divertir os sujeitos, oferecendo-lhes meios de uma fictícia recuperação da satisfação pulsional. Tais invenções contêm, ao mesmo tempo, a idéia de satisfação e de dejetos, o que as aproxima da noção de “pequenos objetos a”, na dupla acepção que a teoria lacaniana conferiu a este conceito: são objetos fabricados para causar o desejo, mas que têm um efeito real de mais-de-gozar (e, portanto, também de perda de gozo). São causa de desejo na medida em que é como ilusão de complemento de ser a falta-a-ser do humano que eles se manifestam e são mais-de-gozar porque visam à recuperação de parte do gozo primitivamente perdido pela entrada do humano na linguagem.

Se o que caracteriza a constituição do sujeito humano é uma perda de gozo que se traduz em um ganho (ou seja, consentir perder uma forma de gozo como única possibilidade para acender a outro tipo de gozo, menos mortífero e alienante), é como resíduo da operação significante que podemos situar o mais-de-gozar, pois o mais-de-gozar é isso: uma perda que se contabiliza como ganho, consiste em renunciar ao gozo primordial, pleno em si mesmo, para poder ter acesso ao desejo e a outra forma de gozo, o gozo fálico.

Na conferência “La place de la psychanalyse dans la medecine”, proferida na Salpêtrière³² em 1966, Lacan afirmava que como *gadgets* pode-se classificar “diversos produtos que vão desde os tranqüilizantes até os alucinógenos” (Lacan, J., 1966, p. 767, tradução livre). A partir dessa afirmação fica claro que ele situou as drogas (tanto as consideradas “lícitas” como as classificadas de “ilícitas”) na mesma dimensão dos *gadgets*, o que não é sem conseqüências e merece reflexões: significa atribuir ao uso contemporâneo das drogas um *status* particular, situando-o como um efeito da ciência e diferenciando-o, assim,

³⁰ Ressaltamos que, nessa passagem, o termo discurso não é utilizado na acepção lacaniana de laço social, mesmo porque Lacan nunca chegou a afirmar a existência de um “discurso científico”. Nesse sentido, a palavra discurso aparece aqui no sentido do que é proferido e objetivado pela ciência.

³¹ Quando Lacan refere-se à “ciência”, é da ciência no sentido moderno que ele está falando, por isso ele articula-a sempre ao sujeito do Cogito, inaugurado pelo filósofo francês René Descartes.

³² Salpêtrière é o nome de um hospital psiquiátrico francês, onde Lacan realizou alguns anos de seu ensino. Bem antes disso, porém, o lugar já era de grande importância para o contexto psicanalítico, pois foi lá que Freud iniciou, com Charcot, os seus estudos sobre a histeria.

do consumo de substâncias tóxicas realizado em outros períodos históricos, por outros povos e em outras culturas. É mais que isso até: é afirmar que é possível extrair das drogas uma forma de gozo que é do mesmo estatuto que o gozo proporcionado pelos demais *gadgets*, um mais-de-gozar particular correlativo a uma mudança operada pela ciência. Mas se é uma mudança operada pela ciência, como a ciência se autoriza a combatê-la?

A crítica de Lacan a essa postura, priorizada em especial pela medicina, é taxativa: “do ponto de vista do gozo, o que é que um *uso ordinário* do que a gente chama mais ou menos propriamente de tóxicos, pode ter de repreensível”? (Idem, grifos nossos). É nesse sentido que podemos compreender a proposição lacaniana de que a denominação ‘toxicomanias’ é uma qualificação “puramente policial”, já que apenas no âmbito do poder disciplinar pode-se considerar o recurso ao tóxico como uma desordem ou, mais propriamente, como o que está fora da ordem. Pois a ciência moderna ao adotar uma posição antagônica com relação ao gozo, incentivando-o por meio da produção de *gadgets* e excluindo-o ao reduzir o corpo à sua dimensão puramente biológica, deixa ao sujeito contemporâneo uma questão: “o que fazer com isso?”, “que destino dar a esse gozo?”. O fenômeno chamado de ‘toxicomanias’ surge, então, como uma resposta possível... Uma resposta que parece ser perfeitamente compatível com nossa sociedade capitalista contemporânea, em que o gozo é um imperativo categórico, superegótico: você tem que gozar, a todo tempo, a qualquer custo!

Lacan não deixou de perceber o papel fundamental desempenhado pela ideologia capitalista nessa apologia ao gozo da qual somos testemunhas atualmente. Tanto é que, em 1972, em uma conferência em Milão, articulou-a como a modalidade de discurso do mestre moderno³³: enquanto o mestre antigo (S_1) utiliza-se do saber-fazer do escravo (S_2) para a obtenção de um produto (a), é possível existir um sujeito ($\$$), visto que a relação é entre significantes ($S_1 \rightarrow S_2$), sendo o acesso do sujeito à causa do seu desejo marcado por uma impossibilidade ($\$ // a$). Já o Discurso do Capitalista, ao operar uma inversão entre S_1 e $\$$, exclui a relação entre significantes, a partir do quê o sujeito passa a ser definido em função do objeto ($\$ \leftarrow a$), sem possibilidade de produção de laço social. É isso que torna o discurso do capitalista “alguma coisa loucamente astuciosa (...) *mas condenado à morte* (...) insustentável” (Lacan, J., 1972, p. 48, grifos nossos).

³³ No Seminário XVII, “O avesso da psicanálise”, Lacan (1969-1970/1992) propôs a existência de quatro discursos, que consistem, segundo ele, em maneiras diferentes de regulação do gozo; são eles: o Discurso do Mestre, o Discurso da Histérica, o Discurso do Universitário e o Discurso do Analista. Na Conferência em Milão, porém, ele propôs o Discurso do Capitalista como uma corruptela do discurso do mestre, ou o discurso do mestre moderno, que é o próprio capitalista.

A maior diferença, assim, entre o Discurso do Mestre e o Discurso do Capitalista é que este último não visa à regulação do gozo pela linguagem (função característica dos demais discursos), mas sim à própria promoção do gozo. Enquanto *todos* os discursos referidos anteriormente por Lacan sistematizam tentativas de estabelecer uma articulação entre o campo do agente e o campo do Outro, no Discurso do Capitalista não há ligação possível, visto que o agente é o próprio capital. Nessa perspectiva, promove-se uma nova economia libidinal, na qual se coloca os *gadgets* no lugar do objeto causa do desejo, na tentativa ilusória de tamponar a falta do sujeito. É o que é exemplificado no curto-circuito existente entre os elementos da fórmula, o que pode ser visualizado pela própria escrita deste discurso:

$$\begin{array}{ccc} \downarrow \frac{\$}{S_1} & \times & \frac{S_2}{a} \downarrow \end{array}$$

O que essa modalidade de discurso rechaça é que todo sujeito inscrito na ordem fálica é portador de uma perda primordial de gozo. Foi isso que Lacan fez questão de deixar claro no seu Seminário XX, “Mais ainda” (1973/1985), no qual ele afirmou que a palavra “faz a passagem de um sujeito à sua própria divisão no gozo” (p. 37), divisão a partir da qual o humano só terá acesso ao gozo como fálico ou como fálico não-todo, que se nomeia de gozo do Outro.

De acordo com o que propôs como sendo as fórmulas da sexuação, Lacan situou o *gozo fálico* como o modo de gozo masculino e o *gozo do Outro* como modo de gozo feminino (o gozo d’~~A~~ mulher)³⁴. Enquanto o primeiro é o gozo sexual, articulável a partir da entrada do significante no corpo, o gozo do corpo (ou fora do corpo, como preferem alguns³⁵), o gozo do órgão, o segundo é o não-todo fálico, o que escapa ao discurso, o gozo suplementar, “um gozo para além do Falo” (Ibid, p. 100). Na perspectiva lacaniana, sobre esse gozo do Outro

³⁴ A essas duas modalidades de gozo (gozo fálico e gozo do Outro), Lacan irá acrescentar o gozo do sentido, que corresponde à satisfação da significação, da compreensão de algo, e que pode ser experimentado, por exemplo, ao longo de uma análise, na decifração dos sintomas, dos sonhos etc.

³⁵ O psicanalista argentino Néstor Braunstein (2007), por exemplo, por trabalhar com a diferenciação entre gozo do ser (um gozo pleno, antes da entrada na linguagem, na ordem significante) e gozo fálico, propõe que o primeiro por estar associado ao conceito freudiano de *Das Ding* (A Coisa) é o gozo no corpo, no Real, enquanto o fálico, por ser oriundo da imersão do Simbólico, da “letra que mata a carne”, é chamado por ele de gozo fora do corpo. Gostaríamos de destacar que essa aparente diferença entre gozo fálico como gozo do corpo ou gozo fora do corpo não é relevante no âmbito da teoria lacaniana, a qual, por trabalhar com a topologia e, em especial, com a Banda de Moebius, concebe fora e dentro não como par de opostos, mas como entidades contínuas. Para uma leitura mais aprofundada sobre isso, recomendamos o livro do próprio Néstor, intitulado em português “Gozo”.

não se consegue falar, apenas se sabe que o experimenta ou não, é atribuível ~~A~~ mulher (enquanto não-toda, mas nem a todas elas), aos místicos (que se colocam como seres de Deus, submetidos a esse Outro divino durante a ascese mística) e também à psicose (visto que no delírio psicótico o sujeito se experimenta como objeto do gozo do Outro, diferenciando-se, porém, por não ter acesso a nenhum resquício do gozo fálico, devido à forclusão da castração). Mas o que dizer, então, do gozo do adicto, do a-dicto, do gozo sem dicção, do gozo sem palavras experimentado pelos ditos ‘toxicômanos’ durante o ato de drogar-se? De que ordem ele é?...

Diversamente do gozo pleno, mortífero, situado antes da entrada do *infans*³⁶ na ordem da linguagem, o gozo fálico é justamente resultante da operação de castração. É ele que permite aos homens poder fazer amor, mas como a relação sexual é impossível, não existe, Lacan advertiu que pelo gozo fálico “o homem não chega a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão” (Ibid, p. 15). Assim, com o quê ele realmente casa-se, desde a sua constituição, é com o seu falo. Mas esse, como todo casamento, também pode se desfazer...

No pronunciamento que fez nas “Journées des cartels de l’École Freudienne de Paris”, em 1976, Lacan falou sobre esse casamento do homem com o seu falo. Em suas palavras: “é porque falei de casamento que falo disso; tudo o que permite escapar desse casamento é evidentemente muito bem vindo, donde o sucesso da droga, por exemplo; não há nenhuma outra definição da droga que esta: é o que *permite* romper o casamento com o pequeno-pipi” (Lacan, J., 1976, p. 268, tradução livre, grifos nossos). Isto significa que, na concepção lacaniana, há certas relações do humano com o tóxico que se situam no âmbito de um litígio, de um fim de casamento, o que a diferencia, desse modo, da perspectiva freudiana que situava essa relação como um modelo de “casamento feliz”.

De acordo com o psicanalista francês Hugo Freda (1993), o uso feito pelo termo “casamento” em Freud e Lacan é distinto pelo fato de eles terem referido-se a dois momentos diferentes: enquanto Lacan referiu-se ao sujeito antes do encontro propriamente com as drogas, Freud referiu-se justamente à relação que o humano estabelece com o tóxico. Nessa perspectiva, o “casamento” com a(s) droga(s) viria a substituir o “casamento” com o atributo fálico e, por conseguinte, o gozo oriundo de certas práticas de intoxicação poderia vir a substituir (ou fazer romper com) o gozo fálico. Para o também psicanalista Fernando Grossi (1995), o sentido que faz falar em “casamento” feliz com a droga, tal como o fez Freud, deve-

³⁶ O termo francês *infans* corresponde, em português, à palavra criança ou infante. Porém, optamos por conservar o uso do termo em francês por ele remeter homofonicamente a sem fala, sem fonema.

se ao fato de que, com o tóxico, há o apelo, que às vezes é exitoso³⁷, em se fazer Um, enquanto que, na relação amorosa, por mais que Eros tenha a tendência de fazer Um, “o máximo que podemos ter de êxito é pedirmos um abraço um pouco mais forte” (p. 143).

Por sua vez, o psicanalista argentino Fabián Neparstek (2005) considera que a função das drogas à época de Freud difere da desempenhada no momento atual pelo fato de, na perspectiva freudiana, as chamadas ‘toxicomanias’ serem ainda um sintoma clássico, ainda referenciado pela lógica fálica, enquanto que, na atualidade, é uma resposta única e globalizada que não passa pelo Outro – daí o porquê, segundo esse autor, de Freud ter concebido a relação com a droga no âmbito de um casamento e Lacan tê-la situado como um litígio.

Mas, para além dessa questão, poderíamos nos perguntar ainda: o que levou Lacan a afirmar que tudo o que permite ao homem escapar do casamento com o seu falo é muito bem vindo? Nesse mesmo pronunciamento, encontramos a resposta: é porque esse casamento gera *angústia*, nos disse ele. Nessa perspectiva, as drogas poderiam ser um tipo de resposta a um momento lógico do sujeito, o momento da castração, aquele em que surge a angústia. O que nos leva à questão: as drogas, então, permitiriam ao sujeito liberar-se da angústia? Sendo a angústia aquilo que visa à verdade da falta (Lacan, 1962/2005), poderíamos concluir que o que os chamados ‘toxicômanos’ rechaçam (ou tentam rechaçar) é a castração? Ou seja, que o que ele nega é que o objeto causa do desejo enquanto tal é perdido desde sempre e que, portanto, todos os demais serão apenas substitutos parciais? E, sendo assim, o que acontece com o significante Nome-do-Pai nas práticas de intoxicação e, em especial, nas denominadas ‘toxicomanias’, já que é esse significante o responsável pela operação de castração, por introduzir uma hiância primordial entre desejo e gozo?...

Uma outra questão: ao romper com o gozo fálico, que gozo o sujeito encontraria? O gozo do Outro? E, seguindo essa perspectiva, quais são as conseqüências de pensar o gozo dos ditos ‘toxicômanos’ como sendo da modalidade do gozo do Outro? Corresponderia a uma aproximação com a feminilidade, o misticismo ou a psicose ou seria uma outra forma de ter acesso a esse modo de gozo³⁸?

³⁷ Segundo o autor, um exemplo claro do êxito na busca do sujeito em fazer Um com as drogas, ou seja, em se completar com as substâncias tóxicas, são os casos de *overdose*.

³⁸ Segundo o já citado psicanalista Néstor Braunstein (2007), existe uma certa confusão em relação ao Gozo do Outro, o que, de acordo com ele, se justifica “dada a polivalência do Outro lacaniano e de seu matema, o A maiúsculo” (p. 152). A partir do quê, segundo ele, “todos os gozos são gozos do Outro: 1) o gozo do corpo fora da linguagem (que estou denominando de gozo do ser); 2) o gozo que passa pela articulação linguageira submetida à Lei, marcado pela cultura (chamado aqui e com Lacan de gozo fálico); e 3) um terceiro gozo, suplementar e situado além da castração e de seu símbolo que é o gozo feminino para o qual proponho reservar, a este sim, a denominação de gozo do Outro (sexo)” (Idem). Neste sentido, esse mesmo autor propõe que o gozo

De toda forma, se a significação fálica é o que possibilita a existência de uma multiplicidade de objetos para satisfazer a pulsão sexual, impedindo assim a afirmação de um objeto específico que corresponda ao desejo, a explicação lacaniana de que a droga *permite* uma ruptura com o falo torna bastante plausível a fixidez e a monotonia de certas formas de satisfação tóxica, o que já havia sido observado por Freud desde 1912. Seria essa uma especificidade das drogas em relação aos demais *gadgets*? Pois, como a lógica do consumo capitalista caracteriza-se justamente por promover um deslizamento metonímico do objeto de desejo (“é isso... não, não era... talvez aquilo... também não... e aquilo outro?...”), podemos depreender que se encontra ainda inserida na ordem fálica, diferentemente do que parece acontecer nas chamadas ‘toxicomanias’.

Haveria, então, diferença entre as drogas dos ditos ‘toxicômanos’ e as drogas enquanto situadas no âmbito de mais um *gadget*? Ou, dito de outro modo, todo e qualquer uso de drogas representaria um rompimento com o gozo fálico? Existiriam, assim, diferentes formas de se fazer uso das drogas? E, em caso afirmativo, como diferenciá-las?... É a essa reflexão que iremos nos propor aprofundar nos capítulos seguintes.

2.3. Alguns desdobramentos das contribuições freudo-lacanianas a respeito do uso de drogas

Desde as contribuições deixadas por Freud e por Lacan acerca da problemática do uso de drogas na contemporaneidade, muitos foram os psicanalistas que, seguindo a perspectiva freudo-lacaniana, se dedicaram a estudar esse fenômeno a partir de uma compreensão que o situa tanto no âmbito subjetivo como no âmbito social. Este ponto de vista considera que o contexto sócio-cultural atual impele o sujeito a, através do consumo de substâncias tóxicas, buscar um gozo que se pretende pleno e sem furos, rechaçando a falta e a incompletude inerentes a falta-a-ser do ser humano. Daí o porquê de o gozo dos ditos ‘toxicômanos’ ser considerado um rompimento com o gozo fálico, já que este último é resultante da operação de castração e o atestado de que o sujeito é estruturalmente dividido e de que o objeto causa de seu desejo é desde sempre perdido.

Nessa perspectiva, as drogas são concebidas como sendo uma das formas através da qual o sujeito pode evitar de ter que voltar a confrontar-se com a castração, obturando, assim,

da a-dicção é uma forma de recuperação do gozo do ser (pré-linguagiero). Mas, lembrando que essa conceitualização de gozo do ser corresponderia ao que, na obra de Lacan e, em especial, no nó borromeo, é chamado de gozo do Outro. Voltaremos a esse ponto adiante.

a angústia que surgiria como resultado lógico do seu encontro com o desejo do Outro, desejo que, enquanto tal, é marcado por uma impossibilidade: a impossibilidade da existência de um objeto que o satisfaça completamente. Isso porque o desejo, diferentemente do gozo, caracteriza-se por ser constituído a partir de uma interdição: a interdição ao incesto, que impede o sujeito de fundir-se ao Outro Materno e que situa o objeto causa de seu desejo (objeto *a*) como impossível.

Dessa forma, poderíamos pensar que os chamados ‘toxicômanos’, ao tentarem fazer existir o objeto causa de seu desejo, substancializando-o na droga, situar-se-iam inteiramente no campo do gozo. No entanto, é prudente perguntarmos-nos: em que medida isso é possível? Pois o campo do pleno gozo é um lugar no qual, estritamente falando, não há sujeito (\$), já que este fica reduzido a sua pura dimensão de corpo biológico. E seria muito estranho pensar que nas consideradas ‘toxicomanias’ não há sujeito, pois isso implicaria em dizer que a psicanálise não tem com o quê contribuir com essa problemática... Ponto de vista do qual não compartilhamos! Mas, como, então, resolver esse impasse?

Acreditamos que, paradoxalmente, em sua *tentativa* de rechaçar a castração, o que o sujeito dito ‘toxicômano’ faz é (re)atualizar o seu encontro faltoso com o objeto, tal como é possível observar no jogo do *fort-da*³⁹ que ele encena com droga: a presença do objeto (ato de drogar-se) logo é sucedida pela sua ausência (na abstinência forçada pelo fim da substância). Desse modo, curiosamente, com o seu ato, os considerados ‘toxicômanos’ não restituem o objeto, restituem a falta, restituem a impossibilidade, restituem justamente aquilo que lhes é tão insuportável e que presentifica a sua própria divisão.

Segundo o psicanalista Charles Melman (2000), é justamente deste estado de falta que os chamados ‘toxicômanos’ gozam, e, nesse sentido, o que as chamadas ‘toxicomanias’ produzem poderia ser definido, então, como uma “erotização da falta”. A partir desse posicionamento do autor, faria sentido pensarmos como sintomático o fato de a droga, através da abstinência, (re)introduzir a falta em uma cultura que é visivelmente marcada pelos excessos (excesso de objetos, excesso de gozo, excesso de consumo etc.)?

Em relação a tal concepção, os psicanalistas freudo-lacanianos encontram-se divididos: enquanto alguns⁴⁰ afirmam veementemente que as ditas ‘toxicomanias’ e/ou uso de drogas

³⁹ Freud referiu-se à lógica do *fort-da* ao observar a brincadeira de seu neto com um carretel de linha: o pequeno garoto fazia-o desaparecer e reaparecer novamente repetidas vezes, atualizando, assim, a satisfação que sentia quando a sua mãe, após ter “desaparecido”, reaparecia novamente para ele, bem como a angústia sentida por ocasião do próprio desaparecimento desta (Freud, 1920/1996).

⁴⁰ Nogueira Filho, D. M. (2004); Sinatra, E. S. (1993); Bentes, L. & Gomes, R. F. (1998); Bittencourt, L. (1993).

não podem ser considerados um sintoma, outros⁴¹ acreditam que este fenômeno pode, sim, constituir um sintoma, dependendo do sentido no qual este conceito psicanalítico esteja sendo empregado.

Os primeiros, por considerarem a concepção freudiana de sintoma como sendo o retorno do recalcado e o signo de um conflito psíquico oriundo da sexualidade, alegam que os fenômenos chamados de ‘toxicomanias’, contrariamente a essa lógica, não podem consistir em um sintoma por situar-se fora do âmbito da divisão subjetiva, sem a qual não existe a operação do recalque, e por fazer existir o gozo do Um, em oposição ao gozo sexual. Além disso, essa perspectiva propõe que a operação denominada ‘toxicômana’ não funciona como metáfora e, mais ainda, não produz um saber sobre o sujeito.

Uma das autoras que partilha desse pensamento é a psicanalista Lígia Bittencourt (1993). Para ela,

a função da toxicomania vem na contramão do sintoma. Na realidade, a função da toxicomania seria evitar os sintomas dos sujeitos, agindo como máscara para esses sintomas e, obscurecendo, por exemplo, a definição do diagnóstico estrutural. A toxicomania opera, assim, como modo de resposta permanente que se substitui à exigência de uma elaboração psíquica e apazigua o sujeito diante de um intolerável (p. 83).

Também para os psicanalistas Lenita Bentes e Ronaldo Fabião Gomes (1998), “o toxicômano e o alcoolista sabem com o quê e como gozam e por isso não fazem sintoma, pois no sintoma a satisfação que se realiza é inconsciente” (p.23). Nessa perspectiva, as drogas são entendidas como um recurso que se apresenta ao sujeito que se encontra diante de um mal-estar, porém antes que se produza o sintoma, e por isso constitui uma resposta não simbolizada.

Por sua vez, os autores que defendem a segunda vertente, ou seja, que consideram que as ditas ‘toxicomanias’, bem como quaisquer outras formas de uso de drogas, podem, sim, constituir um sintoma, argumentam que, no sentido mais amplo da palavra, um sintoma é um tratamento de gozo e as chamadas ‘toxicomanias’ consistem justamente num modo de o sujeito tratar o excesso de gozo com o qual se depara em seu corpo (Soler, 1998). Além disso, para a psicanalista Sonia Alberti (2003),

⁴¹ Soler, C. (1998); Alberti, S. (2003); Conte, M. (2000).

Se tomamos emprestado de Lacan o conceito de sintoma tal qual desenvolvido em *A terceira*, o sentido do sintoma é o real, o real enquanto pedra que se põe no caminho para impedir que as coisas funcionem no sentido em que sejam satisfatórias para os mestres; então *o toxicômano que usa a droga para se subtrair ao gozo do Outro pode fazer dela um sintoma* (p. 52, grifos nossos).

Ainda de acordo com Alberti, em artigo conjunto com Clara Lúcia Inem e Flávia Corpas Rangel (2003), não é raro que o uso de droga seja substituído pela religião ou por outros meios de obtenção de prazer, tal como ficou claro nos Estados Unidos da América na época da lei seca⁴². Segundo as autoras, “se é possível implicar a droga em equivalências, então é possível pensar a droga no âmbito do sintoma” (p. 22), considerando-se, para tanto, a sua acepção mais clássica de operação metafórica.

No mais, se concebermos o sintoma como o quarto elo responsável por amarrar os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário, tal como Lacan também propôs em “A Terceira” (1974), considerar que os denominados ‘toxicômanos’ não fazem sintoma poderia sugerir que nos fenômenos ditos ‘toxicomaníacos’ esses três registros estariam desatados... Isso não teria como implicação uma aproximação com a estrutura psicótica?...

Concordamos com Alberti (2003) quando esta afirma que “não é mais possível hoje abordar a clínica da toxicomania fora de uma referência norteadora da discussão estrutural, ou seja, da verificação da relação com a neurose, a psicose e a perversão” (p. 50). E, dessa maneira, situamos o que estamos chamando aqui como ‘toxicomanias’ no âmbito de um *fenômeno transestrutural*, isto é, que pode comparecer em qualquer que seja a estrutura clínica do sujeito, pois constitui um modo de tratar o gozo, de dar uma direção a isto que afeta todo e qualquer falante desde a sua constituição. Tal perspectiva vai na contramão da noção, compartilhada por alguns psicanalistas, de que as ditas ‘toxicomanias’ se aproximam da perversão, caracterizando, inclusive, o que Charles Melman (2000) chegou a chamar de “neo-perversão” ou “perversão especial”.

De acordo com Lenita Bentes (1998), “não podemos dizer que as toxicomanias e o alcoolismo sejam casos de perversão, posto que a perversão supõe um uso muito específico da fantasia” (p. 11), um uso regulado pelo gozo fálico. O que, nas denominadas ‘toxicomanias’, está impossibilitado pela própria função de ruptura com o falo que estas

⁴² A lei seca foi uma legislação que vigorou nos Estados Unidos dos anos de 1920 aos anos de 1933 proibindo a fabricação, o comércio e o transporte de bebidas alcoólicas em todo o território norte-americano. De acordo com Freud (1927/1996), nesse mesmo período, o número de fiéis nesse país aumentou em grande número, o que, segundo ele, diz da existência de uma relação entre drogas e religião.

práticas de intoxicação implicam. Segundo o psicanalista francês Éric Laurent (1997), se formos fiéis em concebermos os fenômenos chamados de ‘toxicomânicos’ como uma formação de ruptura com o gozo fálico (tal como proposto por Lacan), temos que pensar as três conseqüências lógicas deste fato, que, de acordo com ele, seriam: o sujeito poder gozar sem a fantasia, apresentar uma ruptura com o Nome-do-Pai que não é psicose e fazer surgir o gozo uno como não sexual.

Em perspectiva semelhante, Jésus Santiago (2001) afirma que, se o falo é o fator capaz de colocar um limite ao gozo do Outro, de dar-lhe um apaziguamento, então,

a função de ruptura da droga poderia ser concebida como um modo singular de recuperação do gozo do Outro. É possível supor-se, a partir daí, que o toxicômano, em seu ato, se ofereça ao gozo do Outro a fim de completá-lo e, assim, evitar o que da falta aparece de insuportável. Nesse ponto de vista teórico, ele torna-se instrumento do gozo do Outro (p. 171).

Segundo Melman (2000), o que caracteriza esse gozo Outro – Gozoutro como ele prefere chamar – é que ele é sustentado por um conjunto sem bordas, ou seja, contrariamente ao gozo fálico, não é construído sobre um limite. E esse limite a partir do qual o gozo fálico se constitui é, para dizer precisamente, o significante Nome-do-Pai, significante que barra o Desejo da Mãe e que impede a fusão do sujeito ao Outro Materno, a qual representaria um suposto lugar de puro gozo. Mas, então, o que acontece com o significante Nome-do-Pai nas chamadas ‘toxicomanias’? A consideração de que nessas práticas de intoxicação não há recorrência ao simbólico equivaleria a dizer que este significante encontra-se excluído da cadeia (foraclusão)?

Se conforme afirmamos anteriormente, defendemos a concepção de que as chamadas ‘toxicomanias’ são um fenômeno transestrutural, logicamente acreditamos não ser possível falar em foraclusão do significante Nome-do-Pai nos ditos ‘toxicômanos’, pelo menos em não-todos⁴³ eles, pois isto obviamente os colocaria no terreno da psicose... Por outro lado, também não é possível dizer que nas toxicomanias este significante esteja intocado, pois isto interditaria o sujeito de gozar da própria morte, diferentemente do que podemos observar em alguns casos de fenômenos concebidos como ‘toxicomânicos’...

A psicanalista Elizabeth da Rocha Miranda (1998) argumenta que “o toxicômano não é

⁴³ O uso do termo “não-todos” aqui é para marcar que, fora da lógica estritamente fálica, não é possível fazer um conjunto. Assim, o esforço de nomearmos certas formas de relação com as drogas como ‘toxicomanias’ parte dessa impossibilidade e faz com que toda tentativa de nomeação seja sempre insatisfatória. Mas, ainda assim, é preciso que isso seja, de alguma forma, nomeado, para que possa ser falado...

necessariamente um psicótico”, pois se “na psicose, falamos de *foraclusão do Nome-do-Pai*”, nas denominadas ‘toxicomanias’ trata-se “de uma ruptura com o gozo fálico, pela *carência da metáfora paterna* que não sustentaria aí a possibilidade de lidar com a falta do Outro” (p. 183, grifos nossos). A autora marca, assim, uma diferença entre a *foraclusão do Nome-do-Pai*, operação que concerne particularmente à estrutura psicótica, e a *carência da metáfora paterna*, a qual representa, segundo Lacan (1939/1985), a “grande neurose contemporânea” (p. 60-61), observada desde Freud na análise das histéricas e relacionada, portanto, ao próprio surgimento da psicanálise e à própria função paterna⁴⁴.

Desse modo, pode até, de fato, haver *foraclusão* em alguns casos das chamadas ‘toxicomanias’, contanto que o sujeito em questão seja de estrutura psicótica... Isso porque, em nossa opinião, a questão do sujeito é anterior ao encontro com as drogas e estas consistem unicamente em uma resposta àquela. Sendo assim, parece existir algo para além da inscrição ou não do Nome-do-Pai e as ditas ‘toxicomanias’ parecem mostrar isso de forma clara: “é preciso também saber servir-se dele, do que pode depender o destino e o resultado de toda a história” (Nogueira, C. S. P., 2006, p. 153). Saber servir-se do Nome-do-Pai significa suportar estar na função fálica, consentir em pagar o preço da diferença sexual e aceitar, assim, a condição da castração – requisitos essenciais para o encontro com o Outro sexo.

Nesse sentido, pensamos que, com exceção daqueles que estão inscritos na estrutura psicótica, os ditos ‘toxicômanos’ não têm o significante Nome-do-Pai *foracludido*; no entanto, as drogas podem vir a servir de apelo a uma função paterna claudicante, o que pode acontecer tanto pelo viés da transgressão, como forma de tentar fazer existir a Lei, como pelo viés da identificação ao Pai (Alberti, 1998). Assim sendo, as práticas de intoxicação podem consistir em um meio encontrado pelo sujeito para tentar não deparar-se com a castração e/ou com a diferença sexual, visto que, para tanto, teria de dar provas de sua potência fálica, da qual nenhum falante tem garantia...

Para entendermos melhor a problemática do pai na obra lacaniana, é necessário situar a existência de uma tripartição desse conceito em pai Simbólico, pai Imaginário e pai Real. Enquanto o pai Simbólico é o pai que introduz os filhos no campo da Lei, marcando-os, a partir de então, com a limitação e a contingência decorrentes da castração, o pai Real é o pai

⁴⁴ No Seminário XVII, Lacan (1969-1970/1992) dedicou pelo menos quatro capítulos para falar sobre o que ele chamou de “para além do complexo de Édipo”, articulando, nestes, que o pai forte tal como sistematizado por Freud era o um sonho do criador da psicanálise. Para Lacan, ao contrário, o pai é um “mestre castrado”, “algo que está sempre, de fato, em potência de criação” (Ibid, p. 89) e que, “ao se articular como mestre, se acha em carência” (Ibid, p. 146). Ou seja, a carência do pai é a própria carência do discurso que ele encarna, o Discurso do Mestre, pois o princípio do significante-mestre é a castração. Assim, o pai, enquanto agente do Discurso do Mestre, é sempre carente/castrado, posto que sua verdade é sua divisão (\$).

que, como homem da realidade, mostra-se não-todo, introduzindo o filho na lógica do desejo e o pai Imaginário é o pai da horda, totêmico (Freud, 1913/1996), o pai detentor do objeto fálico, um pai que cria a lei, mas que, paradoxalmente, faz exceção a ela, um pai que goza (ou que, ao menos, aparenta, para o filho, poder gozar) de um gozo supostamente ilimitado.

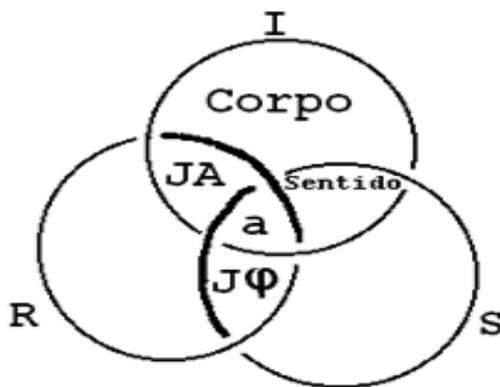
Se em um primeiro momento, Lacan (1957/1999) situou as “carências paternas” na dimensão do pai Simbólico, do pai enquanto metáfora, ou seja, enquanto um significante que substitui outro significante, mais adiante, em 1969-1970, Lacan considerou que é justamente do amor pelo pai morto (esse pai Simbólico) que procede uma certa ordem, subjetiva e social. Nesse sentido, “o pai é quem é reconhecido como merecedor do amor” (p. 112) e só é merecedor de amor na medida em que é castrado, o que, segundo Lacan, acontece quando “ele entra no campo do discurso do mestre” (p. 94). Assim sendo, nesse segundo momento, Lacan tratou a carência do pai como sendo a carência do homem, daquele que coloca a mãe como objeto causa de seu desejo, o que supõe deparar-se com a castração. Desse modo, Lacan considerou, ao final do seu ensino, que é o pai que não consegue deparar-se com a sua própria castração, esse sim, que deixa o filho em uma situação embaraçosa.

De acordo com o psicanalista Joel Dor (1991), a figura do pai Real (o elemento terceiro que intervém na relação mãe-filho), só pode ser investida como pai Simbólico (representante da Lei) pela mediação do pai Imaginário (suposto detentor do falo). Em outras palavras, segundo ele, é por achar que o pai detém o atributo fálico, percebido pela criança como causador de desejo da mãe, que o filho conforma-se em não ser e não ter o falo, acreditando que um dia, no futuro, poderá, assim como o pai, exercer a função fálica. Nessa perspectiva, “a função paterna será estruturalmente identificada à função fálica” (Ibid, p. 34), o que nos faz pensar na relação entre a função de ruptura com o gozo fálico que os fenômenos chamados de ‘toxicomanias’ engendram e uma certa instabilidade, vacilação, no que é da ordem da transmissão paterna, a qual é, sempre, “transmissão da castração” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 114).

Pois, se conforme o também psicanalista francês Patrick Valas (2001), “o gozo fálico é tributário da Lei” (p. 35), da Lei que interdita para a criança o seu gozo masturbatório (gozo do corpo próprio) e que a permite ter acesso a uma nova forma de gozo (o gozo acrescido ao corpo, gozo fálico), o rompimento com ele pela via das ditas ‘toxicomanias’ significa que algo referente à transmissão da Lei (transmissão da castração) está em questão. Ou seja, que algo da ordem da operação a ser efetuada pelo pai não foi totalmente bem-sucedida (se é que alguma vez o é). Isso significa dizer que, mesmo o Nome-do-Pai estando incluído na cadeia significante do sujeito, o que exclui de saída a possibilidade da estrutura psicótica, é possível

haver problemas na relação com a Lei que esse significante encarna e isso por várias configurações possíveis...

Para o psicanalista Marcus do Rio Teixeira (2005), por exemplo, é próprio da nossa época tecnocientífica e capitalista contemporânea tentar promover um recrudescimento do registro Real e Imaginário, o que tem como principal conseqüência um certo esgarçamento do pacto Simbólico, necessário para manter a existência do laço social⁴⁵... Mas é, de fato, possível haver a prevalência de um registro sobre os demais? Isso não seria contrário à lógica mesma do *nó borromeo*, tal como proposto por Lacan em seu Seminário XXII, “RSI” (1974) (reproduzido abaixo)?



Se concordarmos que nas denominadas ‘toxicomanias’ a modalidade de gozo em questão é o Gozo do Outro (rompimento com o gozo fálico), Lacan, ao situar essa modalidade de gozo (**JA**) na interseção entre o registro Real (**R**) e o registro Imaginário (**I**), deu margem para pensarmos haver, nos fenômenos toxicomânicos, uma maior relação com estes dois campos em detrimento do Simbólico (**S**), o qual situa o gozo fálico (**JΦ**) e o gozo do sentido (**Sentido**). Nesse modo de ver, sendo o laço social mediado pela lógica fálica, já que é o falo que media a relação do sujeito com o Outro sexo, faria sentido considerarmos que os ditos ‘toxicômanos’, aqueles sujeitos que de fato rompem com o gozo fálico, encontrar-se-iam fragilizados quanto ao laço social...

Mas isso não equivale a dizer, absolutamente, que todo e qualquer sujeito que faça uso de drogas esteja inserido nessa lógica de esmagamento/tamponamento da Lei e do laço social

⁴⁵ Em psicanálise, o laço social é concebido como decorrente da aceitação de uma perda fundamental e necessária para que o bebê possa advir como sujeito humano. Segundo o psicanalista Antonio Quinet (2006), foi para falar dos laços sociais que Lacan formalizou a teoria dos quatro discursos, pois todo discurso é um modo de laço social na medida em que é um modo de aparelhar o gozo com a linguagem, permitindo, assim, o estabelecimento das relações entre as pessoas.

e, sendo assim, esse é um fator importante a ser considerado no nosso intuito de diferenciarmos, clínica e socialmente, o que seria um simples uso de drogas daquilo que é concebido como uma “verdadeira ‘toxicomania’”. É nessa perspectiva que se situa o nosso problema de pesquisa, que será delineado a seguir, a partir de uma proposta de diferenciação das formas de uso de drogas com as quais nos deparamos em nossa sociedade contemporânea. Essa nossa proposta se pautava na convicção de que a relação que cada sujeito estabelece com as substâncias tóxicas deve ser pensada para cada caso, porém, considerando também, que há elementos sociais e culturais mais amplos que nos permitem diferenciar as formas de uso de drogas: como, por exemplo, a inserção do sujeito no laço social, a sua relação com a lógica cultural, a preocupação/cuidado com a preservação ou não do *eu*, o seu movimento em direção a um gozo regulado socialmente (fálico) ou a um gozo que se apresenta em sua vertente mortífera etc.

3. Contextualizando a pesquisa

3.1. O problema de pesquisa

A partir da releitura que fizemos das elaborações feitas por Freud, Lacan e seus seguidores para o estudo do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade, temos elementos para pensar que a importância que as substâncias tóxicas adquirem para cada sujeito que delas faz uso não se justifica simplesmente pelo fato de estas serem um objeto produtor de efeitos psicológicos e/ou fisiológicos. Muito pelo contrário, nos leva a acreditar que o caráter de insubstituível por vezes assumido pelos tóxicos deve-se ao lugar que ele vem a ocupar na economia psíquica daquele que faz da intoxicação crônica uma prática.

Nesse sentido, concordamos com a posição defendida pelo psicanalista Fernando Grossi (1996), segundo o qual

o engendramento da toxicomania corresponde a um processo complexo onde intervém, além do produto, o *contexto sócio-cultural* e o *sujeito*. A problemática não reside simplesmente no enfoque de causalidade das drogas, já que estatisticamente, entre todos aqueles que experimentam ou fazem uso, na vida, ou freqüente, sejam de drogas lícitas ou ilícitas, apenas uma pequena parcela torna-se dependente, toxicômano (p. 125, grifos nossos).

De fato, estatisticamente falando, “segundo o relatório de drogas publicado pela Organização das Nações Unidas este ano [2007], cerca de 200 milhões de pessoas usam drogas no mundo. Apenas um oitavo delas tem problemas de dependência. (...) os outros sete oitavos são usuários ocasionais” (Araújo, 2007, p. 69). Isso significa que menos de 10% das pessoas que experimentam uma droga, alguma vez na vida, farão dela uso regular (Filho & Torres, 2002). E sendo assim, é cabível supor que o contexto sócio-cultural atual, mesmo contribuindo para um aumento significativo do consumo de substâncias tóxicas, não é suficiente para explicar o porquê de alguns sujeitos, com singularidades e idiosincrasias, fazerem da droga uma escolha *mortífera*, nos casos chamados de ‘toxicomanias’.

Em seus últimos textos, Lacan já havia deixado clara, para o delineamento do momento atual que estamos vivenciando, a importância do surgimento da ciência e do sistema capitalista que, ao modificarem a forma do sujeito se relacionar com os outros e com os objetos ao seu redor, instituíram uma cultura em que o imperativo de gozo está presente em

toda parte, a todo momento. Esse imperativo incita o sujeito a buscar um gozo auto-suficiente, centrado no próprio corpo, que não dependa do outro, em consonância com a máxima *self made man*, segundo a qual o indivíduo basta a si mesmo e, por isso, não precisa de mais ninguém para alcançar a tão almejada felicidade.

De acordo com essa perspectiva, as drogas podem vir a se tornar para o sujeito um objeto privilegiado no intuito de fazê-lo alcançar um estado que se propõe a ser de pleno gozo, um gozo ao mesmo tempo particular e universalizado⁴⁶, que pode prescindir da relação com o outro/Outro e do mal-estar decorrente da mesma – o outro é substituído pelos objetos de consumo, ou até mesmo pelo nada, como parece acontecer nos casos de anorexias. Para alguns psicanalistas seguidores de Lacan, esse gozo universalizado que é preconizado na atualidade, devido a essa característica de autonomia/independência do outro, pode ser denominado de gozo autístico e/ou de gozo cínico.

Autístico à medida que, através do gozo fabricado de um objeto de consumo, o sujeito pode conseguir reduzir os efeitos do Outro significativo, ambicionando remediar e mesmo aniquilar o seu campo de ação, de forma que sua satisfação fica situada em seu próprio corpo. E cínico⁴⁷, visto que, pelo uso da droga, o sujeito passa a crer unicamente em seu próprio gozo, remediando a existência do Outro, satisfazendo-se com a sua própria maneira de gozar, de modo que o seu gozo se dá fora do laço social (Santiago, 2001). É de acordo com essa concepção que o gozo denominado ‘toxicomaniaco’ é classificado por alguns estudiosos desse campo como sendo autístico e/ou cínico, já que, segundo os mesmos, é capaz de neutralizar os efeitos do Outro: o efeito de divisão subjetiva que o Outro faz incidir no sujeito.

Por sua vez, o psicanalista argentino Ernesto Sinatra (1996) situa o gozo dos ditos ‘toxicômanos’ como um gozo auto-erótico, visto que este é o modo através do qual o sujeito procura a exclusão de uma impossibilidade, do impossível da relação sexual. Desse modo, em sentido estrito, o gozo auto-erótico se opõe ao gozo fálico, pois enquanto este situa a impossibilidade de o sujeito fazer Um com o Outro, através da interdição do incesto, aquele representa o gozo impossível do Um, gozo que o sujeito desenhara em sua novela edípica como sendo o gozo proibido do Outro materno. Seria possível aproximar esse gozo auto-

⁴⁶ Para Sinatra (1996), por mais singular que seja a relação que cada pessoa estabelece com uma droga, não se pode prescindir de uma característica universal: a droga mesma, aquela que precisamente deve adquirir-se no mercado.

⁴⁷ O termo cínico, tal como é utilizado por esse autor, faz referência à Escola Cínica da filosofia, que teve como seu mais importante representante o grego Diógenes, homem que vivia em um barril e que recusava os ideais sociais de felicidade; para ele, o ato masturbatório era o mais prazeroso e ele fazia deste um gesto público, opondo-se às leis da *polis*. No entanto, o cínico moderno difere do sábio cínico por não fazer do seu gozo um ideal, nem tampouco um ato de contestação, apenas uma maneira de obtenção de prazer (Santiago, 2001).

erótico daquilo que Lacan formulou como sendo o gozo do Outro? Pois, em ambos, o que está em jogo é o estatuto do Outro e a relação que o sujeito estabelece com ele, além de estarem em contraposição ao gozo fálico...

Segundo ambas as perspectivas, a prática do uso de drogas equivale a uma técnica de manipulação do próprio corpo com o objetivo de dele extrair gozo. Porém, o gozo extraído nas chamadas ‘toxicomanias’ caracteriza-as de uma maneira muito particular: como uma técnica que estabelece uma parceria entre o sujeito e o objeto droga, uma parceria na qual o sujeito passa a ser assujeitado pelo objeto. Assujeitamento que segue a própria lógica do sistema capitalista, segundo a qual os consumidores, ao mesmo tempo em que consomem, são consumidos pelos seus próprios objetos de consumo.

Porém, enquanto, por um lado, há quem aproxime o ato dito ‘toxicômano’ ao *modus operandi* da ideologia neoliberal, existe, por outro lado, autores que diferenciam essas duas lógicas de funcionamento. Os primeiros concebem as drogas como mais um dentre os vários objetos de consumo existentes. Tal concepção apresenta as substâncias tóxicas como estando a serviço da economia de mercado e tem como exemplo máximo as pessoas que delas fazem uso como uma forma de ficarem mais adaptadas às exigências do mundo contemporâneo: afastando o cansaço, produzindo mais e melhor, aguçando a criatividade, suportando as frustrações etc.

Essa é a perspectiva defendida pelo psicanalista Charles Melman (1987/1997), segundo o qual

a toxicomania é o triunfo e a verdade da economia de mercado. O fato de que existe um objeto fabricado susceptível de anular todo gozo outro que não aquele que ele oferece, susceptível, por outro lado, de provocar o que se chama esse ‘estado de dependência’ que faz com que não seja mais possível prescindir dele, que, uma vez que se provou, se adotou e para sempre, isso é muito exatamente o ideal de todos aqueles que se arriscam a lançar produtos no dito mercado (p. 118-119).

Apesar de coerente, tal concepção está longe de ser um consenso. Prova é que outra vertente de psicanalistas lacanianos, encabeçados por Colette Soler (1998), acredita que, na verdade,

O toxicômano é um insubmisso ao gozo universalizado da civilização. [...]. Ele não o sabe, ou seja, é alguém que se recusa a entrar no que chamamos de o gozo fálico, visto que o gozo fálico não é apenas o gozo do órgão, mas também o gozo que sustenta toda

competição social, toda a circulação da competição no mundo social. Ele se põe de lado, não entra, não aceita correr como todos os demais para fazer uma carreira, para afirmar-se e alcançar algo na vida, ou seja, tudo o que em geral alguém sonha para seus filhos: uma realização social (p. 50).

Cláudio Henschel de Lima e Antônio José Alves Júnior (1998) partilham da opinião de Soler ao considerar que:

diferentemente de uma concepção comum – que considera que *qualquer coisa pode viciar: seja o sexo, o feijão ou a droga* – o gozo que se obtém no corpo não é o mesmo gozo que se extrai do consumo dos bens do capitalismo, como é o caso das *griffes*, automóveis, *notebooks* e celulares, cujo consumo ainda se sustenta no gozo fálico (p. 63-64).

Há, a nosso ver, entre esses pontos de vista, uma contradição (que pode ser apenas aparente ou não). No primeiro, representado por Charles Melman, os ditos ‘toxicômanos’ são colocados como aqueles que realizam o ideal da sociedade capitalista, por consumirem fiel e em quantidades cada vez maiores o mesmo objeto (as drogas). Enquanto, no segundo, defendido por Colete Soler, as chamadas ‘toxicomanias’ são percebidas como podendo representar um perigo para a própria lógica do capitalismo que rege a sociedade de consumo: se os considerados ‘toxicômanos’ são aqueles que se negam a produzir, o próprio funcionamento do regime capitalista ficaria comprometido no caso de um aumento numérico drástico dessa população e, além disso, indo ao extremo, a morte se apresenta sempre como uma possibilidade no horizonte desses sujeitos, possibilidade que inviabiliza que eles continuem a ser consumidores...

No mais, a própria palavra *dependente*, usada no senso comum para referir-se aos nomeados ‘toxicômanos’, parece subverter o ideal capitalista, o qual almeja que os indivíduos sejam auto-suficientes, autônomos, *independentes*... Ignorando o fato de que, na verdade, a dependência é o estado normal constitutivo do sujeito!

Sendo assim, é necessário pensar com cuidado tanto uma como outra concepção acerca da relação dos fenômenos ditos ‘toxicomaníacos’ com a lógica capitalista. Como explicar que, aparentemente, um ‘mesmo’ fenômeno resulte em considerações tão diversas?... Não seria porque não se trata do mesmo? Ou seja, essas posições teóricas diferenciadas não poderiam ser igualmente verdadeiras caso se considerasse que existem diferentes formas de relação do(s) sujeito(s) com as drogas? Nesse caso, estaríamos autorizados a pensar que, se

no fenômeno chamado de ‘toxicomanias’, há um rompimento com o gozo fálico e, portanto com a lógica capitalista, no uso de drogas (quer seja ele eventual, recreativo, ocasional etc.) não? Pois, conforme já dito anteriormente, acreditamos que tão somente o fato de alguém usar drogas não é suficiente para caracterizar o que é considerado social e clinicamente como ‘toxicomanias’...

Existem implicações éticas nessa nossa posição: pois, conforme Sinatra (1996), se considerarmos como verdadeiro ‘toxicômano’ cada pessoa que escolhe drogar-se, no preciso momento de fazê-lo, em cada *flash* ‘toxicomaniaco’, por assim dizer, seríamos conduzidos a generalizar as chamadas ‘toxicomanias’ como estrutura clínica – o que obviamente não condiz com a própria noção de estrutura proposta por Lacan. Dessa maneira, somos levados a pensar que existe um modo, ou movimento, de gozo específico oriundo de uma particular relação com a(s) droga(s), que caracterizam as ditas ‘toxicomanias’, e que há, por outro lado, outro(s) modo(s) de gozo decorrente(s) de outras formas de relações possíveis.

Essa diferenciação entre as formas de consumo de drogas existentes na contemporaneidade, tal como estamos tentando articular aqui, também é sistematizada por outras áreas de saber. Um recente estudo encomendado pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO)⁴⁸, por exemplo, distingue quatro tipos de usuários de drogas: o experimentador, que experimenta um ou vários tipos de drogas, mas seu contato se restringe às primeiras experiências; o ocasional, que utiliza uma ou várias drogas ocasionalmente, sem, no entanto, apresentar dependência; o habitual, que faz uso freqüente, mas ainda “funciona” socialmente; e o dependente (chamado também de ‘toxicômano’), que vive pela e para as drogas e seus vínculos sociais são por elas bastante prejudicados ou até mesmo rompidos.

Por sua vez, também de acordo com a quarta edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM IV)⁴⁹, existem sete critérios clínicos capazes de diferenciar um uso de drogas daquilo que é considerado uma ‘verdadeira’ dependência química. São eles: tolerância, abstinência, consumo maior que o pretendido inicialmente, perda de controle, dispêndio de muito tempo para a substância, relevância do uso e fracasso do indivíduo em abster-se da sua utilização.

Em perspectiva semelhante, a Organização Mundial da Saúde⁵⁰ (OMS), para definir

⁴⁸ Rezende, M. (2000). Uso, abuso e dependência de drogas: delimitações sociais e científicas. *Psicologia e Sociedade*.

⁴⁹ DSM-IV (1994). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi.

⁵⁰ Pereira, S. M. (2006). O uso e o abuso de drogas na adolescência. In: Cirino, O. & Medeiros, R. *Álcool e outras drogas: escolas, impasses e saídas possíveis*. Belo Horizonte: Autêntica.

uma dependência química, defende ser necessário considerar a quantidade, a frequência do uso e pelo menos três dos seguintes sinais: compulsão, consciência da dificuldade para controlar o uso, uso para atenuar sintomas de abstinência, evidência de tolerância, consumo em ambientes não propícios ou a qualquer hora, perda de prazeres ou interesses, retorno ao uso de drogas após período de abstinência com reinstalação do quadro anterior e persistência do uso em detrimento das evidências danosas.

A psicanálise também concorda que “nem todo consumo de drogas deve ser enquadrado na condição mórbida para a qual se criou uma profusão de denominações: drogadição, dependência, vício ou toxicomania” (Pacheco Filho, R. A., 1997-1998, p.132). E, sendo assim, considera que “é preciso diferenciar os simples usos de estupefacientes de um imperativo de tratamento do organismo por um tóxico, quando este se torna o único meio de conservar, a cada dia, um corpo ao abrigo de uma dor intolerável” (Kaufmann, P., 1996, p.542). Nesse sentido, compartilhamos da afirmação da psicanalista Marta Conte (2000), segundo a qual “o conceito de toxicomania, portanto, exclui o uso eventual, recreativo ou habitual das drogas. Considera-se a toxicomania a relação intensa e exclusiva, na qual o uso de drogas já se tenha estabelecido também como uma função na vida psíquica do sujeito” (p. 11) e uma função que diz de uma forma de gozo muito particular...

Assim, parece haver, em todos esses campos de saber acima citados, uma reconhecida diferença entre as várias modalidades de usuários de drogas e de formas de uso dessas substâncias. Porém, se tanto para as ciências sociais como para a medicina e a psiquiatria clássica tais diferenças pautam-se na quantidade e frequência do uso de drogas, para a psicanálise, os critérios capazes de diferenciar os tipos de usuários e formas de uso existentes só podem dizer respeito à modalidade de gozo experimentada e suportada por eles. Sendo assim, no âmbito psicanalítico, persistem as perguntas: que modalidade de gozo perpassa cada uma dessas formas de se relacionar com as drogas? Todas estão inseridas na lógica do discurso do capitalista? O que permite ao usuário não tornar-se ‘toxicômano’? Se o consumo capitalista é uma lógica mundial, culturalmente instituída e generalizada, não sendo possível dele prescindir completamente, quando ele configura o que pode ser considerado por alguns como uma ‘patologia’? Enfim, o quê, *à luz da psicanálise*, testemunha a distinção entre o simples uso de drogas e o que é considerado usualmente como uma verdadeira ‘toxicomania’?

Concordamos com a afirmação de Hugo Freda (1993) de que não são as drogas que fazem o dito ‘toxicômano’ e sim “é o toxicômano que faz a droga” (p. 2). Isto é, acreditamos que é uma particular relação de um sujeito com um objeto que confere a este último o poder

de converter-se em uma fonte de gozo da qual o próprio sujeito não consegue mais prescindir. O que, segundo Marta Conte (2000), constitui a diferença entre drogas e tóxico: sendo as drogas o produto em si e o tóxico a transformação de um produto consumido em algo que toma para si uma função vital para o psiquismo – de forma consonante com a polissemia do termo *phármakon*, utilizado pelos gregos para referir-se às substâncias tóxicas, podendo designar veneno (tóxico) e/ou remédio (remediando um determinado momento da vida do sujeito), dependendo da forma como fosse utilizado.

A implicação de tal concepção é que o que passa a ser considerado como central na problemática das chamadas ‘toxicomanias’ e nas demais formas de recurso ao tóxico é o sujeito e não as drogas e, sendo assim, apenas através da escuta a cada sujeito em particular é que se poderá dizer se ele é ‘toxicômano’ ou não... Isto significa dizer que

podemos encontrar quem faça um uso que não se caracterize como ‘dependência’ ou como ‘toxicomania’, o sujeito estar mais próximo de ser um usuário – alguém que, apesar de fazer o uso, não coloca a droga como central e destrutiva em sua vida. (...) a ‘toxicomania’ não pode ser definida somente pela frequência e tipo de droga que o sujeito usa, mas, principalmente, pelo lugar que ela ocupa na subjetividade do paciente. É importante também a atenção sobre outros aspectos de sua vida, tais como a preservação dos laços sociais, sua relação com a família, escola, amigos, etc. (Nogueira, S. C. P., 2006, p. 148).

É a partir desta perspectiva que estamos nos propondo a realizar uma escuta, psicanaliticamente orientada, de sujeitos que fazem (ou fizeram) uso de drogas, na tentativa de delimitar o lugar que a droga ocupa (ou ocupava) na economia psíquica de cada um, que função desempenha, como afeta seus laços sociais e que conseqüências trazem para a sua subjetividade. Acreditamos que isso nos permitirá lançar luz sobre as diferenças existentes entre as ditas ‘toxicomanias’ e os outros modos de uso de drogas na contemporaneidade, o que nos possibilitará, em um momento posterior, articular teoricamente/conceitualmente o que está em jogo nessa diferenciação.

3.2. A questão do método

A metodologia de pesquisa a ser utilizada para a investigação do problema acima definido é a psicanálise. Este campo de conhecimento foi definido pelo filósofo Louis Althusser (1965/1984) como sendo uma prática, uma técnica e uma teoria, responsável pela

definição de um objeto de conhecimento e um método de saber que são estritamente seus: o inconsciente e o método analítico. Para esse autor, “este conjunto orgânico prático, técnico e teórico lembra-nos a estrutura de toda disciplina científica” (p.53).

Essa posição defendida por Althusser, no entanto, está longe de ser um consenso. Ao abordar a questão da cientificidade da psicanálise, o próprio Lacan (1966/1998) afirmou, sem encerrar a questão, que ela poderia se tornar uma ciência, mas não o era *ainda*. De fato, a proposta da psicanálise é que o sujeito, historicamente foracluído do discurso científico, seja posto no centro, o que de certa forma perverte o cálculo da Ciência Moderna – pois esta se compromete com uma Verdade absoluta, que é entendida como correspondente à realidade, o que torna embaraçoso o lugar da psicanálise, que trabalha não com a realidade dos fatos, mas com a verdade das *fantasias* do sujeito.

O psicanalista Luís Cláudio Figueiredo (2004) se propõe a solucionar esse impasse ao ressaltar a especificidade do modo de investigação da psicanálise e esclarecer que, nesse campo, o termo pesquisa é empregado em um sentido que está no extremo oposto ao que seria uma pesquisa convencional. Isso porque, se na forma tradicional de fazer pesquisa, há um ideal de autocontrole na investigação dos objetos de estudo e de definição *a priori* das técnicas empregadas na exploração metódica de um domínio, em uma pesquisa orientada pela psicanálise trata-se, ao contrário, de abrir-se à escuta do novo, “de inclinar-se diante de, dispor-se a aprender-com, mesmo que a meta, a médio prazo, seja aprender-sobre” (p.166).

Para o também psicanalista Luciano Elia (2000), a pesquisa é uma dimensão essencial da práxis analítica, pois essa práxis se justifica justamente pela investigação do inconsciente. Porém, este autor recusa a noção de método de pesquisa, por considerá-la inconciliável com a necessária inclusão do sujeito em toda a extensão e em todos os níveis do campo da psicanálise. Dessa forma, o argumento utilizado por ele é que toda e qualquer pesquisa em psicanálise é clínica, mesmo que seja realizada em outro ambiente e com outros fins, pois o saber que será produzido “obedecerá à lógica do saber inconsciente, implicará a transferência e será elaborado a partir da instalação do dispositivo [analítico]” (p.24).

Desse modo, a colocação de que se tomará a psicanálise como referencial teórico-metodológico para a realização da pesquisa que está sendo proposta aqui indica, desde já, que a metodologia de pesquisa empregada não pretende efetuar uma coleta de dados quantificáveis, generalizáveis, com a pretensão de esgotar todo o saber possível sobre o objeto em questão. Pelo contrário, o que é legítimo esperar como resultado em uma pesquisa assim definida é que o esforço de leitura do material oriundo da pesquisa propicie desdobramentos inovadores que permitam uma mais fecunda utilização da psicanálise, tanto

como teoria, técnica e prática, como também como modo de investigação⁵¹. Além dessa finalidade, que já é em si relevante para o desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica e científica, existe ainda uma razão social e ética que justifica a sua existência: a pretensão de que as reflexões dela oriundas venham a possibilitar uma nova forma de pensar e tratar os sujeitos que se envolvem com drogas, sejam eles ‘usuários’ ou denominados de ‘toxicômanos’.

Nesse sentido, nos proporemos a analisar, na seqüência, as falas oriundas de duas entrevistas realizadas com sujeitos, ambos do sexo masculino, que fazem/faziam algum tipo de uso de uma ou mais drogas consideradas ilícitas e que se dispuseram a contar a história dessa relação que mantinham/mantiveram com o tóxico e as conseqüências da mesma no seu vínculo familiar e social. Acreditamos que tais relatos nos ajudarão a pensar nossa questão de pesquisa, levando-nos a refletir sobre a função que as drogas ocupam (ou ocupavam) na economia psíquica de cada um desses sujeitos e esclarecendo um pouco o que cada sujeito encontra para mais além da droga e como esse mais além o auxilia a suportar a dor de existir, o sofrimento de sua divisão, o insuportável do impossível da relação sexual e o mal-estar existente na cultura e nos laços sociais... A partir dessa escuta, nos proporemos a articular as vivências singulares desses sujeitos com a nossa realidade social mais ampla e com os conceitos psicanalíticos que podem lançar luz sobre as diferentes formas de relação com as drogas estabelecidas por cada um deles.

⁵¹ Tal finalidade é de especial importância no caso do problema de pesquisa aqui delineado, pois o fenômeno chamado de ‘toxicomaniaco’ consiste em um desafio para a psicanálise tanto como teoria quanto como prática, pois, segundo alguns psicanalistas, o dito ‘toxicômano’, ao se colocar como um ser que busca um gozo pleno, põe ênfase no gozar em detrimento do desejar e, assim, requer que a psicanálise, tradicionalmente voltada ao campo do desejo, seja alçada a um novo patamar (Inem, 2006).

4. A pesquisa

Das duas entrevistas que serão utilizadas aqui como material de pesquisa, uma foi obtida através de um contato informal que se mostrou interessado em participar do estudo e a outra foi realizada na Divisão de Prevenção e Educação (DIPE) do Departamento de Narcóticos do Estado de São Paulo (DENARC/SP).

O DIPE é um serviço social, formado por uma equipe de psicólogos, assistentes sociais e voluntários, existente desde 1987, data em que foi fundado por um decreto de lei estadual o DENARC/SP. O objetivo do serviço é orientar e encaminhar o usuário de drogas e sua família, agindo como intermediador entre quem procura tratamento e os serviços que o prestam, sejam estas entidades públicas ou privadas. Além disso, é de sua competência o desenvolvimento de programas e cursos de prevenção à disseminação do tráfico e ao uso considerado “indevido” de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica.

A estratégia adotada para a realização das entrevistas no DIPE foi a ida semanal ao serviço e a solicitação da participação às pessoas que lá estavam buscando tratamento para uso de drogas – explicitando que tal participação na pesquisa seria voluntária e desvinculada do serviço. Nessa configuração, foram realizadas quatro entrevistas, das quais optamos por utilizar aqui apenas uma, em detrimento de esta ter possibilitado uma análise mais aprofundada e complexa que as demais, além de ser representativa do fenômeno que estamos nos referindo aqui como ‘toxicomanias’ – o que permitiu contrapor-lhe com a outra entrevista utilizada, na qual se trata visivelmente de um uso que escapa à configuração denominada ‘toxicômana’.

4.1. Da casa à rua, da rua a casa: o caso Maurício

Uma semana depois de eu ter apresentado, em sala de aula, o meu projeto de pesquisa para o mestrado, um colega me procurou e me disse conhecer alguém que provavelmente poderia me ajudar: Maurício, um amigo seu que usava drogas. Disse-me ter encontrado com Maurício no próprio dia e já ter-lhe perguntado se ele aceitaria participar da minha pesquisa e se poderia passar o seu contato para mim, ao que Maurício prontamente respondeu que sim. Esse colega passou-me então os números telefônicos de Maurício e falou-me que eu poderia ligar, que ele já estaria esperando pela minha ligação. Telefonei-o, então, na mesma semana,

me identifiquei e ele foi muito receptivo: surpreendeu-me por querer marcar a entrevista logo para o dia seguinte. Eu não poderia e ele, dessa forma, me propôs ligar-lhe na outra semana. Já no segundo contato, marcamos a entrevista, ele pediu-me para confirmar na véspera e eu, apesar de ter achado estranho, telefonei para confirmar. Ele me disse que estaria de “Styllo preto”, para facilitar que eu o reconhecesse – o interessante é que eu entendi “estilo preto” e imaginei que ele iria todo vestido de preto...

No dia e hora marcados para a entrevista, eu esperei-o por quase uma hora, porque, segundo ele, um problema no carro estaria impedindo-o de ir ao meu encontro. Por isso, telefonou-me para perguntar se a nossa conversa demoraria muito, pois estava pensando em ir a pé e deixar o carro para consertar, passando para pegá-lo depois. Não podendo afirmar sobre o tempo que duraria a nossa conversa (já que em psicanálise o tempo não está referido ao tempo cronológico do relógio, mas ao tempo do inconsciente, ao qual chamamos de tempo lógico), afirmei que poderia esperá-lo um pouco mais. Cerca de meia hora depois, ele chegou, me ligou, disse estar me vendo e pediu-me para ir ao seu encontro: “estou aqui na frente, num Styllo preto”. Ao chegar onde ele estava, me perguntou se eu não gostaria de entrar no carro para irmos procurar uma vaga de estacionamento. Surpresa, disse-lhe que não precisava, que eu poderia aguardar ele estacionar para conversarmos.

Quando finalmente o Styllo (estilo) preto dele não era mais um empecilho para nossa conversa, eu me apresentei e o dirigi uma questão: “você prefere tomar um café ou irmos para um lugar mais calmo para conversarmos?”. Ele, então, se mostrou dividido e me endereçou uma suposição de saber: “como eu não sei direito como é sua pesquisa, é melhor você decidir”. Propus-lhe, então, tomarmos um café enquanto eu explicava a pesquisa e depois decidirmos como seria melhor. Ele se adiantou e pediu um pão de queijo e um suco de abacaxi para ele e um café para mim⁵², perguntou-me se eu queria mais alguma coisa e fez absoluta questão de pagar tudo.

Ao fim do seu ‘café da manhã’, pediu-me para falar da pesquisa. Eu disse que estava investigando as relações que as pessoas podiam desenvolver com as drogas e a forma como essa relação se constituiu ou se constitui, ao que ele começou a contar como teve o primeiro contato com estas substâncias: falou-me do bairro que morava, dos amigos e colegas que tinha, que todo mundo usava e ele, por “curiosidade”, experimentou e passou a usar também. Nesse momento, me chamou atenção a importância que tinha o grupo para o contexto do seu

⁵² Nos encontros que tive com Maurício uma cena se repetiu: ele tomava “café da manhã” comigo enquanto os filhos o esperavam em casa. O que isso poderia significar? Uma forma de mostrar que ele é um bom pai, um pai presente, que encontra os filhos aos sábados? Ou uma forma de tentar ‘apressar’ a nossa conversa?...

uso: sempre usava quando alguém estava usando, quando alguém tinha comprado, quando alguém tinha levado para o local de encontro do grupo etc. Tratar-se-ia de uma identificação ao Outro grupal⁵³?...

A seqüência da fala de Maurício, conforme mostraremos a seguir, faz-nos pensar que sim e nos leva a afirmar que, para esse sujeito em particular, as drogas estariam representando a tentativa de inscrição de uma identidade e a busca do estabelecimento de laços sociais desligados do âmbito familiar. Esse é um aspecto importante para analisarmos a modalidade de uso de drogas feita por Maurício...

Maurício afirmou ter usado drogas pela primeira vez aos 19 anos, mesma idade em que começou a beber, a fumar e a trabalhar, segundo ele, tudo “muito tarde”. Tarde em relação a quê, tarde em relação a quem?, fiquei me perguntando... Pouco mais adiante, sem se dar conta, ele deu a resposta: com 18 anos, o seu pai casara com a sua mãe, pois ela havia engravidado, e ele “teve que trabalhar desde cedo e sempre trabalhou muito”, ficando, por isso, ausente dos problemas de *casa*. Para Maurício, por serem do interior, seus pais são “muito tímidos” e “meio que deixavam as coisas acontecerem”, seu pai nunca falara com ele sobre certos assuntos: “drogas, sexo, essas coisas” e Maurício “sentia falta disso”. Com as irmãs, a mãe conversava, “porque são mulheres”, mas com ele, “era papel do meu pai”, “era ele quem tinha que falar de certas coisas comigo, mas ele não falava”. Maurício definiu da seguinte maneira a sua *casa*: “lá sempre foi assim, cada um na sua”, “o meu pai ficava o dia todo trabalhando”, “a minha mãe sempre muito na dela” e ele próprio “muito independente⁵⁴”, “ficava pouco tempo em *casa*”, admitindo ter sido “sempre muito carente”.

Maurício associou essa ‘carência’ que sentia em sua *casa* com o fato de ir muito para a *rua* (note-se aí uma oposição que se delineia entre *casa*, que representa a família, e *rua*, representando amigos e drogas). Nas palavras dele: “como eu me sentia muito carente, sentia falta de um contato maior com a minha família, acabava indo pra rua, ficava com meus amigos”. E foi com esses mesmos amigos, na *rua*, que Maurício começou a usar maconha e cocaína. Usava todo final de semana, na frente da casa de alguém do grupo. “Até que o pessoal começou a usar também *crack*”, ao que Maurício pensou: “opa, o negócio tá ficando sério” e, por isso, foi se afastando, pois segundo ele “sabia que ia me fazer muito mal”. A

⁵³ Segundo Sonia Alberti (1998), o uso de drogas na “adolescência” pode vir a fazer laço social pela vertente identificatória ao Outro grupal, pela identificação aos novos ideais que o grupo representa e que permitem ao sujeito poder desligar-se do Outro familiar.

⁵⁴ Maurício afirmou ser independente porque “só pedia aos meus pais o que é necessário”, referindo-se ao aspecto financeiro. Porém, uma questão faz-se ouvir: o que é necessário que um filho peça aos pais? A nosso ver, Maurício estava pedindo para não ser tão *independente* e a forma que encontrou de fazer isso foi através de uma substância que é conhecida por tornarem as pessoas *dependentes*.

partir dessa fala, poderíamos pensar que, para Maurício, a maconha e a cocaína eram ‘brincadeiras’, em oposição ao *crack* que era “sério”? O que fez Maurício recuar diante do *crack*? O quê ele imaginou que o *crack* poderia quebrar⁵⁵? Maurício parece não ter perdido de vista o risco que as drogas (em especial, o *crack*) poderiam representar para o seu eu e, nesse sentido, seu recuo diante dessa substância pode ser entendido como uma preservação narcísica, uma forma de resguardar-se contra uma possível ameaça.

Além disso, temos elementos para pensar que Maurício recuou diante do que ele associou com uma ameaça de *morte*. Esse tema apareceu de forma velada (ou nem tanto) em quase toda a fala de Maurício: alguns colegas que usavam drogas morreram, viraram o carro e ele próprio, em um assalto, levou um tiro e mais doze tiros atingiram seu carro, o que, segundo ele, aconteceu “uma semana antes da *morte* do Ayrton Sena”. Ao falar sobre esse tiro que levou em um assalto, Maurício, sem se dar conta, o associou tanto ao começo do seu uso de drogas (pois o tiro aconteceu na idade em que ele começou a usar) quanto ao que o fez se distanciar das mesmas (pois, segundo Maurício, após o tiro, os seus pais passaram a ficar muito preocupados quando ele saía de *casa*, o que o fez deixar de sair tanto e se afastar mais da *rua*, dos amigos e das drogas).

Obviamente, há entre o momento em que ele começou a usar drogas e o momento em que ele começou a se distanciar das mesmas um intervalo cronológico (de aproximadamente 7 anos) que não autoriza essa dupla associação. Logo podemos depreender que esta diz respeito não ao sujeito da razão, mas ao sujeito do inconsciente. Sendo assim, perguntamos-nos: como, subjetivamente, Maurício pôde associar um mesmo evento a dois efeitos psíquicos aparentemente opostos (começar a usar drogas e se afastar das mesmas)? Faz sentido considerarmos que Maurício pôde, no *a posteriori*, ressignificar o evento do tiro e isso, de alguma forma, o levou a afastar-se das drogas?

Também em outros momentos Maurício voltou a falar sobre esse receio da morte. Um exemplo disso é que, por mais de uma vez, ele referiu ter lido em uma revista que atualmente as pessoas que vendem drogas, “para fazer a cocaína render mais”, misturam-na com fermento em pó: “imagina você cheirar isso, isso ir para dentro de você”, “desse jeito a pessoa *morre* mesmo”. Ele mesmo afirmou que esse fato (a notícia da revista) foi um dos motivos que o influenciou a deixar de usar. Esse é um ponto a ser sublinhado: se os ditos ‘toxicômanos’ são aqueles que gozam da própria morte (entendida como supressão do sujeito, do desejo), esse recuo de Maurício diante da morte é um elemento importante para pensarmos

⁵⁵ Usamos a palavra “quebrar” porque o termo *crack* dá a idéia de algo que quebra, racha, despedaça: é o barulho usado para simbolizar quando algo cai.

o uso de drogas feito por ele. Um outro fato que chamou atenção nessa fala foi a relação que Maurício estabeleceu entre a cocaína e o fermento, esta última uma substância conhecida principalmente pela razão de fazer as coisas crescerem, proporcionar o crescimento de algo... Esse é um ponto importante ao qual retornaremos adiante...

Mas Maurício teve também outros motivos para abandonar o uso que fazia de maconha e principalmente de cocaína: se no início da entrevista ele havia me falado que nem o pai nem a mãe dele sabiam do seu uso de drogas, depois admitiu já ter “esquecido” por algumas vezes maconha no banheiro da sua *casa*, ao que a sua mãe encontrou. “Mas a minha mãe costumava conversar, ela não costumava chamar muito meu pai pra participar dos problemas de *casa* não”... A partir desse fragmento da sua fala podemos pensar então que se a mãe de Maurício não chamava o seu pai para participar dos problemas de *casa*, Maurício deu um jeito de mostrar-lhe um problema da *rua*, ou seja, a maconha? Quem sabe assim o seu pai não seria chamado?...

Perguntei-lhe, na seqüência, se ele imaginava que a sua mãe teria contado ao seu pai sobre esse fato, ao que ele me respondeu: “não sei, viu? Meu pai uma vez me disse que se eu tava usando, eu devia saber o que tava fazendo, mas que ele não ia me pegar em canto nenhum se por acaso eu não conseguisse chegar em *casa*, se eu fosse preso, não ia me soltar, nada disso... Que não ia me ajudar a resolver nada, que a opção era minha, que se eu quisesse continuar, ele não ia me tirar das encrencas”. A nosso ver, essa intervenção do pai teve para Maurício valor de ato: Maurício poderia fazer o que quisesse, mas o pai continuaria agindo com relação a ele apenas no âmbito da *casa* (família), se Maurício não conseguisse chegar em *casa*, o pai não iria se envolver com os seus problemas da *rua* (drogas).

Maurício admitiu que essa fala do pai o fez pensar, que começou a ter “mais cuidado” e emendou com: “essas coisas, foi o que me fez querer parar também”, ao que eu sublinhei: “então quando seu pai falou isso você pensou em parar?”. A resposta dele foi um ato falho: “não, eu não tinha *parado em pensar*”. Em uma tentativa de desautorizar o ato do pai, Maurício fez um ato falho que, ao contrário de desautorizá-lo, ratificou a sua importância: o fez parar em pensar/parar para pensar/parar e pensar! O que nos faz pensar mais ainda que o pai de Maurício fez um ato, no sentido psicanalítico do termo: ao dizer que Maurício podia usar droga, que a opção era dele, o efeito sobre Maurício é o oposto, de fazê-lo parar para pensar/pensar em parar (tal como o analista que diante da dúvida “caso ou não caso?” diz “você não pode casar” e o analisante vai lá e casa).

Se o pai de Maurício deixou claro que não iria se envolver com os seus problemas da *rua* (drogas, amigos), Maurício arranjou um problema de *casa* (família): uma gravidez

inesperada. Interessante notar que Maurício havia dito que seu pai não falava com ele sobre drogas e sexo: Maurício usava drogas e engravidou a namorada de 17 anos (mesma idade da sua mãe quando esta casou)... Nessa época, ele já estava com 22 anos e ele e sua namorada (a partir daí, mulher) foram morar juntos. “Quando minha mulher engravidou, isso me deu mais responsabilidade, eu não era mais responsável só por mim, tinha que cuidar do meu filho, da minha mulher”, “depois que meu filho nasceu fui me afastando mais ainda [das drogas]”, “durante os três primeiros anos dele eu ainda usava com alguma frequência, mas aí depois fui deixando mesmo, tinha outras coisas para me preocupar, tinha que trabalhar, tinha que cuidar do meu filho, da minha mulher”, “isso me deu mais responsabilidade, eu não era mais responsável só por mim, tinha que cuidar do meu filho, tinha que cuidar da minha mulher, tinha que trabalhar”.

A partir desses recortes, podemos nomear outros motivos que Maurício teve para deixar as drogas (problemas da *rua*): a mulher, o filho e o trabalho (problemas de *casa*). Poderíamos pensar que esse foi um caminho encontrado por Maurício para identificar-se ao pai, já que teria que trabalhar para prover sua família? A responsabilidade de ser pai aparece aí em oposição à independência (que tinha na casa dos próprios pais): a partir da gravidez, duas pessoas passaram a depender dele, não era mais “cada um na sua”. O filho dele ia nascer e ele tinha que trabalhar (tal como acontecera com o pai dele, que quando ele nasceu teve que “trabalhar muito”).

Mas, ao mesmo tempo em que pela via da paternidade ele pôde simbolicamente identificar-se ao pai, verbalmente e em ato, Maurício fez questão de explicitamente diferenciar-se do mesmo: “hoje eu converso com meus filhos, falo com eles todo dia, vou lá sempre que posso, hoje mesmo eles estão na minha casa⁵⁶, não quero que eles passem pelo que eu passei, essa carência” e, no momento em que falou isso, pegou no celular e começou a mexer nele (ele já havia me falado que naquele dia, os seus filhos estavam na sua casa e, devido a isso, ele não poderia demorar muito a voltar). Podemos pensar que esse gesto de Maurício foi uma mensagem, uma forma de mostrar que, conforme estava falando, ele é, com os filhos, diferente do que o pai fora com ele?...

Um outro ponto importante no caminho de Maurício para se livrar do uso de drogas foi a relação que ele estabeleceu com a “mãe da sua mulher” (ele não falou sogra). Essa mulher, definida por ele como “uma nordestina arretada”, “uma presença bem forte”, única pessoa

⁵⁶ No período em que fiz as entrevistas, Maurício estava separado da mulher e morando na casa dos pais.

com a qual ele falava abertamente sobre seu uso de drogas⁵⁷, o “ajudou muito”, o aconselhava, não o “deixava sair de *casa*”, nas palavras de Maurício: “ela me tirou da *rua*”. Ou seja, diferentemente da própria mãe de Maurício, que “não conversava”, apenas “jogava as indiretas na minha cara”, a mãe de sua mulher, não deixava “as coisas acontecerem”, literalmente o tirou da *rua* (impedindo-o de sair) e o fez gostar de ficar em *casa*, “conversando na cozinha⁵⁸”. Essa mulher (“mãe” da esposa) não o deixava ser *independente* (como Maurício era na casa de seus pais), abrigou-o em sua própria casa (Maurício, a mulher e o filho moraram na casa dela por um tempo) e o impedia de sair. Ela era sua confidente, “disse que ia me ajudar a deixar a droga, mas que eu precisava querer” e que nãoalaria sobre o uso de drogas de Maurício nem para a própria filha (mulher de Maurício), a qual não sabia que ele usava cocaína, apenas que já tinha experimentado maconha.

Sendo assim, é interessante notar que, através do casamento, Maurício estabeleceu uma relação de cumplicidade com uma mãe (a “mãe” da mulher), talvez até mais do que com a própria mulher. O que isso nos diz da dificuldade encontrada por ele em assumir o papel de marido e de pai em oposição ao papel de filho? Papéis aqueles que o próprio pai de Maurício parecia ter alguma dificuldade para exercer, pois, na fala de Maurício, ele aparecia identificado muito mais ao papel do trabalhador/provedor do que ao papel de marido/pai (os laços sociais estabelecidos por esse homem [pai de Maurício] ficaram totalmente obscuros nas entrevistas: a relação com a mulher, com outros parentes, com amigos etc.). Maurício também parecia ter mais sucesso no desempenho das duas primeiras funções (trabalhar e prover sua família) – o que diz de uma identificação dele com o que apreendera do próprio pai.

Também de forma semelhante ao seu próprio pai, o pai da mulher de Maurício passava o dia fora, trabalhando, e ele ficava em casa conversando com a “mãe” (da mulher). Era necessário que a mãe de uma mulher conversasse com ele (homem) sobre certas coisas, tal como a própria mãe dele fizera com as suas irmãs, para fazer com que Maurício pudesse ressignificar o seu lugar de filho e encontrar um lugar em *casa*, sem precisar recorrer à *rua* para falar de “certas coisas”? Não seria disso que Maurício estava falando quando disse que essa “mãe” (da mulher) o “tirou da rua”?...

⁵⁷ Interessante notar que eu também sou nordestina e que Maurício também se dispôs a falar comigo de forma aberta sobre o uso de drogas que havia feito. A nosso ver, isso diz da transferência estabelecida por Maurício comigo, o que possibilitou que, em apenas duas entrevistas, ele falasse sobre questões tão relevantes em sua vida psíquica.

⁵⁸ Uma outra “aproximação” entre as conversas que Maurício tinha com a mãe da sua mulher e a cena que se delineou durante as entrevistas: ele sempre falava comigo tomando seu ‘café da manhã’, o que, via de regra, se faz na cozinha, local privilegiado em que ele falava sobre o seu uso de drogas para a sogra.

Quando o filho de Maurício estava com mais ou menos três anos (momento em que ele já tinha dito que foi mais ou menos quando parou de usar drogas), a “mãe” da sua mulher morreu, de ataque cardíaco fulminante. Apontei essa ‘coincidência’ temporal para Maurício (da morte da sogra com sua suspensão do uso de drogas) e ele novamente pareceu cometer um ato falho: “eu já não estava mais morando na casa dela, aí minha mulher quis que a gente fosse morar com *os pais* dela, ou melhor, com o pai e o irmão”. Do quê ele estava falando quando disse “pais”? Do pai e do irmão da mulher que, conforme ele próprio já havia falado, “eram muito dependentes da mãe dela”? Ou dos próprios pais dele que, com a morte da “mãe” da mulher seriam agora as únicas referências de pais para Maurício? De fato, não muito tempo depois desse acontecimento ele se separou da mulher e voltou a morar com os “pais”... O que quer dizer essa escolha de Maurício em retornar para a casa dos pais: um retorno ao papel de filho em oposição ao papel de pai e de marido que era requerido dele na casa com a esposa e os filhos? De forma semelhante ao seu próprio pai, estaria ele afastando-se da sua casa, esposa e filhos?...

Ao falar sobre a separação com a sua mulher, sem que eu tivesse perguntado ou afirmado nada, ele disse: “mas a gente não se separou por causa disso [das drogas] não, se separou por outros motivos”. Relembro, então, Freud, que em seu texto “A negativa” (1925/1996), deixou claro que quando uma pessoa nega algo sem que aquilo tenha sido afirmado ou perguntado é porque ela está recalçando uma verdade que ela própria, mentalmente, já havia dito... Como as drogas poderão ter interferido em seu casamento? Ou, dito de outro modo, como ter parado de usar drogas pode ter concernido para a sua separação, já que foi após parar de usar que a separação aconteceu?

Segundo Maurício, “logo depois” que a mãe da sua mulher morreu, esta engravidou, desta vez, de uma filha. Como ele significou a morte dessa mãe da mulher? Será que associado à possibilidade da própria morte, a qual ele já mostrara temer? E essa gravidez, “logo depois” de uma morte, a quê veio responder?...

Quando questionado sobre como ficava ao usar drogas, Maurício oscilava: oras dizia que “não sentia nada” (da mesma forma que dissera também não ter sentido nada quando levou o tiro), pois como sempre misturava droga e bebida, “uma anulava o efeito da outra”, oras afirmava que servia para aplacar a sua ansiedade (a maconha), oras referia-se às drogas como “uma coisa a mais”, que o fazia ficar “beleza”, mas o deixava no dia seguinte “mal-humorado”, “sem vontade de fazer nada”, “agressivo com minha mãe” (mas depois pedia desculpa). As drogas aparecem, então, associada a uma agressividade? Logo ele que afirmara ter sido sempre tão “tranquilo”? Ele reconheceu que, apesar de não ser tímido (diferentemente

dos pais), a droga “dá coragem”. A que coragem estaria ele se referindo? Poderíamos então imaginar que as drogas davam-lhe coragem para reclamar da sua “carência” (ficando agressivo com a sua mãe)? Seria o uso de drogas feito por Maurício um sintoma, uma mensagem endereçada ao Outro parental?... Ou o dava coragem de assumir o papel de homem, marido e pai?

Segundo Maurício, “geralmente as pessoas usam [as drogas] quando estão mal e comigo não era assim”, “acho que não posso me dizer dependente *químico*”. Realmente, as drogas como “uma coisa a mais” não dá a idéia de rompimento com o gozo fálico, tal como Lacan definiu as chamadas ‘toxicomanias’, a dependência química, pelo contrário, dá mais a idéia de um mais-de-gozar articulado ao gozo fálico... Então, se não era dependente da química, de quê Maurício se considerava dependente? Justo ele que se dizia tão “independente”, uma independência relacionada unicamente ao trabalho e ao aspecto financeiro, parece, nesse momento, ter reconhecido padecer de uma dependência de outro tipo...

Nesse sentido, parece significativa a escolha feita por Maurício de retornar à casa dos pais: representa um fracasso, ao menos parcial, da droga como tentativa de separar-se dos pais e assumir uma nova posição no laço social (principal trabalho a ser realizado na adolescência, que atualmente é um período cada vez mais longo): não mais de filho, mas de marido e pai. Ou seja, tal como o fermento, podemos imaginar que a cocaína lhe possibilitava crescer: sair do âmbito da casa e da posição de filho e ir para a rua e ocupar o lugar de amigo de um grupo, de marido de uma mulher, de pai de dois filhos? De forma análoga, o próprio casamento parece ter desempenhado semelhante função (tentativa de passar da posição de filho ao lugar de marido e de pai) e seguido semelhante destino. Por esse motivo, talvez possamos pensar em ambos como uma forma encontrada por Maurício para apropriar-se de insígnias fálicas para além do âmbito da *casa* parental...

Desse modo, podemos pensar haver, no caso de Maurício, algo da ordem do que chamamos anteriormente de uma *carência do pai da realidade* enquanto transmissor da função fálica (o que é completamente diferente da forclusão do Nome-do-Pai). Fenômeno que foi associado por Lacan (1939/1985) à estrutura neurótica, da qual consideramos Maurício mais um representante. Nesse sentido, o uso de drogas feito por ele pode ser entendido como servindo de apelo ao pai, o que, segundo Sonia Alberti (1998) pode acontecer, como parece ter sido nesse caso, pelo viés da transgressão como forma de tentar fazer existir a Lei, uma tentativa desesperada de fazer com que o pai se pronuncie e se (re)afirme enquanto tal.

Um fato curioso: Maurício afirmou que por um tempo enjoou das drogas, do cigarro, da cerveja... O que significa enjoar de tudo isso? Que série é essa na qual ele põe as drogas? Parece-nos que esses enjoos, bem como a mudança de posição de Maurício (de independente à responsável) dão provas de uma escolha: enquanto alguns colegas se entregaram à morte, outros foram presos, sofreram acidentes etc., Maurício escolheu o seu trabalho, seus filhos, sua mulher (mesmo depois da separação, ela continua desempenhando uma função em sua vida e, mesmo com todas as dificuldades, Maurício parece estar lutando para exercer algo da função de pai)... Uma escolha pela vida, em oposição à morte, e uma escolha pelo gozo fálico, em oposição ao gozo auto-erótico ou ‘autístico’: para Maurício, as drogas não obtiveram sucesso em neutralizar os efeitos do insuportável da diferença sexual, a castração esteve presente em sua fala o tempo todo, o que nos autoriza a afirmar que o uso de drogas feito por ele não foi da ordem do que é concebido como sendo uma ‘toxicomania’, mas esteve mais próximo da vertente do consumo/uso – daí as drogas terem podido aparecer em uma série com a bebida, o cigarro, o trabalho etc.

Ao ser questionado sobre a possibilidade de voltar a usar drogas, Maurício mostrou-se vacilante: “se eu vir alguém usando assim, não sei se vou ter vontade. Por enquanto ainda não passei por essa situação. Porque eu usava mais quando tava com meus amigos, em balada, essas coisas. Aí eu fui começando a deixar de freqüentar certos lugares, de andar com certas pessoas”...

Para nós, fica a pergunta: o que fez Maurício vacilar diante da sua escolha? Se ele voltar para a *rua* (amigos), não se garante, por isso prefere ficar em *casa* (pais). Se a identificação ao grupo (*rua*) ocorreu quando a identificação à família (*casa*) foi insuficiente, será que Maurício quis dizer que se esta última voltar a ficar capenga, existe a possibilidade de ele voltar a fazer uso de drogas? É isso que o faz vacilar?...

Impossível prever o destino de Maurício. Ao escolher o gozo fálico ele conseguiu se desvencilhar de uma possível dependência *química*, porém tornou-se tão dependente como todos os seres humanos que enveredam por esse caminho: dependente do Outro, dependente do significante que faz com que o objeto causa de seu desejo (objeto *a*) não possa ser substancializado em nenhuma droga. Mas essa é uma escolha que precisa ser (re)feita a cada dia; caso contrário, Maurício poderá deixar a *casa* (família) e voltar para a *rua*, para os amigos, para as drogas...

4.2. “Faça o que eu falo, não faça o que eu faço”... Ou ‘nem ouça o que eu falo, mas faça o que eu faço’: o caso Miro

Miro é um jovem de 23 anos que chegou a Divisão de Prevenção e Educação do Departamento de Narcóticos na companhia de um primo, em busca de um tratamento que o ajudasse a livrar-se do vício de *crack*. Sua história familiar é o que se pode chamar de “dramática”: após a separação dos pais, ocorrida depois de muitas cenas de violência física do pai para com a mãe, Miro saiu de casa e conheceu as drogas, se afundando posteriormente no vício do *crack*; seu pai tornou-se *alcoólatra* “mesmo” e a sua mãe passou por algumas internações psiquiátricas, além de ter efetuado algumas tentativas de suicídio. Foi em meio a esse emaranhado de acontecimentos que Miro tentou situar a sua história.

Ao ser solicitado que falasse sobre como se deu o seu envolvimento com as drogas, Miro foi bastante direto: disse que começou usando maconha, depois foi para a cocaína, mas que a sua vida “mudou” mesmo quando ele passou a fazer uso do *crack*. Segundo ele, foi a partir daí que “não conseguia fazer mais nada”, perdeu seu emprego, perdeu sua família, seus bens, “tudo”... Perdeu inclusive parte de seu corpo: antes de começar a usar *crack*, pesava 78 quilos e agora só pesa 60 – perdera 18 quilos, antes era “forte”.

Miro saiu da casa dos pais aos 14 anos. Até então, considerava que “tinha de tudo”: “walk machine”, “buggy”, estudava em “escola particular”, fazia “judô”, morava em “casa própria” com “dois carros na garagem”. Em suma, em suas palavras, o pai “era bem sucedido”, “ganhava bem”, “trabalhava em duas empresas”, “fazia tudo que um pai pode fazer”. Mas era “da gandaia”, “traía” a mãe de Miro e ainda “batia” nela, de modo que várias vezes Miro entrou no meio das brigas para tentar impedir as surras e acabou “apanhando junto”.

Estes recortes de fala deixam claro que Miro associava o sucesso do pai antes do alcoolismo deste ao trabalho e ao dinheiro, chegando a dizer inclusive que o pai *fazia tudo que um pai pode fazer*, parecendo, através dessa fala, não se dar conta de que a relação do seu pai com a sua mãe era o que se pode chamar de bastante problemática, marcada por um excesso, e que ser pai é muito mais que comprar objetos de consumo para os filhos e pagar as mensalidades da escola particular... Mas Miro parecia oscilar entre uma idealização do período em que ainda morava com os pais e a percepção do seu sofrimento naquela situação, reconhecendo em falas posteriores, por exemplo, com relação às cenas de violência que

presenciava do pai para com a mãe, que “*é muito ruim você querer fazer alguma coisa e não poder, ainda mais com a sua mãe, que é a pessoa que você mais ama no mundo*”.

De todo modo, na percepção de Miro, as coisas começaram a se complicar mesmo quando a sua mãe saiu de casa, por não suportar mais as surras e as traições de seu pai, e este logo colocou uma mulher apenas dois anos mais velha que Miro para morar na casa, no lugar da mãe. Algo absolutamente “inaceitável” para Miro, que decidiu, a partir desse acontecimento, sair de casa. Segundo ele, nessa época, já trabalhava, já ganhava razoavelmente bem, pois se definiu como tendo sido sempre “*muito independente*”. Aí alugou a própria casa, mobiliou-a toda, e, com 16 anos, foi fazer um curso técnico. Segundo ele, foi nesse curso técnico que conheceu amigos que o ofereceram maconha e ele, “*por curiosidade*”, usou.

Miro não explicitou como passou da maconha para a cocaína e desta última para o *crack*. Mas situou tudo isso como tendo acontecido depois da separação dos pais. Foi também depois da dita separação que o pai “ficou alcoólatra mesmo”, que a mãe “ficou com problema mental”, “passou por vários sanatórios, se jogou de cima do viaduto, teve que tomar remédio”, “teve *fratura exposta* da queda de quando pulou do viaduto”, “até hoje *manca* de uma perna”.

Mais além dos fatos concretos, o que a história de Miro nos revela é que não só a sua mãe, mas também ele e seu pai ficaram ‘fraturados’ com tudo o que aconteceu, todos eles de alguma forma ainda estão ‘mancando’: o uso descontrolado de álcool feito pelo pai e de *crack* feito por Miro deixam essa “fratura” bem exposta e nos ajudam a entender a função que essas substâncias desempenham na vida deles. O que nos lança automaticamente às seguintes questões: o que teve de tão traumático nessa separação? Fora a separação mais traumática que o próprio casamento em si, repleto de cenas de violência? E se sim, por quê?...

Após passar por vários hospitais psiquiátricos, a mãe de Miro foi morar na “roça” e “casou-se novamente”. O pai de Miro “perdeu tudo” devido ao alcoolismo e foi morar em uma casa que Miro construiu. Miro *também* “perdeu tudo”: inclusive a casa em que morava de aluguel com a esposa e com a filha⁵⁹, pois, quando foi demitido, segundo ele por “justa causa”, do seu emprego (depois de passar mais de 15 dias sem aparecer na empresa e de chegar lá nitidamente sob o efeito do *crack*), começou a vender *tudo* para comprar drogas, deixou de pagar o aluguel e foi despejado.

⁵⁹ Ao longo de toda a entrevista, Miro não explicitou como conheceu e casou com a mulher que chama aqui de sua esposa nem como foi a gravidez da mesma e o nascimento da filha de ambos. Em sua fala, a passagem da relação que tinha com os pais à relação que desenvolveu com o *crack* aconteceu de forma muito rápida e abrupta, o que, a nosso ver, testemunha algo da ordem de um intrincamento entre elas.

Em consequência disso, sua mulher foi embora levando a sua filha. Segundo o próprio Miro: “*que mulher agüenta isso, né?*”, “*do jeito que eu tava não tinha mulher que agüentasse*”. Miro tem certeza de que ele e a sua esposa só se separaram por causa do *crack*: quando ele recebia o salário, “passava a noite fora”, “gastava tudo, aí quando ela ia me pedir dinheiro pra pagar as contas eu não tinha mais nada”. Em uma das vezes em que brigaram, a esposa de Miro deu-lhe um tapa na cara, “de ficar marcado os dedos”, mas Miro afirmou que, como prometera a si mesmo que nunca ia fazer alguém sofrer o que a mãe sofreu com o seu pai, baixou a cabeça e só pediu que a sua esposa não fizesse mais isso. Concluiu: “em mulher minha eu não bato, não mesmo. Não vou fazer com ninguém o que ele fez com a minha mãe, isso não”.

Podemos perceber através dessa fala, que Miro tenta explicitamente diferenciar-se do seu pai – não batendo na sua esposa. Por outro lado, sua história com ela parece aproximar-se muito, em alguns aspectos, da história do seu pai com a sua mãe: tal como o pai, Miro também ia pra ‘gandaia’⁶⁰, passava noites fora de casa e sua esposa, de forma semelhante ao que fizera sua mãe, *não agüentou* e foi embora. Ou seja, para Miro, tal como ele próprio, que em alguns momentos assemelha-se e em outros se diferencia do pai, a esposa é colocada em posição oras semelhante oras diferenciada da sua mãe: ele diz que não suportaria batê-la, mas acaba assumindo que a colocou em uma situação na qual não haveria outra opção para ela que a de ir embora.

Despejado, sem mulher e sem filha, Miro foi para onde estava o pai – o que nos parece um movimento bastante significativo para entendermos essa tumultuada relação. Nesse momento da entrevista, ficou clara uma ‘confusão’: Miro já havia dito que a casa em que o pai estava morando era sua, mas depois se referiu a ela como sendo do pai. Apontei a ‘contradição’ e ele explicou-se: “então, porque o terreno era dele, mas a casa fui eu que construí”... Note-se aí, então, uma certa (con) fusão entre Miro e o seu pai: suas coisas (con)fundem-se com as coisas do pai, sua vida, sua história parece repetir muitos aspectos da vida e história do pai...

Nas palavras de Miro, foi quando foi morar com o pai que se “*afundou*” mesmo: o pai passa o dia “bebendo pinga” e ele o dia usando o *crack*. Miro diz que “usava” o *crack* na frente do pai. Parece-nos que esse fato fornece uma certa configuração para o uso de *crack* feito por Miro, uma configuração na qual a presença do pai é requisitada, o que parece ser revelado de forma ainda mais clara quando ele afirmou que *nunca* fez questão de esconder o

⁶⁰ Diferentemente da ‘gandaia’ do pai, que, além do álcool, incluía também outras mulheres, na ‘gandaia’ de Miro só havia lugar para o *crack*.

seu uso de drogas do pai, enquanto que da mãe e das tias sim... Mas será que podemos pensar que imaginariamente a mãe de Miro estava presente nesta configuração, nesta cena?... Esse é um ponto que será retomado adiante e que consideramos relevante para tentarmos elucidar a função do *crack* na vida psíquica de Miro.

Miro chegou a dizer que a mãe dele até sabe que ele usa drogas, mas “não sabe que tá no grau que tá”, porque como ela mora no interior, “não fica sabendo de *tudo*”. Miro até já foi morar com a sua mãe por um tempo, mas não se adaptou, o que ele justificou dizendo ser “acostumado com a correria de São Paulo” e ter ficado com “saudade” da filha. Essa não adaptação de Miro na casa da sua mãe também nos parece ser significativa: por que para ele era mais suportável, mais fácil de se adaptar, na casa com o pai, em uma configuração que para quem está de fora pode parecer das piores, do que na casa da mãe?...

Segundo Miro, ele “usava” o *crack* na frente do pai porque este “*não pode falar nada*”, não pode dizer nada, não tem o direito de reclamar, pois quando Miro começou a usar drogas o pai “*já não tinha mais nada, aí também não podia dizer nada*”⁶¹. Mas, ainda assim, o pai de Miro teima em falar e diz: “você não vai deixar esse *inferno*?”, ao que Miro responde: “me deixa em *paz*, vai pro teu quarto”. Apesar de querer que o pai o deixe “em *paz*”, ou seja, com o *crack*, Miro faz questão de usar a droga na frente dele, na casa em que ambos moram e, assim, contribuir para transformar a vida daquele em um “*inferno*”. Esta configuração indica mais uma vez que a presença do pai é, em alguma medida, requisitada por Miro nos momentos de uso das drogas, em especial do *crack*. Mas por quê isso acontece?...

Se por uns momentos Miro culpa o pai e tenta, de alguma forma, ‘sacrificá-lo’ ao usar *crack* na sua frente⁶², em outros momentos Miro afirma: “não culpo ele não, ele sempre me disse pra não fazer o que ele fazia, ele dizia ‘faça o que eu falo, não faça o que eu faço’”... Mais além do sentido das palavras, podemos nos arriscar a dizer que essa fala do pai parece ter tido sobre Miro o efeito inverso, é como se o seu pai tivesse dito: ‘nem liga pro que eu falo (já que Miro dizia que o pai não podia falar nada), mas faça o que eu faço’.

⁶¹ É interessante notar que Miro associa o direito do pai de dizer/falar alguma coisa com o fato de ele *ter* ou não determinada condição financeira, determinados bens. Apesar da especificidade desse caso, queremos ressaltar que essa é uma característica peculiar à nossa sociedade capitalista contemporânea, em que é o aspecto material/financeiro que confere direitos e/ou *status* ao ser humano. Devido à importância de tal aspecto, esse é um ponto que será retomado e melhor discutido adiante, no diálogo que será feito entre os casos.

⁶² Note-se que, através do uso do *crack*, Miro consegue deixar o pai em uma situação de impotência e passividade, tal como o próprio Miro ficava antes diante das cenas de violência do pai para com a mãe. Acreditamos poder supor haver, então, nessa configuração, uma certa ‘troca’ de lugares (o pai como espectador) ao mesmo tempo que uma manutenção de Miro no lugar de ‘agredido’, não mais pelo pai, mas pelo *crack* – o que poderia denunciar a estrutura de um fantasma masoquista, de maneira semelhante ao articulado por Freud no texto “Bate-se numa criança” (1912/1996). Mas esse será aspecto que optamos por não aprofundar aqui.

É importante deixar claro que o pai de Miro não chegou a *falar*, de fato, ‘nem liga pro que eu falo, mas faça o que eu faço...’, mas estamos fazendo um esforço de ler, no *a posteriori*, o efeito subjetivo que a sentença ‘faça o que eu falo, não faça o que eu faço’ teve sobre Miro. Mais além do que o pai falava, o que marcou Miro e delimitou a sua identificação⁶³ ao pai foi a forma de gozo excessivo que este dava a ver: primeiro, um gozo desmedido que transparecia nas cenas em que ele batia na mãe de Miro e, posteriormente, o gozo sem bordas na relação com a “pinga”.

Na verdade, na leitura que fazemos do caso, o fato de Miro e o pai dividirem o mesmo teto, sem que se saiba ao certo de quem é a casa, além de estarem em uma situação muito semelhante (ambos ‘adictos’), é testemunho de uma grande e mortífera identificação de Miro ao pai. Ambos perderam emprego, bens, família etc. devido a substâncias entorpecentes que intencionam tamponar algo da ordem de um mal-estar e de proporcionar um gozo que se propõe a ser sem falhas, sem furos.

Interessante ressaltar que, de acordo com o psicanalista francês Hugo Freda (1993), não é incomum que o dito ‘toxicômano’ trate a droga como se fosse uma pessoa:

‘*ela* não me deixa viver’, ‘*ela* se impõe a mim’, ‘*ela* sempre ganha’, ‘*ela* é mais forte do que eu’, ‘não sei como fazer para tirá-*la* de cima de mim’. São todas metáforas do amor. Mas são metáforas também da mulher. É como se falar de uma mulher. [...]. É assombroso. É que, para os homens, o gozo fálico, gozar com uma mulher, não é tão fácil. [...]. *Então ele vai buscar este objeto [a substância tóxica] como uma pessoa, que ele seja o objeto de uma pessoa* (p. 44-45, grifos nossos).

Essa é uma afirmação que vale a pena ser pensada em relação a Miro e ao seu pai: se antes da separação, configurava-se uma cena em que estavam presentes Miro, o pai e a mãe (durante os atos de violência física)⁶⁴, agora, na casa dos dois, estavam presentes apenas Miro, o pai, o *crack* e a pinga. O pai tornou-se “alcoólatra *mesmo*” quando se separou da mãe e Miro começou a drogar-se depois que a mãe foi embora, só se afundando *mesmo*, segundo suas palavras, quando voltou a viver com o pai. Podemos pensar, então, serem a pinga e o

⁶³ Em psicanálise, identificação é um conceito complexo que foi bastante trabalhado tanto por Freud como por Lacan e que quer dizer uma forma, a mais precoce, de o sujeito fazer laço com o outro, mas nesse laço, há uma fluidez na demarcação entre o que é do ‘eu’ e o que é do ‘outro’ – pelas identificações, o que é do ‘eu’ e o que é do ‘outro’ se confundem, se (con)fundem, se misturam. Daí o porquê de estarmos nos utilizando desse conceito para falar da relação de Miro com o pai.

⁶⁴ Um fato curioso é que em apenas um rápido momento da entrevista, Miro falou ter uma irmã, mas que nunca aparece presente nas cenas familiares descritas por ele e que, atualmente, parece não estar tão a par dos problemas ‘adictos’ do pai e do irmão.

crack substitutos dessa mulher/mãe?... Ou, dito de outro modo, é possível considerar que essa mulher/mãe fornecia uma certa configuração à relação familiar (sendo o ‘objeto de gozo’ tanto do pai, pelas agressões, como de Miro, pela visão dessas mesmas agressões) e que sua saída de cena desestabilizou de tal modo essas relações gozozas que tornou-se necessário o surgimento de novos ‘objetos de gozo’ (pinga e *crack*)?... Se a palavra “*crack*” dá a idéia de algo que cai (como já citamos no caso anterior) e é uma droga violenta, faz sentido pensarmos haver uma aproximação com a mãe de Miro, que caía tanto nas surras que levava do pai deste como na tentativa de suicídio que efetuou, quando pulou/caiu de um viaduto e teve “fratura exposta”?...

Um outro elemento que testemunha em favor dessa forte identificação de Miro ao pai é a vontade de Miro de livrar-se do *crack* para poder ajudá-lo. Segundo ele, este é seu “objetivo de vida”, um dos principais motivos que o faz buscar tratamento. Nas palavras de Miro, até o pai já desistiu de si próprio e as únicas pessoas que ainda querem ajudá-lo é Miro e sua mãe. Esta, inclusive, “já veio do interior, *mesmo estando casada com outro cara*, veio só pra ajudar meu pai. Internou ele numa clínica e tudo, mas ele fugiu” e concluiu: “hoje eles são amigos, quer saber?”.

Esta atitude da mãe de Miro parece retroagir para Miro colocando o seu pai em um lugar ao mesmo tempo privilegiado (em relação à mãe) e fracassado (em relação à posição de homem e de pai), o que provavelmente tem relação com a ambivalência de Miro em relação àquele: oras culpando-o, oras perdoando-o, oras diferenciando-se dele (não bater em mulher), oras assemelhando-se a ele (especialmente pela via da adição).

Apesar da alegada vontade de Miro de procurar tratamento para sua dependência de *crack*, essa busca só foi viabilizada pela intervenção de um primo seu (o que compareceu com ele ao DIPE): este último entrou “sem *bater*⁶⁵” na casa onde estavam Miro e o seu pai, ao que Miro implorou para ser ajudado. Ainda assim, Miro reconheceu que se o primo tivesse “*batido*” na porta, ele não teria aberto-a para ele, pois já fazia um mês que estava trancado em casa com o pai, apenas usando *crack*, sem dar notícias para ninguém – o que aponta na direção de um empuxo ao gozo mortífero, que necessita da intervenção de alguém de fora da cena para que possa cessar, ainda que momentaneamente...

Quando o primo de Miro entrevistou tirando-o da casa onde ele estava com o pai e levando-o para a própria casa, o pai de Miro apoiou e disse: “vá que é o melhor pra você”.

⁶⁵ Interessante o aparecimento do significante “*bater*” aqui e o fato de o primo ter entrado “sem *bater*” ter viabilizado alguma escansão na relação de Miro com o *crack* e com o pai. Ou seja, podemos pensar que, se o primo tivesse ‘batido’ na porta (tal como o pai ‘batia’ na mãe), nada mudaria, a cena não mudaria, pois Miro continuaria no lugar de ver (ouvir) uma ‘batida’.

Curioso: o pai reconheceu que o melhor para Miro é ficar longe dele, que a proximidade em que estavam vivendo seria mortífera, que Miro só teria chances se estivesse distante, distante da configuração gozoza com o pai e a droga/mãe/pinga/mulher... Talvez essa intervenção do pai, ao possibilitar a colocação de um espaçamento na relação entre eles, torne o tratamento de Miro possível – mas não há garantias.

Segundo Miro, livrar-se da droga o possibilitará recuperar tudo, mas lamenta: “sei que meu pai e minha mãe junto não”. Ao que eu intervenho: “você queria que seu pai e sua mãe voltassem?”. Após algum tempo de silêncio, ele disse: “olha, eu sei que não é mais possível. Ela já tá casada com outro cara, tá refazendo a vida dela. Eu sei que não dá pra eles voltarem”. Em outras palavras, parece que a resposta de Miro denuncia o seu *desejo* de que seu pai e sua mãe voltassem a morar juntos, a serem marido e mulher, mesmo reconhecendo que não dá mais...

Talvez possamos pensar que através das drogas, em especial do crack, Miro consegue/conseguia imaginariamente restituir algo do casamento dos pais: seja através da configuração em que estava vivendo com o pai e com o *crack*/mãe/pinga/mulher (ou seja, da colocação do *crack* e da pinga no lugar dessa mulher e mãe que foi embora e recusou-se a continuar no lugar de ‘objeto de gozo’), seja através da manutenção de um gozo da agressão, da passividade e da impotência que durante as cenas de violência física do pai para com a mãe estava do lado de Miro e que se mantém do lado deste na relação com o *crack* que o destrói, mas que também é colocado do lado do pai a partir do momento em que Miro o delega o lugar de espectador passivo e impotente de uma cena de violência (destruição que o *crack* engendra para com Miro).

Na seqüência, Miro operou, desta vez através da fala, uma outra substituição: como não dá pros pais voltarem, ele quer recuperar a sua outra família, ou seja, sua mulher e sua filha – uma tentativa de reconstituir a família parental por meio da recuperação da própria família, visto que a reconstituição daquela via *crack*/pinga estava mostrando-se mortífera e, em última instância, fadada ao fracasso, visto que o êxito da união corresponderia ao fracasso da vida (overdose)...

Miro reconheceu que a sua filha e a sua mulher gostam muito dele, disse que ama muito a filha e que acha que, se ele deixar a droga, ele e a mulher se reconciliam e ele consegue facilmente arranjar um novo emprego (já que sempre teve muita facilidade para isso). Segundo ele, a sua filha é outro dos principais motivos de ele querer largar o *crack*, pois quer que ela tenha orgulho dele, mas afirma que se ele tiver usando drogas, não vai poder “nunca dizer nada com ela, senão ela vai dizer: quem é você pra tá falando alguma coisa?”.

Isto é, ele imagina que a filha irá ter para com ele a mesma postura que ele tivera para com o seu próprio pai – uma repetição que, se por um lado, Miro quer evitar, por outro lado, parece antever...

Interessante notar que os dois principais motivos listados por Miro para deixar o vício do *crack* tem a ver com a questão da paternidade: seu pai e sua filha. Ele quer ‘salvar’ o pai, tirando-o do álcool, e salvar-se a si próprio como pai, a fim de poder exercer a paternidade para com sua filha, para que sua relação com a filha não seja uma repetição da sua relação com o pai...

Ao falar mais diretamente sobre sua relação com as drogas, Miro afirmou que quando só usava maconha ficava leve e relaxado, dando risada, achando tudo engraçado, mas quando passou pro *crack* o que sentia era uma “sensação de medo permanente⁶⁶”, que ele definiu da seguinte forma: “qualquer barulho você já pensa que é alguma coisa, passa um carro, você já pensa que é carro de polícia”, “pensa que tem gente no lugar que você tá, gente que tá querendo te pegar”.

Apesar de ter passado da maconha pro *crack*, Miro reconheceu que da primeira vez que usou uma droga, que foi a maconha, sentiu uma coisa “tão boa, que não deu mais nem vontade de usar de tão bom que foi”, mas “depois a pessoa fica usando, usa mais pra ver se consegue ter a mesma sensação, mas não consegue mais. O que a pessoa sentiu da primeira vez não vai sentir mais nunca, só daquela vez e pronto”. É importante apontar que esse relato se aproxima muito da definição que alguns autores psicanalistas dão da primeira experiência do sujeito com as drogas como representando o encontro do sujeito com um gozo pseudo-absoluto, sem falhas, mortífero, uma pequena morte, e que todo o uso da substância posteriormente será uma tentativa de recuperação dessa experiência primeira de gozo, mas que, como tal, jamais será novamente obtida (Melman, 2000). Pois, no mecanismo da repetição, o que o sujeito encontra é a impossibilidade da recuperação do gozo perdido, impossibilidade que é escancarada quando a droga acaba – e ela sempre acaba!...

Miro afirmou que preferia usar o *crack* em grupo do que sozinho, porque quando ficava vendo e/ou ouvindo coisas, devido aos efeitos alucinógenos dessa droga, podia perguntar para os demais que estavam com ele: “você viu isso?” e se as pessoas dissessem que ‘não’, ele percebia que tinha sido “coisa da sua cabeça” e acabava “deixando pra lá”, “esquecendo”. Mas, por outro lado, Miro reconheceu que usar em grupo faz com que ele veja os efeitos do *crack* nas pessoas e, por causa disso, já viu muito “cara levando tiro, morrendo”, já teve que

⁶⁶ Podemos associar essa sensação de medo permanente proporcionada pelo *crack* com a situação de medo permanente em que Miro e a mãe viviam, na iminência que o pai chegasse e os batesse?...

“segurar a língua de um cara pra ele não morrer de overdose”. Nesse momento, Miro contou já ter tido, ele próprio, um princípio de *overdose*. Ao que eu perguntei se ele tinha medo de morrer e ele respondeu que “*não*”, “desde que seja de forma digna” e depois de ter “formado a filha”.

Miro afirmou que o momento em que ele sentia mais vontade de usar drogas era quando sua esposa brigava com ele e ameaçava-o de não mais deixá-lo ver a filha e de colocá-lo “no pau⁶⁷”. Presentifica-se aí algo tanto da ordem do sexual como da ordem da paternidade que comparecia como insuportável para Miro e que ele só conseguia dar conta através do recurso às drogas, especificamente ao *crack*. Ele explicitou que não é que as drogas faziam-no ficar bem, mas esclareceu que “quando você tá sem usar, você não fica bem, aí usa, mas aí não fica bem também, só que tem aquele prazer... Ou seja, usando ou não usando, a pessoa não fica bem, a diferença é que quando usa tem prazer”. Isto é, em resposta a não relação sexual, a diferença entre os sexos, a presentificação da falta de um significante último que diga o que é o sexo, o que é o gozar de uma mulher e o que é ser pai (o que é algumas vezes sentido como extremamente ‘desprazeroso’), o prazer sem sentido obtido através da relação quase fusional com a droga...

Miro afirmou que já aconteceu de ele estar com muita vontade de usar drogas e não ter mais dinheiro para comprar nem nada para dar em troca. Mesmo assim, nunca passou por sua cabeça roubar, mesmo já tendo tido “oportunidade” para isso. Contou que a única vez em que esteve preso foi por “porte de entorpecentes”, quando estava em um terreno baldio, com dois amigos, enrolando cigarros de maconha. Como na época ainda se pagava fiança, ligaram para o pai dele, que pagou a fiança, e ele foi solto da delegacia. Miro disse que o pai “falou um monte”, mas que ele nem ligou. Mais uma vez, o pai de Miro só comparecia enquanto possuidor do dinheiro, enquanto ‘pagador’, sua palavra era considerada por Miro como vazia de valor – apesar de no *a posteriori* podermos afirmar a radical importância e influência do pai na vida de Miro...

Sobre as drogas, Miro argumentou que, quem não tem “cabeça boa”, “quem tem mente fraca”, “não consegue resistir”, “depois que experimenta não consegue mais sair”. Em sua percepção, “90% das pessoas que experimentam acabam ficando viciados”. Perguntei, então, se ele se incluía entre os que não têm “cabeça boa”. A resposta de Miro foi enigmática: “olha, eu acho que eu até tinha cabeça boa, mas a droga corrói, acho que foi ela que deixou minha

⁶⁷ O sentido do termo “colocar no pau” aqui é equivalente a “colocar na justiça”, mas resolvemos preservar a forma como Miro expressou isso por considerarmos que ela pode ser reveladora da existência de outras questões, relacionadas principalmente à sexualidade.

mente fraca, sabe?”. Em suma, Miro não sabia explicar o que o fez entrar no círculo vicioso das drogas, considerava ter a “cabeça boa”, mas agora sua mente e seu corpo estavam enfraquecidos e, paradoxalmente, ele considerava já estar saindo dessa...

Miro, inclusive, chegou a se irritar quando, por duas vezes, eu me referi ao seu uso de drogas no presente⁶⁸. Ele se agarrava ao fato de que já fazia três dias que estava sem usar nada, por isso considerava que as drogas já faziam parte do seu passado. Porém, é muito perceptível, nesse caso, que o uso de drogas feito por Miro se dá pela via de uma identificação ao pai, identificação ao gozo supostamente ilimitado do pai na sua relação com o álcool (e até mesmo com a mãe, nas cenas em que ele a batia), bem como explicita uma tentativa dele de obter um gozo fusional/mortífero na relação com as drogas, a qual parece, em alguns momentos, estar ocupando o lugar da sua mãe...

Assim, se é pela relação mortífera com as drogas que Miro consegue afirmar-se como filho do seu pai, como pai de sua filha e como homem frente a uma mulher, se é pela identificação ao significante “viciado” que ele consegue filiar-se ao pai, enquanto homem e enquanto pai, temos elementos para pensar tratar-se de uma configuração que é convencionalmente chamada de ‘toxicômana’, que se iniciou como uma tentativa de dar sentido ao gozo do pai, mas que perdeu a medida e ficou sem regulação – o que se deu especialmente a partir do momento em que pai e filho passaram a viver juntos e se colocaram em uma relação ‘quase de espelho’, em que era difícil distinguir o que era de quem e na qual não havia espaço para mais ninguém, além do crack/pinga/mãe/mulher.

Outro elemento que nos faz pensar se tratar, nesse caso, de um uso de drogas que se assemelha ao que é chamado por boa parte dos autores que se dedicam a esse tema como ‘toxicomania’ é o fato de que, se o *crack* é para Miro uma espécie de substituto da mãe, isso nos faz pensar que pela via da intoxicação ele está tentando efetuar uma operação de recuperação do gozo do Outro, uma forma de acesso ao gozo proibido da “fusão” com o Outro materno, interditado⁶⁹ desde o momento de fundação do sujeito pela castração. Assim, nessa perspectiva, através da droga, seria possível para Miro, ainda que momentaneamente, fazer Um com o crack/mãe, driblando, assim, a falta e incompletude inerentes ao seu ser, bem como a castração do Outro...

⁶⁸ A primeira vez em que isso aconteceu foi quando, ao falarmos sobre as drogas que ele já usou, eu perguntei: “hoje em dia você só sua crack?” e a segunda foi quando perguntei “qual a importância da droga na sua vida?”.

⁶⁹ A esse respeito, é interessante pensar na seguinte fala de Miro: “*é muito ruim você querer fazer alguma coisa e não poder, ainda mais com a sua mãe, que é a pessoa que você mais ama no mundo*”... A partir desta fala, poderíamos pensar que o crack tirava Miro dessa posição de ‘não poder fazer alguma coisa’, especialmente com a sua mãe?... O que isso poderia nos dizer acerca da relação estabelecida por Miro com o *crack*?...

É compreensível que a aproximação demasiada de Miro com o seu pai no momento em que estes foram morar juntos tenha desencadeado nele uma grande angústia, só suportável se anestesiada pelas drogas, pelo *crack* em particular, que veio a ocupar o lugar de mediador da relação entre os dois (posição antes ocupada pela mãe). Desse modo, o uso de drogas feito por Miro parece não consistir somente em um apelo feito ao Outro, mas também e muito mais em uma forma de encontrar um lugar, uma posição em referência ao pai e, por conseguinte, à mãe, pela via da identificação ao gozo mortífero e sem bordas daquele.

Seguindo o psicanalista argentino Fabián Neparstek (2005), “é o pai ideal que leva a uma petrificação da posição subjetiva [do filho] pela via da identificação” (p. 71, tradução livre). Por pai ideal se entende o pai que goza de um gozo absoluto, ilimitado, a exemplo do pai da horda primitiva. E, “quanto mais ideal é o pai, mais haverá esteriotipia, mais difícil é ir além dele” (Ibid, p. 73). É nesse sentido que entendemos uma petrificação de Miro na posição subjetiva de adicto, daquele que é chamado usualmente de ‘toxicômano’, sem que isto implique falar em estrutura psicótica⁷⁰. Nesse caso em particular, podemos pensar que foi uma forma encontrada por Miro para conseguir lidar com o enigma do Desejo da Mãe – enigma com o qual todos nós nos deparamos. Posição da qual Miro precisará se movimentar para que possa vir a prescindir do pai (da identificação à adição do pai) à condição de poder servir-se dele...

4.3. Dialogando com os casos

A partir das entrevistas realizadas, cujas histórias individuais foram reconstruídas mais detalhadamente acima, iremos proceder aqui a análise de alguns elementos que, direta ou indiretamente, estiveram presentes nos relatos de ambos os sujeitos entrevistados⁷¹. A retomada de tais elementos se justifica por acreditarmos que estes poderão nos auxiliar a pensar as diferentes relações que cada um desses sujeitos estabelece e/ou estabeleceu com as

⁷⁰ A importância dessa ressalva feita aqui, de que não consideramos Miro como estando na estrutura psicótica, se faz porque é muito comum no campo teórico da psicanálise associar o gozo do Outro com a psicose e o gozo fálico com a neurose. Essa associação não está de todo errada, mas é limitada, pois o próprio Lacan (1973/1985) afirmou que o gozo do Outro pode se presentificar também nas estruturas neurótica e perversa (através do gozo feminino, do gozo místico etc.). Caso contrário, a afirmação de que as drogas permitem um rompimento com o gozo fálico, feita pelo autor em 1976, implicaria em considerá-las substâncias ‘psicotizantes’ – o que contradiria a própria definição de diagnóstico estrutural. Esse é um ponto muito complexo da teoria lacaniana e sobre o qual retornaremos adiante, pois há uma ambigüidade no termo ‘gozo do Outro’ ao longo da obra de Lacan (Braunstein, 2007) que se presta a inúmeros equívocos e que não nos permite afirmar de forma *definitiva* que é nesse âmbito que afirmamos estar localizado borromeamente o gozo dos chamados ‘toxicômanos’.

⁷¹ É importante salientar que a maior parte dos elementos que iremos analisar e discutir aqui também estiveram presentes nas falas de outros sujeitos entrevistados, mas cujas histórias individuais optamos por não reconstituir neste trabalho.

drogas, bem como a extrair dessas diferentes formas de relações possíveis contribuições mais amplas para refletirmos sobre o tema do uso de drogas na nossa sociedade capitalista contemporânea de maneira geral. Isso porque, podemos notar haver, nessas entrevistas e histórias de vida, aspectos que, apesar de remontarem à singularidade da constituição psíquica de cada sujeito, oras se assemelham e oras se diferenciam entre si, o que requer que eles sejam confrontados e analisados também conjuntamente.

Um primeiro aspecto que consideramos importante destacar é o fato de os sujeitos entrevistados terem afirmado haver experimentado pela primeira vez algum tipo de droga “*por curiosidade*”, a convite dos amigos e em uma fase da vida que se convencionou chamar de ‘adolescência’. Certamente, este dado está em consonância com o que aponta a maior parte das pesquisas realizadas acerca dessa temática (Cirino, 2000; Seibel & Toscano Júnior, 2001; Laranjeiras, 2004). Porém, nosso interesse em ressaltar este elemento aqui reside na interlocução que nos propomos a fazer entre sujeito e sociedade e, sendo assim, o que nos fica como questão é: o que tais dados podem nos dizer a respeito da nossa sociedade e cultura atuais?...

De acordo com um número considerável de filósofos e sociólogos (Débord, 1967/1997; Baudrillard, 1997; Lipovetsky, 1983/1989; Bauman, 1997), a nossa sociedade capitalista contemporânea caracteriza-se por uma exacerbação do hedonismo, isto é, pelo aumento sem precedentes da busca incessante e imediata de prazeres individuais, tornados princípio e fim da vida moral (Ferreira, 1988). Apesar de essa ser uma definição aparentemente coerente com a autonomia, a liberdade e a felicidade amplamente difundidas nos dias atuais como sendo *necessárias* para todos os indivíduos da nossa sociedade, a psicanálise, especialmente por intermédio de Lacan (1969-1970/1992), vem a explicitar que, na realidade, o hedonismo é uma forma de apatia e que o correlato do individualismo e da liberação desmedida dos costumes, tal como vêm sendo promovidos nos últimos tempos, nada mais é do que o tédio (Lacan, 1974/1993).

Nesse sentido, nos parece paradigmática essa “curiosidade” apresentada pelos sujeitos entrevistados, a qual revela tanto o tédio como a apatia que se sucedem à ‘liberdade’ de viver na eterna busca pelo maior grau de ‘prazer’ possível (‘hedonismo’). Esta “curiosidade” aparece em um primeiro momento da fala desses sujeitos de forma totalmente desimplicada, sem que sobre ela recaia nenhum questionamento, posto que é encarada com obviedade. A nosso ver, esta característica, que podemos definir como tipicamente contemporânea⁷², é

⁷² Afirmamos essa “curiosidade”, relatada pelos sujeitos entrevistados, como tipicamente contemporânea pelo fato de que, em outros períodos histórico-culturais, esta ser respondida e amortecida por referenciais simbólicos

capaz de revelar, à sua revelia, o desencontro estrutural que a psicanálise adverte existir e que, de fato, podemos ver inevitavelmente se produzir, entre os objetos de consumo, propostos na atualidade como soluções derradeiras para o vazio e a falta que se apresentam no cerne da existência humana, e o objeto perdido (objeto *a*), que é o que verdadeiramente poderia vir a completar o sujeito, mas do qual tais objetos de consumo não são mais que substitutos parciais.

Apesar disso, o que é colocado como ideal da nossa sociedade é o consumo. E, além dele, o *self made man* e o individualismo como formas de colocação do próprio *eu* no centro da existência e do mundo. Esta também é uma característica que pode ser apreendida em alguns recortes de fala dos sujeitos entrevistados: alegando terem sido sempre muito “*independentes*”, eles pareciam acreditar que dessa forma estariam melhores protegidos dos impasses da relação com os outros e com o Outro. Entretanto, a ‘independência’ a que eles se referiam dizia respeito principalmente ao aspecto financeiro⁷³ e, nos casos apresentados, tinha como uma das principais funções justamente encobrir o que para esses sujeitos se apresentava como insuportável: a dependência radical, constitutiva e estrutural ao Outro, a este Outro que, por sua vez, também é, assim como o sujeito, castrado.

Assim sendo, o abismo intransponível existente entre a pretensa independência que é apregoada e almejada em nossa sociedade capitalista contemporânea, segundo a qual o homem deve bastar a si mesmo e conseguir ser feliz sozinho, e a radical dependência do sujeito ao Outro dá a ver uma série de conseqüências... É nesse ínterim que pensamos poder situar o fenômeno da dependência química, o qual pode tornar o homem *dependente* de uma substância. Pois, se por um lado, é possível pensar que essa dependência (‘química’) está na contramão da independência buscada e propagandeada pelo ideal (neo)liberal (dependência X independência), por outro lado, é perfeitamente complementar a ela, pois substitui, momentaneamente que seja, a dependência ao outro/Outro – esta, no mais das vezes, considerada sinal de fraqueza, algo a ser combatido – pela dependência a uma substância de consumo – esta sim aceitável, desde que não chegue a prejudicar ou a ameaçar o próprio sistema (o que parece acontecer na forma de uso que se convencionou chamar de ‘toxicomanias’).

mais solidamente constituídos (exemplos: crenças religiosas ou ideológicas), enquanto que, na contemporaneidade, ela impulsiona a busca por objetos da realidade, como, nos casos que estamos tratando aqui, as drogas.

⁷³ Em ambos os casos, a ‘independência’ alegada pelos sujeitos entrevistados era associada ao trabalho e ao dinheiro oriundo deste, os quais, por sua vez, eram percebidos como uma forma que estes sujeitos encontraram para ‘*não depender*’ do *pai* (visto que, também nos dois casos, era o pai o provedor).

Dessa forma, o que a dependência ‘química’ parece revelar é que a nossa cultura e sociedade atuais, ao tentar encobrir a dependência radical do sujeito ao Outro, isto é, a castração, paradoxalmente auxilia a engendrar uma forma de dependência que, por sua vez, nada tem de suave. Segundo a psicanalista Dominique Fingerman (2005), tal paradoxo é próprio do engodo que caracteriza a estratégia capitalista: ao tentar tamponar o pior da castração com objetos de consumo e com o império das imagens, o que faz aparecer é *o pior do pior*, ou seja, o traumático da dependência radical do sujeito ao Outro. O que, segundo a autora, talvez seja capaz de fornecer uma explicação mais ampla para “as formas compulsivas de muitos ditos novos sintomas: comer demais, beber demais, comprar demais, remédios demais, trabalhar demais, *sem falar da toxicomania*” (p. 83, grifos nossos).

Estes sintomas, ditos contemporâneos, são associados por alguns pensadores como resultantes do que eles chamam de uma inflação *narcísica* própria da nossa sociedade contemporânea (Lasch, 1980/1983; Lipovetsky, 1983/1989). No entanto, gostaríamos de ressaltar aqui que, se retomarmos rigorosamente a noção metapsicológica do conceito de narcisismo tal qual desenvolvido por Freud e retomado por Lacan, podemos perceber que o abandono à morte que em última instância se encontra no horizonte desses chamados sintomas atuais aproxima-se muito mais de uma degradação do *eu* do que de sua exaltação e/ou inflação. Nessa perspectiva, consideramos que o movimento em direção à morte e ao gozo mortífero propiciado pela relação com as drogas nas formas de uso chamadas de ‘toxicomanias’ e, em especial, nos casos em que estas culminam em overdoses, parece caracterizar muito mais o triunfo da pulsão de morte em relação ao narcisismo e ao *eu* do que o contrário.

Segundo Pacheco Filho (2005), de fato, só faz sentido empregarmos o termo narcisista para referir-se ao sujeito da nossa cultura atual se não fizermos uso *stricto sensu* deste conceito psicanalítico. Isso porque, para analisarmos coerentemente a busca de ideais e de modelos de perfeição pela via dos objetos de consumo tal como vemos na atualidade, é preciso levar em consideração que essa busca é respaldada pelo valor que os outros e a sociedade como um todo conferem aos mesmos – o que não nos autoriza a falar em investimento (fechamento) puramente no *eu*, tal como é concebido usualmente pelo uso do termo ‘narcisismo’. Tal reflexão nos permite afirmar que no horizonte destes sintomas denominados de ‘narcísicos’ ou contemporâneos estão os outros e o Outro como orientador do ideal de eu e do eu ideal, o que difere da concepção de fechamento e ensimesmamento

narcísico defendido por alguns autores⁷⁴ como modelo explicativo para determinados fenômenos contemporâneos.

Além do mais, se concordamos que nas chamadas ‘toxicomanias’ há um rompimento, momentâneo ou não, com os *ideais* fálicos que orientam a vida em sociedade (Soler, 1998) e que são regulados pela relação do sujeito com os outros e o Outro (laços sociais), podemos pensar haver nos fenômenos denominados de ‘toxicomaniacos’ algo mais da ordem de um ‘enfraquecimento do narcisismo’ enquanto forma de preservação do *eu* e dos laços sociais (já que estes fenômenos se caracterizam justamente pela submissão do *eu* às drogas) do que uma ‘exacerbação do narcisismo’. Seguindo esse raciocínio, é muito mais rigoroso teoricamente, no campo da psicanálise freudo-lacanianiana, pensarmos, por exemplo, o recuo diante da morte efetuado por Maurício de forma mais articulada ao conceito psicanalítico de narcisismo, enquanto uma forma de preservação narcísica (do *eu*), do que o princípio de overdose vivenciado por Miro, este sim um passo em direção à morte, ao apagamento do *eu*.

A partir dessa articulação, nos parece válido propor o conceito de narcisismo como uma das possíveis chaves para a compreensão da distinção entre o fenômeno do uso/consumo de drogas e a modalidade que tem sido chamada correntemente de ‘toxicomanias’. Isso porque, para nós, um uso de drogas respaldado pelo recuo do sujeito diante da morte apresenta, em relação às chamadas ‘toxicomanias’ propriamente ditas, uma diferente posição ‘narcísica’: ao abandono do *eu* à morte que caracteriza esta última modalidade corresponde, momentaneamente que seja, uma certa ‘preservação’ deste mesmo *eu* (recuo diante de um excesso mortífero) na primeira.

Tal afirmação distingue nosso ponto de vista das vertentes teóricas e autores que pensam as ditas ‘toxicomanias’ como uma exacerbação do narcisismo. De acordo com esse nosso posicionamento, acreditamos poder defender uma distinção entre o ‘narcisismo’ (não no sentido estritamente metapsicológico) que se articula ao ideal capitalista e ao império das imagens como forma de laço social, regulado pela lógica fálica, e um certo ‘enfraquecimento’ da preservação narcísica, do sujeito como ser vivente, que caracteriza a modalidade de uso de drogas que se convencionou chamar de ‘toxicomanias’.

Como exemplo deste ‘enfraquecimento narcísico’ podemos citar o caso de Miro, apresentado acima, que, através da relação estabelecida com o *crack* e, por intermédio desta substância com o pai, se oferecia como objeto da agressão, outrora dirigida à mãe, do

⁷⁴ O principal representante dessa perspectiva de pensamento é o psicanalista norte-americano Christopher Lasch, que escreveu o livro “A cultura do narcisismo”, defendendo justamente o fechamento narcísico como sintoma da sociedade capitalista contemporânea, baseado nos argumentos que estamos nos esforçando para problematizar aqui.

primeiro (*crack*) e como objeto do olhar, objeto espe(ta)cular, para o segundo (pai) colocado na posição de espectador (lugar antes ocupado por Miro, nas cenas de violência do pai para com a mãe). Tal relação de entrega e submissão ao Outro nos faz pensar tratar-se, nas ditas ‘toxicomanias’, das quais consideramos poder falar exemplificadamente neste caso, de uma modalidade de gozo que foi chamada por Lacan de gozo do Outro, na qual o sujeito se oferece como objeto Real do gozo do Outro⁷⁵, de forma mais ou menos semelhante ao que acontece na estrutura psicótica – mas sem que isso implique dizer que essa modalidade de gozo é exclusiva da estrutura psicótica, posto que, como já dito anteriormente, afirmamos a posição subjetiva de Miro como estando sustentada na estrutura neurótica.

Desse modo, nos propomos a situar uma diferença, que nos parece fundamental, entre os modos de uso de drogas existentes na atualidade: de um lado, a lógica e o ideal subjacentes à nossa cultura e os objetos de consumo na vertente dos *gadgets* e do gozo regulado pelos ideais fálicos e sociais, e, do outro, as chamadas ‘toxicomanias’, que rompem com a lógica regulada fálica e socialmente. Evidentemente, não estamos propondo que se tratem de dois pólos antagônicos ou separados, visto que a própria sociedade e ideologia capitalistas propõem as drogas como mais um *gadget*, consumíveis como quaisquer outros objetos de consumo, depositando também nelas a esperança de que o sujeito possa se remediar dos efeitos da castração. Porém, a particularidade das drogas em relação aos demais *gadgets* é que ela pode vir a permitir uma ruptura com o gozo fálico, tal qual a definição lacaniana de ‘toxicomanias’⁷⁶, e uma via de acesso a um gozo Outro. Esta nos parece ser uma diferença esclarecedora acerca das modalidades de consumo de drogas existentes na contemporaneidade...

No caso de Maurício, por exemplo, é explícita a colocação das drogas (maconha e cocaína) em uma série na qual comparecem muitos outros objetos: cerveja, cigarro, carro, trabalho etc. Objetos que o conferem uma identidade, além de serem possibilitadores da sua integração a um grupo que se, por um lado, o faz várias exigências, por outro, o fornece as insígnias fálicas que o permitem encontrar um lugar no campo social e, assim, fazer o trabalho que foi caracterizado por Freud (1905/1996) como o desligamento da autoridade dos pais e a concomitante inserção no mundo social mais amplo: a adolescência. Acerca disso, é

⁷⁵ Aqui se faz importante ressaltar que o sujeito sempre se oferece como objeto de gozo para o Outro, só que esse oferecimento pode se dar no registro do Real, do Simbólico ou do Imaginário (Brausstein, 2007).

⁷⁶ Vale lembrar aqui que a definição dada por Lacan à droga é a seguinte: “é o que permite romper o matrimônio com o pequeno-xixi”, ou seja, com o gozo fálico. Nesse momento da obra lacaniana, as modalidades de gozo são remetidas às formas de amarração entre os três registros (Real, Simbólico e Imaginário) no nó borromeo e, sendo assim, tais formas de gozo não remetem exclusivamente às estruturas clínicas, o que nos permite sustentar teoricamente as denominadas ‘toxicomanias’ como um fenômeno transestrutural, ainda que situadas em uma modalidade de gozo (gozo do Outro) usualmente associada à estrutura psicótica.

importante assinalarmos que, a partir da fala de Maurício, podemos apreender que o movimento empreendido por ele, através inclusive do uso de drogas, representou uma tentativa de “crescer”: tornar-se homem, marido e pai. E nesse intuito, a cocaína desempenhou uma função significativa que não pode ser descartada: um pó branco que, de tão semelhante ao fermento (substância que faz crescer), é muitas vezes misturada a ele, como Maurício mesmo fez questão de ressaltar por mais de uma vez...

Nesse sentido, diferentemente de as drogas desempenharem o papel de rompimento com os laços sociais mais amplos, representou justamente, neste caso específico, uma forma de Maurício conseguir ter acesso a eles. Poderíamos até mesmo afirmar que o uso de drogas feito por Maurício se dava tanto pela vertente identificatória com o Outro grupal – identificação aos novos ideais sociais que o grupo representa e que podem auxiliar o sujeito a efetivar o trabalho de separação do Outro – como pelo viés do apelo ao pai (Alberti, 1998).

Pois, segundo a psicanalista Sonia Alberti: “a adolescência é um trabalho de elaboração da falta no Outro e, muitas vezes, apesar de ter escolhido fazer esse trabalho, o sujeito encontra muitas dificuldades” (Alberti, S., 2000, p. 16) e, por isso, “precisa dos pais. Para separar-se deles”, mas, para isso,

é fundamental que os pais não se separem do adolescente antes. Ou seja, que os pais não duvidem de sua função junto a seus filhos adolescentes pois, por mais que estes os contradigam, eles só estão se exercitando nesse novo lugar de filhos que poderão prescindir dos pais *porque já os internalizaram*. Se os pais crêem que o filho já não os ouve e por isso largam mão dele, se eles cessam de ainda tentar afirmar seu filho com o desejo que sempre os fez sustentá-lo, então o filho já não poderá exercitar-se aí e o primeiro movimento é o de buscar, a qualquer preço, a presença desses pais, normalmente num movimento que se convencionou identificar como o de ‘chamar a atenção’ [uso de drogas] (Ibid, p. 17).

Dessa maneira, podemos pensar, a partir da história de Maurício, em que medida as drogas puderam vir a ser uma forma de fazer apelo ao Outro, de convocar o Outro a partir de uma posição que tenta rechaçar a castração. E a castração mais insuportável é justamente a castração do Outro – daí nos autorizarmos a afirmar que o que o sujeito convoca, nesse apelo, é um Outro consistente, o que pode explicar minimamente, por exemplo, a colocação do chefe do tráfico nesse lugar de outro onipotente.

A partir de tais colocações, é interessante notar o lugar do qual o pai de Maurício respondeu a esse apelo: afirmando sua limitação ao âmbito da casa, sua castração, seu não

poder-fazer diante de certas situações, sem, no entanto, se situar como totalmente impotente. O que retroagiu para Maurício fazendo-o pensar em parar de usar drogas e, de fato, chegar a parar algum tempo depois, também parando de beber e de fumar – o que testemunha certa equivalência entre estes objetos na sua economia psíquica.

Por sua vez, no caso de Miro, se podemos depreender que inicialmente as drogas entraram em sua vida como algo a mais, também pela via do grupo de amigos, após um tempo, esta função sofreu uma mudança de estatuto e o *crack* passou a desempenhar, em sua economia psíquica, uma função única, exclusiva, monótona, rompendo com o gozo fálico, tal qual a definição lacaniana de ‘toxicomania’.

Desse modo, a nosso ver, é possível afirmar haver uma distinção entre as drogas utilizadas na vertente de mais um *gadget* e as drogas como objeto do gozo monótono das chamadas ‘toxicomanias’. Tal diferenciação se articula ao fato de que os *gadgets*, como objetos referidos ao mais-de-gozar (Lacan, 1969-1970/1992), implicam o gozo fálico, descrito por Lacan como exatamente com o quê as ditas ‘toxicomanias’ permitem romper. Nesse sentido, se no consumo/uso de drogas, as drogas desempenham a função de objeto mais-de-gozar (objeto *a*), sempre faltoso, nas toxicomanias, a função parece ser a de objeto causa de gozo⁷⁷ (cristalização do objeto *a* no objeto droga), mas um gozo que não passa pela regulação fálica, um gozo que é definido por alguns autores (Santiago, 2001; Melman, 2000) como um modo de recuperação do gozo do Outro⁷⁸ – o que também podemos supor ter encontrado no caso de Miro.

Tal distinção entre as funções desempenhadas pelo ‘objeto droga’ nas diferentes configurações de consumo destas substâncias tóxicas tem conseqüências na forma de laço social por elas engendradas. Isso porque, no nosso atual contexto de capitalismo de consumo, muitos autores (Alberti, 1998; Pereira, 2006) reconhecem que as drogas, tanto lícitas como ilícitas, podem vir a fomentar uma nova forma de laço social. Tal fato, talvez restrito a algumas modalidades de consumo de drogas, é especialmente notável na adolescência, por fatores que já citamos acima – apropriação de insígnias fálicas, trabalho de separação dos pais, entrada na cena social etc., mas também, e especialmente, pelo fato de a adolescência na nossa sociedade capitalista contemporânea ocidental se caracterizar no mais das vezes por

⁷⁷ Esta expressão ‘objeto causa de gozo’ é um termo não muito conhecido, mas do qual Lacan se utilizou no “Seminário XVI: De um Outro ao outro” (1968-1969, inédito) para falar de uma tentativa de anular o Outro por meio da cristalização do objeto. Alguns psicanalistas contemporâneos, tais como Jacques Alain Miller (1993) e Ernesto Sinatra (1995), retomam esse termo para falar das chamadas ‘toxicomanias’.

⁷⁸ Mais uma vez gostaríamos de salientar que ao falarmos de recuperação do gozo do Outro aqui não estamos nos referindo à estrutura psicótica. Consideramos que a sistematização das modalidades de gozo no nó borromeo nos permite sustentar essa diferenciação entre modos de gozo e estruturas clínicas. Acerca disso, ver também nota de rodapé 76, acima.

uma passagem abrupta da infância para a vida adulta que não conta mais, diferentemente de outrora, com ritos de passagem e de iniciação solidamente constituídos e, em razão disso, o sujeito precisa encontrar outras formas de marcar essa mudança de uma fase a outra, a passagem do âmbito familiar para a ordem social mais ampla, o que talvez explique, em alguns casos, o recurso às bebidas, drogas, piercings, tatuagens, participação em gangues etc.

Por outro lado, outros autores (Nogueira Filho, 2004; Sinatra, 1993; Bittencourt, 1993) consideram, por exemplo, que a modalidade de consumo de drogas por eles denominada de ‘toxicomanias’ não é capaz de propiciar o estabelecimento de laços sociais. Um dos argumentos em favor da afirmação de que o chamado ‘toxicômano’ não faz laços sociais é o de que as ditas ‘toxicomanias’ são uma das formas de mal-estar na civilização atual predominantemente oriunda do Discurso do Capitalista (Quinet, 2006). E

o discurso do capitalista, efetivamente, não promove o laço social entre os seres humanos: ele propõe ao sujeito a relação com um *gadget*, um objeto de consumo curto e rápido ($\$ \leftarrow a$). [...] incita um *autismo induzido e um empuxo-ao-onanismo*, fazendo a economia do desejo do Outro e estimulando a ilusão de completude não mais com a constituição de um par, mas sim com um parceiro conectável e desconectável ao alcance da mão. Isso pode efetivamente levar a decepção, tristeza, nostalgia do Um em vão prometido ou a diversos tipos de *toxicomanias, entre as várias doenças do discurso capitalista* (Ibid, p. 38, grifos nossos).

De fato, em 1972, Lacan já havia afirmado que o Discurso do Capitalista é algo condenado à morte, visto que, estritamente falando, é a morte, tanto social, subjetiva e física, que, no limite, se encontra no horizonte deste discurso no qual, estruturalmente, não há circulação entre os termos, visto que as duas setas existentes só apontam em uma direção unívoca ($\$ \leftarrow a$ e $S_2 \leftarrow S_1$) – o que testemunha uma ‘colagem’ do sujeito ao objeto e a não escansão entre os significantes – e se curto-circuitam entre si.

Porém, a ‘colagem’ do sujeito ao ‘objeto droga’ com a conseqüente desvalorização dos demais objetos, como parece ter acontecido no caso de Miro, nos parece muito mais característico de um tipo de consumo de drogas que a maior parte dos autores tem chamado de ‘toxicomanias’ do que das outras formas de uso de drogas existentes, que são reguladas pelos laços sociais, nos quais o tóxico é inserido em uma série em que comparece como *gadget* juntamente com outros objetos – como ficou explícito no caso de Maurício, em que as substâncias tóxicas não só não acarretaram prejuízo aos laços sociais como também os estimularam em alguma medida.

Desse modo, caberia pensar se toda modalidade de uso de drogas está inscrita no Discurso do Capitalista e, portanto, acarreta danos aos laços sociais e tem como destino último a morte ou se esta é uma característica que apenas pode ser associada a determinados modos de utilização das substâncias tóxicas e que têm sido chamados por vários autores de ‘toxicomanias’⁷⁹, visto que é esta a modalidade que se caracteriza por acarretar danos (rompimentos) aos laços sociais e à própria manutenção da vida do sujeito⁸⁰. Pois, por mais que todos esses sintomas ditos contemporâneos tenham relação com o discurso dominante de uma época, nesse caso o Discurso do Capitalista, há diferentes modos de o sujeito se posicionar frente a ele. Consideramos que é isso o que nos mostra a existência de diferentes modos de utilização das substâncias tóxicas na atualidade...

Acreditamos que esses diferentes modos de se posicionar em relação a um discurso dominante social e culturalmente é o que permite fazermos a passagem da ordem social do mal-estar para a ordem subjetiva e singular do sintoma – daí o porquê de não podermos desconsiderar alguns elementos que remontam à constituição psíquica dos sujeitos entrevistados. Assim sendo, é interessante notar que esses sujeitos, em suas falas e atos, atribuíram grande importância à pessoa do pai no desenrolar da relação estabelecida por eles com as drogas. Por isso, consideramos que, nesses casos em especial, a paternidade é um balizador de grande relevância do posicionamento do sujeito em relação ao social, devido à importância desse personagem paterno na constituição do sujeito, no propiciamento das identificações e na formação dos ideais (Faria, 2003).

Dessa forma, pensamos que a paternidade também não pode ser concebida fora do campo social, cultural e ideológico de uma dada época e, por isso mesmo, é fundamental discutirmos a sua especificidade no nosso contexto do capitalismo de consumo. Isso porque é notável que, na nossa conjuntura atual, o papel do pai tem sido largamente associado ao papel

⁷⁹ Aqui, duas ressalvas fazem-se necessárias: a primeira é a de que “os laços sociais são estruturados a partir do impossível” (Quinet, A., 2006, p. 29), mas a única forma de “impossibilidade total do laço social tem um outro nome: autismo [...]. Mas mesmo isso não quer dizer que o autista esteja completamente fora do laço social, pois ele faz tentativas de vínculo” (Idem), o que, por analogia, podemos estender às chamadas ‘toxicomanias’, nas quais não acreditamos haver um total rompimento com o laço social, mas uma maior dificuldade no estabelecimento dos mesmos; a segunda ressalva é a de que há controvérsias se o dito ‘toxicômano’, de fato, é alguém que está totalmente inserido no ideal e discurso capitalistas – questão que já foi discutida mais minuciosamente acima.

⁸⁰ É interessante ressaltar que concebemos todas as modalidades de uso de drogas existentes na atualidade como estando respaldadas na lógica do capitalismo, ou seja, na lógica do consumo, visto que consideramos ser esta a especificidade das substâncias tóxicas no período histórico contemporâneo. Porém, o Discurso do Capitalista, tal como sistematizado por Lacan, é algo que é definido como “condenado à morte”, que “se consuma”, no qual o próprio sujeito é quem é consumido (desaparece), o que nos parece mais próximo de uma forma de uso de drogas que se convencionou chamar de ‘toxicomanias’ do que de um consumo de drogas ainda regulado pela lógica fálica e social.

de trabalhador⁸¹, provedor escravizado aos desígnios do capital, o que pressupõe aos filhos o papel de consumidores, mas igualmente escravizados. A consequência disso é que, ao invés de apontar para os filhos a direção do desejo, função paterna por excelência, o pai em questão parece apontar também e principalmente na direção de um ‘gozo absoluto’, propiciado especialmente pelo consumo sem limite e pela relação do sujeito com o capital e com os bens – apesar de esse ‘gozo absoluto’ ser totalmente impossível.

E esse descompasso entre o que é apontado e o que é possível de ser obtido pode ter efeitos de frustração⁸², propiciando o recurso à droga. Para referir-se a essa forma de ser pai tão em voga na atualidade, a psicanalista Eda Tavares (1996) utilizou o termo “pai amoroso” para contrapor ao pai que Lacan utilizou para falar dos Nomes do pai (função paterna): Abraão⁸³. Segundo esta autora, do pai Abraão ao *pai amoroso* há um abismo: enquanto o primeiro é um representante da lei, tão submetido a esta lei quanto o seu filho Isaac, o pai amoroso é aquele que tenta colocar-se a si próprio e a seu filho como exceções a essa lei, mas de uma forma diferente do que acontece na estrutura psicótica na qual a lei está de fato foracluída.

A consequência disso é que se esses *pais amorosos* da contemporaneidade

nos fazem acreditar que o que nos separa do objeto não mais se trata de um impossível, mas de um interdito circunstancial, [...] não têm mais como ficar na posição capaz de interditar um impossível. [...]. Um pai inibido de simbolizar o impossível não tem modo de estabelecer a lei; no máximo, consegue a vigência transitória de algumas regras. [...]. O que se poderia dizer de um pai que, tendo ao alcance da mão os objetos necessários para a felicidade contínua dos seus filhos, os negasse? O pai pós-moderno parece, assim, destinado a se transformar num gerente de compras da empresa familiar. [...]. Este que

⁸¹ Esta foi uma característica já notada e ressaltada por Lacan (1969-1970/1992); em suas palavras: “esse pai real – é uma coisa de ordem bem diversa. Para começar, todo mundo em geral admite que é ele quem trabalha, para alimentar sua pequena família. Se é o agente de alguma coisa, *numa sociedade que não lhe dá evidentemente um grande papel*, fica claro, de todo modo, que ele tem aspectos excessivamente gentis. *Trabalha*. E depois, bem que gostaria de ser amado” (Ibid, p. 119-120, grifos nossos).

⁸² O termo “frustração” é utilizado aqui no sentido de expectativa malograda, diferindo, portanto, do sentido fornecido por Lacan no “Seminário IV: A relação de objeto”, segundo o qual a frustração é colocada em tríade com a privação e a castração, sendo a primeira a falta Imaginária de um objeto Real, a segunda a falta Real de um objeto Simbólico e a terceira a falta Simbólica de um objeto Imaginário, sendo que todas essas operações dizem respeito ao momento inaugural da constituição do sujeito.

⁸³ Abraão é um personagem bíblico que, temente a Deus, recebeu a ordem divina de imolar seu filho único e amado Isaac e, apesar de não ter concordado com tal desígnio, se dispôs prontamente a obedecê-lo. Mas, no momento em que ia fazê-lo, apareceu um anjo, a mando de Deus, com um cordeiro para ser sacrificado no lugar do garoto, como recompensa por Abraão ter se mostrado ser um servo obediente (Centro Bíblico Católico, Bíblia Sagrada, GN 22.1-15, p. 67).

enfim poderia, na armadilha imaginária, distribuir um amor⁸⁴ sem limites que poderia salvar seus filhos da morte, da *castração* (Ibid, p. 40, grifos nossos).

Nesse sentido, o que é proposto pela nossa sociedade capitalista contemporânea aos pais da atualidade é que a castração não existe ou que, se ela existe, há meios de burlá-la⁸⁵, em uma lógica na qual o objeto causa de desejo ‘deixa’ de ser Simbólico e ‘passa’ a ser Imaginário ou Real – o que transforma o que é da ordem da castração em frustração ou privação. O que fica velado nessa lógica é que há algo em termos de estrutura que falta, que falha, e, sendo assim, o amor do pai, seja pelo viés dos bens materiais⁸⁶ ou da potência fálica, nunca será suficiente para o neurótico. Tal fato de estrutura fica claro nas falas dos sujeitos entrevistados, que não cessam de fazer reivindicações ao pai...

Porém, é necessário diferenciar o movimento ao pai realizado por Maurício e por Miro: enquanto no primeiro há um apelo à presentificação do pai, ao comparecimento do pai enquanto função interditora, enquanto representante da lei, no segundo há uma identificação a um gozo que faz semblante de ser “ilimitado” e que foi apreendido pelo sujeito na relação atual do pai com o álcool e outrora com a mulher/mãe de Miro. Do mesmo modo, é indispensável distinguir o posicionamento dos pais de ambos: à medida que o pai de Maurício é apresentado pelo filho como um pai carente, tanto enquanto pai como enquanto homem, um pai quase apático que só comparece pontualmente – de forma semelhante ao pai caracterizado por Lacan (1969-1970/1992): um mestre castrado⁸⁷, cujo um dos exemplos clássicos na história da psicanálise foi, segundo ele próprio, o pai de Dora (Freud, 1907/1996) –, o pai de Miro aparece como um pai ‘tirânico’, um pai que, apesar de “amorosamente” ter distribuído ao filho alguns objetos supostos trazerem felicidade (“walk machine”, “buggy” etc.), aponta

⁸⁴ Entendemos o termo amor aqui como sendo considerado equivalente da doação de bens materiais, de objetos de consumo. Assim, *ironicamente*, podemos fazer uma analogia do pai doador da potência fálica, descrito por Lacan no terceiro tempo do Édipo, com o engodo contemporâneo do pai doador de *gadgets*.

⁸⁵ Aqui é possível uma analogia com o que acontece no âmbito das leis do Código Penal: elas existem, estão escritas/inscritas, mas, cada vez mais, existem advogados que se especializam, literalmente, em encontrar ‘brechas’ nestas mesmas leis, fazendo com que sua efetividade seja burlada. Apesar de esta ser apenas uma analogia, este fato é algo que nos permite refletir sobre os rumos e preceitos da nossa sociedade e as consequências disso para a relação dos sujeitos com a Lei e a castração.

⁸⁶ A questão do amor do pai pelo viés dos bens materiais ofertados aos filhos ficou bastante evidente nos dois sujeitos entrevistados: o pai de Maurício passava os dias trabalhando para poder oferecer determinadas condições financeiras a sua família, o que justificava sua ausência física e sua distância em relação aos problemas familiares; e o pai de Miro, enquanto tinha status financeiro, era visto como “fazendo tudo o que um pai pode fazer”, mesmo sendo violento com sua mulher e filho, só sendo percebido como desmerecedor quando perdeu os empregos e todos os bens que possuía, o que fica explicitado através da fala de Miro “quando eu comecei a usar drogas, *como ele não tinha mais nada*, aí também *não podia dizer nada*”.

⁸⁷ Segundo Lacan, neste texto, o que o Édipo freudiano tentava dissimular “é que, desde que ele entra no campo do discurso do mestre em que estamos tentando nos orientar, o pai, desde a origem, é castrado” (Lacan, J., 1970/1992, p. 94).

para a existência de um gozo do qual só é possível ter acesso através da relação com as substâncias tóxicas.

Consideramos que tais diferenças podem, de alguma forma, balizar as formas divergentes de relação que esses sujeitos estabeleceram com as drogas: para Maurício, as drogas foram insuficientes, carentes tanto quanto seu pai; por outro lado, para Miro, as drogas adquiriram uma dimensão totalizante, também de forma semelhante ao que ele apreendia do lado paterno. Isso não significa que essa relação possa ser generalizada e transformada em regra universal, mas apenas que, nesses casos aqui trabalhados, pôde fazer a diferença...

Assim, se no apelo feito por Maurício é possível pensarmos algo mais próximo da lógica do sintoma, como mensagem dirigida ao Outro/outro, na identificação quase maciça tal como se apresenta no caso de Miro, é mais apropriado falarmos de uma petrificação do sujeito em relação ao Outro – o que, apesar de não excluir a possibilidade de tratar-se de um sintoma, denuncia uma lógica de funcionamento mais próxima dos fenômenos chamados de ‘toxicomaníacos’, por representar “um retorno do laço social à dualidade” (Vorcaro, A., 2004, p. 73), “numa passagem ao ato que visa fazer coincidir *Grande Outro* e *Objeto pequeno a*” (Idem).

Por tudo isso, acreditamos ser possível sustentar, a partir das entrevistas e histórias de vida que apresentamos aqui e da articulação das mesmas com os ensinamentos da psicanálise freudo-lacanianana, a existência de diferentes modalidades de uso de drogas, as quais, para mais além das idiosincrasias de cada caso, remontam a distinções na relação dos sujeitos com a cultura e com o campo social mais amplo. Portanto, com este trabalho, gostaríamos de salientar que não se trata apenas de afirmar que cada caso é um caso e/ou que cada forma de uso de drogas é único, mas também de estabelecer critérios psicanalíticos mais ou menos abrangentes que, por mais que levem em conta a singularidade subjetiva, sejam capazes também de apontar para as diferenças existentes entre as várias formas de uso de drogas possíveis na nossa sociedade. Só assim não correremos o risco seja de ficar, por um lado, em um relativismo inócuo incapaz de orientar minimamente a escuta clínica e as intervenções sociais, ou, por outro lado, em uma definição policialesca que considera que todo e qualquer tipo de uso de drogas equivale ao que é chamado mais ou menos vulgarmente de ‘toxicomanias’.

5. O momento de concluir...

Ao longo de todo este trabalho, o esforço empreendido por nós foi o de, ao refletir sobre as várias formas de uso de drogas existentes na nossa sociedade capitalista ocidental contemporânea, sustentar a tensão entre o que, nesses fenômenos, consideramos ser da ordem do singular de cada sujeito e o que consideramos ser da ordem do universal da nossa cultura – tentando mostrar a inter-relação entre estes dois âmbitos a partir da análise de dois casos particulares. Acreditamos que, apesar de todas as dificuldades nela implicadas, esta tensão é uma posição a ser sustentada, pois é o que, para nós, permite fazer avançar a pesquisa sobre fenômenos sociais sem que isso implique desconsiderar as posições subjetivas que são, em uma medida significativa, o sustentáculo para tais fenômenos.

Esta tensão, que consideramos necessária, entre social e subjetivo foi um dos motivos pelos quais decidimos manter o uso do termo ‘toxicomanias’ no decorrer de todo este trabalho, mesmo estando avisados de todas as implicações (complicações) teóricas e éticas que surgiriam em sua decorrência. Sendo assim, é importante salientar que concordamos com a perspectiva defendida por alguns autores (Escohotado, 1997; Gianesi, 2002) segundo a qual no âmbito da psicanálise e, em especial, do Discurso do Analista, o dito ‘toxicômano’ e a categoria nomeada de ‘toxicomanias’ não fazem sentido, pois o que existem são sujeitos que estabelecem com os objetos drogas uma relação que adquire relevância crucial e que se torna indispensável para a sua economia e posição psíquicas.

Ainda assim, não podemos negar o fato de que a categoria chamada de ‘toxicomanias’, sobre a qual nos esforçamos para refletir aqui, existe tanto no âmbito do discurso social como no campo da psiquiatria, da psicologia e até mesmo de algumas vertentes da psicanálise. Por isso mesmo, consideramos que não podemos nos eximir de falar acerca disso e de tentar extrair as contribuições e problematizações que o pensamento freudo-lacaniano pode trazer a esta temática. Nesse sentido, é interessante ressaltar que, apesar de alguns psicanalistas lacanianos da atualidade trabalharem com essa noção de ‘toxicomanias’, do ponto de vista dos ensinamentos teóricos de Lacan, este termo traz um resquício de aproximação desses fenômenos com as manias – estas consideradas, a partir de uma perspectiva estrutural, como estando no âmbito da estrutura psicótica.

Talvez seja esse ‘ranço’, advindo da própria nomenclatura psiquiátrica, a qual não se utiliza da noção de diagnóstico estrutural, que torna complicado – mas, ainda assim, necessário, a nosso ver – sustentar estes fenômenos chamados ‘toxicomaniacos’ como sendo transestruturais, ou seja, como podendo comparecer não só na psicose (mania), mas também

na neurose e na perversão. Reconhecemos que tal dificuldade esteve bastante presente neste trabalho, o que justifica a vasta utilização de notas explicativas para esclarecer, por exemplo, que ao fazermos uso das expressões ‘acesso ao gozo [do] Outro’, ‘rompimento com o gozo fálico’, ‘carências paternas’ e ‘narcose do desejo’, só para citar alguns, não estávamos nos referindo ao que concerne particularmente às estruturas psicóticas, mas, diferentemente, estávamos justamente tentando situar o que, nos chamados fenômenos ‘toxicomaniacos’, pode comparecer em qualquer que seja a estrutura clínica do sujeito.

Mas essa dificuldade em situar o que concerne à lógica de funcionamento das chamadas ‘toxicomanias’ sem, contanto, aproximá-la ao que é da ordem das psicoses não é uma característica exclusiva apenas do nosso trabalho. Muito pelo contrário, esta problemática se faz presente na maioria dos textos psicanalíticos que se propõem a considerar tais fenômenos denominados de ‘toxicomaniacos’ como podendo se apresentar em todas as estruturas clínicas e, mais ainda, logicamente, naqueles que insistem em os associar unicamente à estrutura psicótica. Sem nos esquecermos ainda dos autores que aproximam as chamadas ‘toxicomanias’ do que é particular à estrutura perversa...

Consideramos que os embaraços teóricos que sempre se colocam quando o tema em questão são os fenômenos chamados de ‘toxicomaniacos’ a partir de uma perspectiva da psicanálise freudo-lacaniana se devem também ao fato de que o modo de gozo que se extrai de um particular modo de relação com as drogas que temos chamado aqui de ‘toxicomanias’ (um modo de gozo que aproximamos neste trabalho da nomeação lacaniana ‘gozo do Outro’), apesar de todas as suas especificidades, não possui um estatuto bem delimitado no interior do arcabouço teórico da psicanálise. Segundo o psicanalista Néstor Brausntein (2007), isso se dá devido à “polivalência do Outro lacaniano e de seu matema, o A maiúsculo” (p. 152).

Concordamos com este autor que tal polivalência complexifica a diferenciação entre o que é da ordem do gozo do Outro enquanto gozo proporcionado por uma específica forma de relação com as drogas do que é da ordem do gozo feminino, do gozo psicótico, do gozo místico e até mesmo do gozo originário que, advindo do Outro, consiste na primeira marcação do corpo do sujeito – todos esses gozos estando situados na intersecção entre os registros Real e Imaginário e, assim, localizados no ponto em que Lacan, no nó borromeo, designou como pertencente à modalidade de gozo chamada de gozo do Outro.

Ainda assim, se considerarmos que a única definição dada por Lacan (1976) às drogas foi como sendo o que pode permitir ao sujeito romper com o seu falo, ou seja, com o gozo fálico, e que, no modo de relação quase único e exclusivo que o sujeito estabelece com essas substâncias na forma de utilização que temos denominado aqui de ‘toxicomanias’, o gozo do

sentido é elidido juntamente com a palavra no ato mesmo da intoxicação (adicção = a-dicção = ausência de dicção), é possível pensarmos que, a despeito de todas as complicações, é o gozo do Outro que mais se aproxima do que é apreendido na lógica de funcionamento do sujeito que se faz ‘toxicômano’...

Pois, uma das principais constatações feitas por nós ao longo deste trabalho foi que esse rompimento com o gozo fálico, referido por Lacan para falar das drogas, e o concomitante acesso que este rompimento dá ao que é da ordem do ‘gozo do Outro’ não é decorrência necessária de todas as formas de uso de drogas, mas sim de uma utilização específica e que tem sido largamente denominada de ‘toxicomanias’ – quer concordemos com este termo ou não. Dessa forma, nos permitimos afirmar que não são propriamente as drogas que acarretam esta ruptura (pois, caso contrário, ela sempre estaria presente em todo e qualquer modo de utilização), mas que, diferentemente, este rompimento é algo requisitado pelo próprio sujeito na tentativa de livrar-se da angústia decorrente do casamento que contraiu com o falo, sendo que esta tentativa encontra maiores condições de possibilidade e de realização através da utilização de drogas.

A esse respeito, não é demais lembrarmos a afirmação freudiana segundo a qual a ‘perversão’ é o sonho de todo neurótico (Freud, 1907/1996). A despeito de todas as grandes diferenças existentes entre o que é do campo estritamente da perversão e o das chamadas ‘toxicomanias’, acreditamos ser possível afirmar que estas últimas conferem uma ‘interessante’ possibilidade de realização *parcial* desse sonho neurótico de conseguir extrair do prazer um gozo ou vice-versa (‘perversão’), posto que, na estrutura neurótica, o gozo fálico é sentido o mais das vezes como extremamente desprazeroso e angustiante. Nesse sentido, a injunção ao gozo (“Goza!”) que é feita na nossa sociedade capitalista contemporânea pode abrir caminho para a realização desse sonho, que é estrutural, através da oferta de um objeto de consumo historicamente datado: as drogas.

É nesse sentido que imaginamos poder pensar a passagem, marcada por Lacan, do Discurso do Mestre para o Discurso do Capitalista, operada a partir do desenvolvimento da Ciência Moderna, como Discurso dominante na nossa sociedade e cultura atuais: este último Discurso alimenta nos sujeitos a esperança de que esse sonho ‘perverso’ do neurótico é possível! E mais: que sua realização está ali ao alcance da mão, pronto para ser trocado por algumas cifras... Assim, enquanto o Discurso do Mestre marca esse sonho como um impossível, posto que há uma dupla barra entre o sujeito (\$) e o objeto (*a*), o Discurso do Capitalista propõe várias formas de tornar esse impossível possível, tentando transformar o

objeto mais-de-gozar em objeto de gozo e a fantasia ($\$ \diamond a$) em realizável ($a \rightarrow \$$ ⁸⁸), ofertando, assim, um semblante de gozo pleno que tem nas ditas ‘toxicomanias’ um exemplo (*marketing*) paradigmático.

Sendo assim, talvez pudéssemos pensar que, se o Discurso do Mestre ainda está pautado na lógica fálica, o Discurso do Capitalista, por sua vez, é uma *ruptura*, uma subversão, desta mesma lógica – o que tornaria coerente a aproximação deste último com a lógica de funcionamento apreendida nas chamadas ‘toxicomanias’, nas quais, conforme dissera Lacan, há um rompimento com o gozo fálico... Pois, tanto no Discurso do Capitalista como nas chamadas ‘toxicomanias’ há a tentativa de apagar o fato de que o objeto ‘adequado’ ao desejo é marcado por uma falta, por uma impossibilidade.

Porém, temos claro que estas distinções, as quais estivemos nos propondo pensar ao longo de todo este trabalho, entre o que é da ordem de um uso de drogas regulado social e falicamente e uma utilização que é denominada mais ou menos vulgarmente de ‘toxicômana’, merecem ser pensadas com o máximo de cuidado, para não incorrerem no risco de que as mesmas sejam afirmadas como diferenças classificatórias, nosográficas e/ou diagnósticas – as quais sempre trazem embutido o perigo de apagamento do sujeito e da singularidade de sua posição subjetiva. Acerca disso, podemos citar o exemplo de algumas distinções propostas por alguns autores, como Sylvie Le Poulichet⁸⁹ (1990) e Néstor Braunstein⁹⁰ (2007), no que diz respeito aos diferentes modos de relação do sujeito com as drogas, mas que, a nosso ver, acabam, sem querer, sugerindo nomenclaturas que tornam problemáticos tanto, por um lado, a

⁸⁸ Interessante ressaltar que esse matema $a \rightarrow \$$ é a fórmula da fantasia perversa e se encontra presente na escritura do Discurso do Capitalista, o que torna justificável a afirmação de alguns autores segundo a qual esse Discurso presentifica a própria ‘perversão’ do laço social – sendo essa ‘perversão’ do laço social, a qual estamos nos referindo aqui, diferente da perversão enquanto estrutura clínica.

⁸⁹ A distinção proposta pela psicanalista Le Poulichet (1990) é entre o que ela chama de “toxicomanias de suplência” e “toxicomanias de suplemento”: enquanto nesta última as drogas são apresentadas como um “plus fálico”, na primeira são apresentadas como fazendo suplência à falta do significante Nome-do-Pai e da amarração fornecida pelo mesmo. A impressão que fica da leitura desta distinção é que a primeira refere-se à estrutura psicótica e a segunda à estrutura neurótica – apesar de tal articulação não estar explícita nos escritos da autora. O problema que vemos aí é que essa teorização pode sugerir que, por si só, uma determinada estrutura clínica respalda em todos os sujeitos nela constituídos uma igual utilização da substância tóxica; um uso que, de saída, diferiria do respaldado por outras estruturas. Além disso, é importante notar que propor uma ‘toxicomania’, no caso a ‘de suplemento’, como estando na lógica fálica, contraria a própria definição lacaniana de ‘toxicomanias’.

⁹⁰ Por sua vez, Braunstein (2007) propõe a distinção entre “adições”, “A-dições” e “@-dições”: sendo as primeiras relacionadas a tudo o que tira o sujeito do campo da dicção, da fala; as segundas referidas a um modo de adição em que o sujeito, por um lado, tenta separar-se de forma radical do que é do campo do Outro ($A = \text{Autre}$), ou, por outro lado, se posicionar frente à sua ausência; e as últimas um modo de, pelas drogas, tentar recuperar algo da ordem do objeto a , do objeto causa de desejo que é perdido desde sempre, de forma que nessa tentativa, o sujeito fica como dejetado. A nosso ver, esta separação entre o que é do campo da dicção, o que é do campo do Outro e o que é do campo do objeto a é um pouco artificial e problemática, tanto no âmbito da teoria como no âmbito clínico.

visada clínica ao sujeito como, por outro, a própria coerência e rigor da sistematização teórica.

Dessa maneira, concebemos este nosso trabalho como um *esforço* de marcar as diferenças teóricas e clínicas entre um tipo de consumo de drogas que a maior parte dos estudiosos do assunto tem chamado de ‘toxicomanias’ e as demais formas de uso de substâncias tóxicas. Mas reconhecemos que esse é um esforço que está longe de esgotar uma questão tão problemática e complexa como é o caso dos fenômenos ditos ‘toxicomaniacos’. Pois, além de todas as especificidades, e até mesmo limitações, existentes em todo e qualquer trabalho acadêmico, é importante destacar que o nosso possui uma particularidade que não pode ser desconsiderada: o fato de os dois sujeitos escutados terem sido entrevistados em um momento no qual a solução que as drogas perfaziam para eles já ter em alguma medida falhado. Ou seja, para os sujeitos cujas entrevistas foram analisadas aqui, as drogas já não constituíam mais uma solução plenamente bem sucedida: para Miro, já haviam se tornado também um grande problema e, para Maurício, não desempenhavam mais a importância significativa (simbólica) de outrora – o que talvez tenha sido justamente o que permitiu que eles falassem sobre suas relações com essas substâncias de forma tão aprofundada.

Sendo assim, é necessário que as questões aqui colocadas continuem a ser pensadas, visto que muitas delas permanecem mesmo irrespondidas – e nem era nossa pretensão respondê-las todas. Um tema tão amplo como esse a que nos propusemos refletir neste trabalho requer uma discussão igualmente ampla, pois seu estudo poderá trazer conseqüências importantes sobre muitos aspectos tanto da vida dos sujeitos que fazem uso de drogas como da sociedade de maneira geral: legislações, políticas públicas de tratamento, ampliação das formas de atendimento clínico, além do enriquecimento dos debates sobre os paradoxos do capitalismo e do modelo neoliberal, sobre a criminalização de determinadas substâncias tóxicas em detrimento de outras etc. Temas que ficam aqui apontados como possibilidades para o desenvolvimento de trabalhos futuros.

Gostaríamos, então, de terminar esta dissertação justificando e ao mesmo tempo ratificando o uso da expressão “o momento de concluir” no fechamento deste trabalho. Pois, segundo Lacan (1966/1998), este termo designa um momento lógico de término de um processo, mas o qual, para que seja finalizado enquanto tal, requer um ato, uma antecipação, uma certeza antecipada, visto que se se ficar esperando pelo fechamento da cadeia, do Simbólico (no caso, pelo entendimento pleno da questão a qual nos propusemos pesquisar aqui), o trabalho é interminável – como bem já havia observado Freud (1937/1996) acerca do processo analítico. Nesse sentido, fez-se aqui uma antecipação necessária à conclusão deste

trabalho acadêmico, mas que sabemos não ter encerrado todas as questões que mobilizaram esta pesquisa. Questões estas que, por permanecerem em aberto, esperamos poder mobilizar ainda muitos outros trabalhos, mas que, como este, também não dirão *toda* a verdade, posto que esta é sempre não-toda, interminável, impossível...

Referências Bibliográficas

- Alberti, S. (1998). Adolescência e droga: um caso. In: L. Bentes & R. F. Gomes (Orgs.). *O Brilho da Infelicidade* (p. 125-133). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- _____ (2000). Intervenção. In: F. T. Grossi; I. V. Bahia & O. Cirino (Orgs.). *Psicóticos e adolescentes: por que se drogam tanto?*. Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania.
- _____ (2003). O sintoma, a toxicomania. *Stylos da clínica: revista de psicanálise*, 6, 50-56.
- Alberti, S.; Inem, C. L. & Rangel, F. C. (2003). Fenômeno, estrutura, sintoma e clínica: a droga. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, PUC/SP, 6, 11-29.
- Althusser, L. (1964/1984). *Freud e Lacan: Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal.
- Andery, M. et al. (1988). *Para compreender a Ciência*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo. São Paulo: Educ.
- Araújo, T. (2007). Drogas: proibir é legal?. In: *Revista Superinteressante*, 244, 62-71. São Paulo: Ed. Abril.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bell, D. (1978). *The cultural contradiction of the capitalism*. New York: Basic Books.
- Bentes, L. (1998). Apresentação. In: L. Bentes & R. F. Gomes (Orgs.). *O Brilho da Infelicidade* (p. 9-14). Rio de Janeiro: Kalimeiros.
- Bianchetti, R. G. (2001). *Modelo Neoliberal e Políticas Educacionais*. São Paulo: Cortez.
- Bittencourt, L. (1993). Algumas considerações sobre a neurose e a psicose nas toxicomanias. In: C. L. Inem & G. Acselrad (Orgs.). *Drogas: uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Braunstein, N. (2007). *Gozo*. São Paulo: Escuta.
- Carneiro, H. (2005). *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- _____ (2006). As drogas no Brasil: entre o delírio e o perigo. In: *Revista Nossa História*, 33, 12-26. São Paulo: Ed. Vera Cruz.
- Centro Bíblico Católico (1957/1998). *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Ave-Maria.

- Cesarotto, O. (1989). *Um affair freudiano: os escritos de Freud sobre a cocaína*. São Paulo: Iluminuras.
- Cirino, O. (2000). Abertura. In: F. T. Grossi; I. V. Bahia & O. Cirino (Orgs.). *Psicóticos e adolescentes: por que se drogam tanto?*. Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania.
- Conte, M. (2000). *A clínica psicanalítica com toxicômanos: o “Corte & Costura” no enquadre institucional*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Costa, J. F. (1991). Resposta a Otávio de Souza. In: L. T. de Aragão et al. *Clínica do Social: Ensaio* (p. 93-104). São Paulo: Escuta.
- Déborde, G. (1967/1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dor, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- DSM-IV (1994). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi.
- Elia, L. (2000). Psicanálise: clínica e pesquisa. In: S. Alberti (Org.). *Clínica e Pesquisa em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Escohotado, A. (1997). *O Livro das drogas: usos e abusos, desafios e preconceitos*. São Paulo: Dynamis Editorial.
- Faria, M. R. (2003). *Constituição do sujeito e estrutura familiar – o complexo de Édipo de Freud a Lacan*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria.
- Fernandes, L. R. (2000). *O olhar do engano: autismo e Outro primordial*. São Paulo: Escuta.
- Ferreira, A. B. (1988). *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- Filho, A. & Torres, M. (Orgs.) (2002). *Drogas: isso lhe interessa? Confira aqui*. Salvador: CETAD/UFBA/CPTT/PMV.
- Figueiredo, L. C. (2000). *Psicologia: uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ.
- _____ (2004). *Revisitando as Psicologias*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fingerman, D. (2005). Os destinos do mal: perversão e capitalismo. In: D. Fingerman & M. M. Dias. *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras.
- Foucault, M. (1975/2002). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- Freda, H. (1993). Ela nunca me engana. In: *Coletânea de textos sobre toxicomania e alcoolismo do Centro Mineiro de Toxicomania* (p. 26-30). Belo Horizonte: Publicação interna do Centro Mineiro de Toxicomania.

- _____ (1993). Quem lhe disse isso? In: *Coletânea de textos sobre toxicomania e alcoolismo do Centro Mineiro de Toxicomania* (p. 1-13). Belo Horizonte: Publicação interna do Centro Mineiro de Toxicomania.
- Freud, S. (1895/1996) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1898/1996). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1898/1996). O mecanismo psíquico do esquecimento. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1905/1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1905/1996). Tratamento psíquico (ou anímico). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1905/1996). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. VIII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1911/1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1912/1996). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera amorosa (contribuições à psicologia do amor II). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1912/1996). Contribuições a um debate sobre a masturbação. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1912/1996). Bate-se numa criança. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1913/1996). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1914/1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1917/1996). Luto e melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1920/1996). Além do Princípio do Prazer. In: *Edição Estandar Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1921/1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição Estandar Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1925/1996). A negativa. In: *Edição Estandar Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1927/1996). O Fetichismo. In: *Edição Estandar Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1927/1996). O Futuro de uma Ilusão. In: *Edição Estandar Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1928/1996). Dostoiévski e o parricídio. In: *Edição Estandar Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1930/1996). O Mal-estar na Civilização. In: *Edição Estandar Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XXI.). Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1937/1996). Análise terminável, análise interminável. In: *Edição Estandar Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XXIII.). Rio de Janeiro: Imago.

Garcia-Roza, L. A. (2000). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Gianesi, A. P. L. (2002). *Toxicômano? Considerações psicanalíticas sobre a toxicomania, o objeto droga e o sujeito da psicanálise*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Grossi, F. (1995). Psicanálise ou Gadgets. In: *Ato e toxicomania – um banquete (VIII Jornada de trabalhos do Centro Mineiro de Toxicomania)* (p. 140-145). Belo Horizonte: Publicação interna do Centro Mineiro de Toxicomania.

Grossi, F. & Nogueira, C. S. P. (1996). Novas considerações sobre a abordagem psicanalítica no tratamento da toxicomania. In: *Subversão do sujeito na clínica das toxicomanias (IX Jornada de trabalhos do Centro Mineiro de Toxicomania)* (p. 122-130). Belo Horizonte: Publicação interna do Centro Mineiro de Toxicomania.

Gurfinkel, D. (1995). *A pulsão e seu objeto droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis: Vozes.

Homero (séc. IX a.C./1996). *Odisséia*. São Paulo: Cultrix.

_____ (séc. IX a. C/ 1996). *Ilíada*. São Paulo: Cultrix.

Inem, C. L. (1999). A Spaltung do Sujeito e o Fenômeno Toxicomaníaco. In: S. Alberti (Org.). *Autismo e Esquizofrenia na clínica da esquizo* (p. 131-145). Rio de Janeiro: Marca d'Água livraria e editora.

- _____ (2006). Toxicomanias: vicissitudes e impasses do desejo. In: *As realidades sexuais e o inconsciente (Publicação da Escola Psicanalítica dos Fóruns do Campo Lacaniano)*. (p. 298-303). Salvador: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.
- Karam, M. L. (1998). Drogas: a irracionalidade da criminalização. In: L. Bentes & R. F. Gomes (Orgs.). *O Brilho da Infelicidade* (p. 249-270). Rio de Janeiro: Kalimeiros.
- Kaufmann, P. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- Lacan, J. (1939/1985). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1949/1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: J. Lacan. *Escritos* (p. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1946/1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: J. Lacan. *Escritos* (p. 152-194). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1953/1995). *O Seminário, Livro I: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1954/1995). *O Seminário, Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1957/1999). *O Seminário, Livro V: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1959/1995). *O Seminário, Livro VII: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1960/2005). *O Seminário, Livro X: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1964/1995). *O Seminário, Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1966/1998). A ciência e a verdade. In: J. Lacan. *Escritos* (p. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1966/1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: J. Lacan. *Escritos* (p. 197-213). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1966). La place de la psychanalyse dans la medecine. In: *Conférence et débat du Collège de Médecine à La Salpêtrière: Cahiers du Collège de Médecine*, 761-774.
- _____ (1969). *O Seminário, Livro XVI: De um Outro ao outro*. Edição não comercializável.

- _____ (1970/1992). *O Seminário, Livro XVII: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1972). Du discours psychanalytique. In: *Lacan en Italie* (p. 32-54). Paris: Éditions du Seuil.
- _____ (1973/1985). *O Seminário, Livro XX: Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1974). Le Troisième (7^o Congresso da École Freudienne de Paris). *Lettres de l'École freudienne*, 16, 178-203.
- _____ (1974). *O Seminário, Livro XXII: RSI*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____ (1974/1993). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1976). Journées des cartels de l'École Freudienne de Paris. *Lettres de l'École Freudienne*, 18, 263-270.
- _____ (2005). *Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Laranjeiras, R. (2004). Prefácio. In: I. Pinsky & M. A. Bessa. *Adolescência e drogas* (p. 9-10). São Paulo: Contexto.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Laurent, E. (1997). Tres observaciones sobre la toxicomania. In: E. S. Sinatra, D. Sillitti & M. Tarrab (Orgs.). *Sujeto, goce y modernidad II – Fundamentos de la clínica* (p. 15-21). Buenos Aires: Atuel - TyA.
- Leite, E. A. F. (2005). *Drogas – concepções, imagens: um comentário sobre dependência a partir do modelo usual de prevenção*. São Paulo: Annablume; Fapesp.
- Le Poulichet, S. (1990). *Toxicomanías y psicoanálisis – Las narcosis del deseo*. Buenos Aires: Amorrotu Editores.
- Lévi-Strauss, C. (1970). *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Lima, C. H. & Alves Júnior, A. J. (1998). O mal-estar na cidade: segregação e toxicomania. In: L. Bentes & R. F. Gomes (Orgs.). *O Brilho da Infelicidade* (p. 55-64). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Lipovetsky, G. (1983/1989). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago.
- Melman, C. (1987/1997). Porque o ICMS não é aplicável à sessão de psicanálise? In: R. Goldemberg (Org.). *Goza!: capitalismo, globalização e psicanálise* (p. 106-126). Salvador: Ágalma.

- _____ (2000). *Alcoolismo, delinqüência e toxicomania – uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta.
- Miller, J. A. (1993). Para uma investigação acerca del goce autoerótico. In: E. S. Sinatra, D. Sillitti & M. Tarrab (Orgs.). *Sujeto, goce y modernidad – los fundamentos de la clínica* (p. 13-23). Buenos Aires: Ed. Atuel - TyA.
- Miranda, E. R. (1998). O objeto droga e o objeto criança: algumas considerações. In: L. Bentes & R. F. Gomes (Orgs.). *O Brilho da Infelicidade* (p. 179-186). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Neparstek, F. (2005). *Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo*. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Nogueira, C. S. P. (2006). A família na toxicomania. In: O. Cirino & R. Medeiros (Orgs.). *Álcool e outras drogas: impasses, escolhas e saídas possíveis* (p. 147-156). Belo Horizonte: Autêntica.
- Nogueira Filho, D. M. (2004). *Toxicomanias*. São Paulo: Escuta.
- Olivieri, F. (1998). A psicanálise diante da toxicomania. In: L. Bentes & R. F. Gomes (Orgs.). *O Brilho da Infelicidade* (p. 173-178). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Pacheco Filho, R. A. (1998-1999). Drogas: Um mal-estar na cultura contemporânea. *Psicanálise e Universidade: Revista do Núcleo de Pesquisas Psicanalíticas e do Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade da PUC/SP*, 9-10, 119-147.
- _____ (2005). O capitalismo neoliberal e seu sujeito. In: *Mental: Revista de Saúde Mental e Subjetividade da Universidade Presidente Antônio Carlos*, 4, 2, 155-173. Barbacena (MG): UNIPAC.
- Passeti, E. (1991). *Das fumèries ao narcotráfico*. São Paulo: Educ.
- Pereira, S. M. (2006). O uso e o abuso de drogas na adolescência. In: O. Cirino & R. Medeiros (Orgs.). *Álcool e outras drogas: impasses, escolhas e saídas possíveis* (p. 137-143). Belo Horizonte: Autêntica.
- Platão (385-370 a.C./2003). *Fédro: diálogo sobre a alma e morte de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret.
- Quinet, A. (2006). *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Rezende, M. (2000). Uso, abuso e dependência de drogas: delimitações sociais e científicas. *Revista Psicologia & Sociedade*, 12, 144-155.
- Rodrigues, T. M. S. (2004). *Políticas e drogas nas Américas*. São Paulo: Educ.
- Safatle, V. (2005). Depois da culpabilidade: figuras do supereu na sociedade de consumo. In: C. Dunker & J. L. A. Prado (Orgs.). *Zizek crítico: política e psicanálise na época do multiculturalismo* (p. 119-140). São Paulo: Hacker Editores.

- Santiago, J. (2001). *A Droga do Toxicômano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Seibel, S. D. & Toscano Júnior, A. (2001). *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu.
- Silva Júnior, N. (2003). A sublimação na contemporaneidade: o imperialismo da imagem e os novos destinos pulsionais. In: L. B. Fuks & F. F. Ferraz (Orgs.). *Desafios para a psicanálise contemporânea* (p. 239-249). São Paulo: Escuta.
- Sinatra, E. (1995). La existência del goce y la del toxicômano. In: E. S. Sinatra, D. Sillitti & M. Tarrab (Orgs.). *Sujeto, goce y modernidade III – De la monotonía a la diversidad* (p. 109-119). Buenos Aires: Atuel - TyA.
- _____ (1996). Paradojas del consumo: tontos, cínicos e canallas. In: E. Sinatra. *La racionalidad del psicoanálisis* (p. 157-170). La Paz: Plural Editores.
- Soler, C. (1997). O sujeito e o Outro. In: R. Feldstein; B. Fink & M. Jaanus (Orgs.). *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (p. 52-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____ (1998). Sobre a segregação. In: L. Bentes & R. F. Gomes (Orgs.). *O Brilho da Infelicidade* (p. 43-53). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Souza, O. (1991). Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática. In: L. T. de Aragão et al. *Clínica do Social* (p. 75-92). São Paulo: Escuta.
- Tavares, E. E. (1996). O pai amoroso. In: *Psicanálise em tempos de violência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 12, 33-41. Porto Alegre: Artes e ofícios.
- Teixeira, M. do R. (2005). *Vicissitudes do Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Valas, P. (2001). *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Vorcaro, A. (2004). Seria a toxicomania um sintoma social?. In: *Mental: Revista de Saúde Mental e Subjetividade da Universidade Presidente Antônio Carlos*, 3, 2, 61-73. Barbacena (MG): UNIPAC.
- Weber, M. (1920/1998). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Centauro.